

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HELLEN CLAUCIA MENDES PINHEIRO DE MOURA HRYCYK

VOLUNTURISMO RURAL EM PROPRIEDADES DE AGRICULTURA ORGÂNICA:
UMA ANÁLISE DA OFERTA NO SUL DO BRASIL

CURITIBA

2019

HELLEN CLAUCIA MENDES PINHEIRO DE MOURA HRYCYK

VOLUNTURISMO RURAL EM PROPRIEDADES DE AGRICULTURA ORGÂNICA:
UMA ANÁLISE DA OFERTA NO SUL DO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Bartoszeck Nitsche

CURITIBA
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Hrycyk, Hellen Claucia Mendes Pinheiro de Moura.

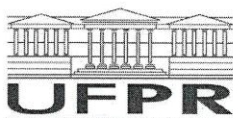
Volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica :
uma análise da oferta no sul do Brasil / Hellen Claucia Mendes
Pinheiro de Moura Hrycyk. – Curitiba, 2019.

120 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná.
Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Turismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Letícia Bartoszeck Nitsche

1. Turismo Rural – Brasil. 2. Voluntários – Turismo. 3.
Agricultura orgânica – Turismo. I. Título. II. Universidade Federal
do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -
40001016079P9

ATA Nº5.19

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM TURISMO

No dia vinte e quatro de abril de dois mil e dezenove às 14:00 horas, na sala 316, Campus Rebouças, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **HELLEN CLÁUCIA MENDES PINHEIRO DE MOURA HRYCYK** para a Defesa Pública de sua dissertação intitulada **VOLUNTURISMO RURAL EM PROPRIEDADES DE AGRICULTURA ORGÂNICA: UMA ANÁLISE DA OFERTA NO SUL DO BRASIL**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em TURISMO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE (UFPR), BRUNO MARTINS AUGUSTO GOMES (UFPR), LUCIANE DE FATIMA NERI (UFPR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela APROVAÇÃO da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 24 de Abril de 2019.

LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE

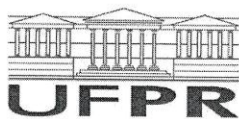
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

BRUNO MARTINS AUGUSTO GOMES

Avaliador Interno (UFPR)

LUCIANE DE FATIMA NERI

Avaliador Externo (UFPR)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -
40001016079P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **HELLEN CLAUCIA MENDES PINHEIRO DE MOURA HRYCYK** intitulada: **VOLUNTURISMO RURAL EM PROPRIEDADES DE AGRICULTURA ORGÂNICA: UMA ANÁLISE DA OFERTA NO SUL DO BRASIL**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua A PROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 24 de Abril de 2019.

LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHÉ

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

BRUNO MARTINS AUGUSTO GOMES

Avaliador Interno (UFPR)

LUCIANE DE FATIMA NERI

Avaliador Externo (UFPR)

Dedico essa dissertação à minha família, meus pilares de sustentação.
Pai, mãe, Thaynara, Adriano e Sophie, por vocês e para vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que até aqui me sustentou. Muitos podem dizer que cheguei até aqui por força de vontade, esforço próprio e dedicação. Concordo. Mas tudo isso foi graça de Deus, o meu Senhor. Nos momentos mais difíceis, quando pensei em desistir, quando ponderei a minha decisão sobre essa pós-graduação, quando eu chorei por achar que não conseguiria, o Senhor me guiava e me dava forças. Mesmo com mudança de cidade, 600 quilômetros semanais para assistir uma aula, família para cuidar e outras tantas responsabilidades, eu consegui. Obrigada, meu Deus.

Aos meus pais Cláudio e Helena, que tudo me ensinaram, como ser uma pessoa decente, determinada e responsável. À minha mãe, que sempre sonhou em me ver formada: mãe, veja onde cheguei! Ao meu pai, que o Senhor livrou da morte e deu a chance de me ver aqui. Obrigada por todo o esforço de vocês em me criar, me amar e me apoiar. Obrigada.

Ao meu esposo Adriano, quantos filmes não pudemos assistir juntos, pois eu estava estudando, quantas vezes eu disse: “vá deitar, eu vou ficar acordada mais um pouco”. Você foi quem mais me incentivou, quem mais acreditou em mim. Deu o seu apoio incondicional e em nenhum momento deixou que eu esmorecesse. Obrigada. Nesse mesmo agradecimento, à Sophie, minha pequena filhinha, que mesmo tão criança entendia que a mamãe tinha que viajar semanalmente para estudar, que entendia que as brincadeiras nunca duravam o tempo que ela gostaria porque a mamãe tinha que acabar de ler mais um artigo. Obrigada, minha bebê!

À minha amada irmã Thaynara Pinheiro, minha amiga e conselheira, minhas risadas quando eu precisava de distração. Obrigada por ter me aguentado por um ano como sua hóspede mais frequente. Você merece o mundo!

Aos meus companheiros de turma, tivemos grandes trocas de aprendizado, foi uma honra ter estudado com todos vocês, turma de 2017. Um agradecimento especial, à minha amiga e parceira Izabelly, veja onde chegamos! Há sete anos compartilhamos sonhos, brincadeiras e estudos, e mais uma vez caminhamos juntas nessa trilha. Conseguimos! Obrigada por sempre estar do meu lado e me aturar.

A todos os professores do setor de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Paraná. Com alguns estou junto desde a graduação, e em todo esse tempo aprendi a admirar cada um de vocês, tenho imenso orgulho de dizer que vocês foram meus mestres e que sou filha da UFPR. Obrigada, minhas inspirações.

Obrigada, professora Dra. Luciane Neri, por ter se disponibilizado em ser minha avaliadora, tenho grande admiração por sua dedicação, modo de lecionar e pela sua paixão pelo que faz.

Obrigada, professor Dr. Bruno Gomes, que foi o primeiro a acreditar em mim, ainda na época em que eu era graduanda, enquanto me orientava para TCC. Foi quem me incentivou a entrar nessa, mesmo eu duvidando que seria capaz. Admiro sua dedicação e paixão por ser professor, é um exemplo a ser seguido. Obrigada pelas conversas e aulas sempre bem elaboradas, levarei comigo seus conselhos e amizade.

Obrigada à minha querida orientadora professora Dra. Leticia Nitsche. Sanou minhas dúvidas, divertiu-se com minhas bobagens, aguentou minha choradeira e, acima de tudo, embarcou nesse tema comigo, sem questionar se seria válido ou se daria certo. Suas orientações abriram minha mente e, nas vezes que eu me sentia perdida, apenas por ver a calma que conseguia expressar e me explicar, já me tranquilizava. Foi uma honra ter sido orientada por você. Obrigada por esses dois anos de dedicação e trabalho.

Obrigada!

*Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o
Senhor, e não para os homens.*

Colossenses 3:23

RESUMO

O volunturismo praticado em meio rural nas propriedades de agricultura orgânica ainda é uma atividade pouco reconhecida como segmento turístico, sendo mais procurada especialmente por volunturistas internacionais como uma alternativa ao turismo convencional. Em outros países, como nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, o volunturismo rural já é consolidado e comercializado como um tipo de intercâmbio. A intermediação entre o agricultor e o praticante de volunturismo rural conta com o WWOOF – *World Wide Opportunities on Organic Farms*, uma instituição com filiais em cento e trinta e dois países, que atua na captação de WWOOFer's – os praticantes de volunturismo rural – e na busca de propriedades rurais para os praticantes. Esta pesquisa, de caráter quali-quantitativa e com aspectos exploratórios-descritivo, buscou analisar a oferta das propriedades de volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Dentre os fatores que foram pesquisados estão as motivações dos proprietários, as atividades desempenhadas pelos voluntários, a estrutura e a infraestrutura para recepcionar esses volunturistas e as adaptações realizadas nas propriedades para se tornarem um receptor de volunturistas. A pesquisa teve inicialmente uma pesquisa bibliográfica, utilizando de temas correlacionados na construção do referencial teórico. Uma quantificação foi realizada por meio de levantamento de dados, com o intuito de identificar o perfil das propriedades do Sul do Brasil. Esse levantamento foi realizado em duas etapas, sendo essas o resultado do questionário aplicado *online*, com os proprietários rurais e também com a análise dos dados disponíveis no *site* do WWOOF Brazil. A parte qualitativa da pesquisa foi realizada por coleta de dados, utilizando do questionário enviado, com perguntas específicas sobre motivação, necessidades e satisfação dos proprietários, assim como uma entrevista realizada com um proprietário rural, por meio de roteiro semi-estruturado. A análise dos dados revelou o perfil da oferta de volunturismo rural no Sul do Brasil, assim como as motivações dos proprietários em implantar a atividade em suas propriedades. Como conclusão, foram identificadas algumas deficiências na divulgação e intermediação entre proprietário e volunturista, assim como a falta de informações completas no *site* e uma melhor assistência tanto aos volunturistas quanto aos proprietários. Foi possível também identificar os principais pontos que poderiam ser mudados, tanto no *site* como também na forma como o produto volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica é ofertado.

Palavras-chave: Voluntariado; Volunturismo; Turismo Rural; Agricultura Orgânica WWOOF; Oferta Turística.

ABSTRACT

The voluntourism practiced in rural surroundings on the properties of organic farming is still a little activity recognized as tourist segment, being more sought after especially by international volunturistas as an alternative to conventional tourism. In other countries, like the United States and in some European countries, the rural voluntourism is already consolidated and marketed as a kind of Exchange. The intermediation between the farmer and the rural volunteer practitioner relies on the WWOOF - World Wide Opportunities on Organic Farms, an institution with branches in one hundred and thirty-two countries, that acts in the capture of WWOOFer's - the rural volunteering practitioners - and in the search for rural properties for the practitioners. This research, quantitative and exploratory aspects character-descriptive, sought to examine the offer of the rural voluntourism properties in organic farming properties in the States of Parana, Santa Catarina and Rio Grande do Sul. Among the factors that were researched are the motivations of the owners, the activities performed by the volunteers, the structure and the infrastructure to receive these volunteers and the adaptations made on the properties to become a recipient of volunteers. The survey had initially a literature search using related themes in the construction of the theoretical framework. Quantification was carried out by means of data collection, in order to identify the profile of the properties in the South of Brazil. This survey was conducted in two stages, being these the result of questionnaire applied online, with the landowners and the analysis of the data available on the website of the WWOOF Brazil. The qualitative part of the survey was conducted for data collection, using the questionnaire sent with specific questions about motivation, needs and satisfaction of the owners, as well as an interview conducted with a landowner, by using semi-structured roadmap. The analysis of the data revealed the profile of rural voluntourism in the South of Brazil, as well as the motivations of owners deploy the activity on their properties. As a conclusion, some deficiencies were identified in the disclosure and intermediary between owner and volunturista, as well as the lack of complete information on the site and a better assistance to volunteers about the owners. It was also possible to identify the main points that could be changed, both on site as well as how the product voluntourism in organic agriculture properties is offered.

Key words: Volunteering; Voluntourism; Rural tourism; Organic Agriculture WWOOF; Tourist Offer.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:	ORIGENS DO VOLUNTURISMO.....	24
FIGURA 2:	MAPA CONCEITUAL DO VOLUNTURISMO.....	25
FIGURA 3:	PIRÂMIDE DA TEORIA DAS NECESSIDADES DE MASLOW....	29
FIGURA 4:	MAPA DOS PAÍSES QUE POSSUEM FILIAÇÃO COM O WWOOF.....	46
FIGURA 5:	MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DAS PROPRIEDADES PELO BRASIL	47
FIGURA 6:	MAPA REGIÃO SUL DO BRASIL.....	50
FIGURA 7:	CULTIVO DE HORTALIÇAS.....	118
FIGURA 8:	TIPO DE ALOJAMENTO PRÓPRIO.....	118
FIGURA 9:	ATRATIVO NATURAL DA PROPRIEDADE.....	119
FIGURA10:	ALOJAMENTO.....	119
FIGURA11:	TIPO DE CULTIVO.....	120

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1:	RELAÇÃO AO VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM A PROPRIEDADE.....	94
GRÁFICO 2:	REFERENTE AO ESTADO QUE SE LOCALIZA A PROPRIEDADE.....	95
GRÁFICO 3:	EM RELAÇÃO AO TRABALHO DA PROPRIEDADE.....	96
GRÁFICO 4:	SOBRE O TIPO DE CULTIVO PRINCIPAL DA PROPRIEDADE.....	96
GRÁFICO 5:	DE DIVULGAÇÃO DA PROPRIEDADE.....	97
GRÁFICO 6:	EM RELAÇÃO AO TEMPO DE CADASTRO NO WWOOF BRAZIL.....	98
GRÁFICO 7:	EM RELAÇÃO AO TIPO DE ALOJAMENTO OFERTADO AOS VOLUNTURISTAS.....	98
GRÁFICO 8:	NÚMERO DE VOLUNTURISTAS COMPORTADOS NO ALOJAMENTO.....	99
GRÁFICO 9:	QUANTIDADE DE VOLUNTURISTAS RECEBIDOS EM 2017..	99
GRÁFICO 10:	EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES TURÍSTICAS.....	100
GRÁFICO 11:	COMODIDADES.....	101
GRÁFICO 12:	INFRAESTRUTURA.....	102
GRÁFICO 13:	PRINCIPAL ATRATIVO DA PROPRIEDADE.....	103
GRÁFICO 14:	SE A PROPRIEDADE RECEBE O PÚBLICO EM GERAL.....	103
GRÁFICO 15:	SOBRE PROIBIÇÕES AOS VOLUNTURISTAS.....	104
GRÁFICO 16:	SOBRE A FORMA DE HOSPEDAGEM DO VOLUNTURISTA SEM A UTILIZAÇÃO DO WWOOF BRAZIL.....	106
GRÁFICO 17:	SOBRE PROBLEMAS COM OS VOLUNTURISTAS.....	106
GRÁFICO 18:	NÍVEL DE SATISFAÇÃO DO PROPRIETÁRIO RURAL.....	107
GRÁFICO 19:	NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM O WWOOF.....	108
GRÁFICO 20:	DISTRIBUIÇÃO DAS PROPRIEDADES ENTRE OS ESTADOS DO SUL DO BRASIL.....	109
GRÁFICO 21:	TIPOS DE CULTIVO – PARANÁ.....	111
GRÁFICO 22:	TIPOS DE CULTIVO – SANTA CATARINA.....	112

GRÁFICO 23: TIPOS DE CULTIVO RIO GRANDE DO SUL.....	113
GRÁFICO 24: INFORMAÇÕES ADICIONAIS – PARANÁ.....	114
GRÁFICO 25: INFORMAÇÕES ADICIONAIS – SANTA CATARINA.....	115
GRÁFICO 26: INFORMAÇÕES ADICIONAIS – RIO GRANDE DO SUL.....	116
GRÁFICO 27: PROIBIÇÕES E EXCEÇÕES DO WWOOF BRAZIL.....	117

LISTAS DE QUADROS

QUADRO 1:	MODELOS DE GESTÃO RURAL PATRONAL E FAMILIAR.....	35
QUADRO 2:	PROPRIEDADES DO SUL DO BRASIL CADASTRADAS NO WWOOF BRAZIL.....	51
QUADRO 3:	INFORMAÇÕES SOBRE TIPO DE ALOJAMENTO, QUANTIDADE DE TURISTAS COMPORTADOS E TIPO DE COMODIDADES OFERECIDAS.....	58

LISTA DE SIGLAS

AEDB: Associação Educacional Dom Bosco

AMI: Assistência Médica Internacional

CAEP - *Communicating for Agriculture Education Program*

FAO: *Food and Agriculture Organization*

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFOAM: Federação Internacional de Movimentos da Agricultura Orgânica

INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ONGS: Organizações Não Governamentais

ONU: Organização das Nações Unidas

TRAF: Turismo Rural de Agricultura Familiar

WWOOF: *World Wide Opportunities on Organic Farms*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	APROXIMAÇÕES ENTRE VOLUNTARIADO E TURISMO RURAL.....	21
2.1	INTERAÇÕES ENTRE VOLUNTARIADO E VOLUNTURISMO.....	21
2.2	TURISMO RURAL: UM ENFOQUE NO AGROTURISMO E NO TRAF....	30
2.2.1	Agroturismo e Turismo Rural na Agricultura Familiar – TRAF.....	33
2.3	VOLUNTURISMO NO MEIO RURAL.....	36
2.3.1	Volunturismo em Propriedades de Agricultura Orgânica.....	38
2.4	O VOLUNTURISMO COMO OFERTA TURÍSTICA.....	41
2.4.1	Oferta de Volunturismo Rural.....	43
2.4.2	WWOOF – Integração entre Propriedades de Agricultura Orgânica e seus Praticantes.....	45
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	49
3.1	DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	49
3.1.1	Panorama das Propriedades de Volunturismo no Sul do Brasil.....	50
3.2	TIPO DE PESQUISA.....	52
3.3	COLETA DE DADOS.....	54
4	TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	56
4.1	PRIMEIRA E SEGUNDA ETAPAS: RESULTADOS DAS RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS E DA ANÁLISE DO <i>SITE</i> WWOOF BRAZIL.....	56
4.2	TERCEIRA ETAPA: ENTREVISTA COM O PROPRIETÁRIO.....	61
4.3	SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA OFERTA DE ATRATIVOS, EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS QUE ATENDAM AO VOLUNTURISMO	64
4.4	MOTIVAÇÕES DOS PROPRIETÁRIOS RURAIS EM IMPLANTAR O VOLUNTURISMO.....	69
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
	REFERÊNCIAS.....	77
	APÊNDICES.....	85
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA OFERTA DE VOLUNTURISMO RURAL EM PROPRIEDADES DE AGRICULTURA	

ORGÂNICA NO SUL DO BRASIL, UTILIZANDO COMO REFERÊNCIA AS PROPRIEDADES CADASTRADAS NO WWOOF BRAZIL.....	85
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROPRIETÁRIOS RURAIS ESTUDO DE CASO.....	92
APÊNDICE C - GRÁFICOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO <i>ONLINE</i>	94
APÊNDICE D - GRÁFICOS E LISTAS REFERENTE À ANÁLISE DOS DADOS DO <i>SITE</i> WWOOF BRAZIL.....	109
ANEXOS	118
ANEXO 1 – IMAGENS DAS PROPRIEDADES DE VOLUNTURISMO RURAL NO SUL DO BRASIL.....	118

1 INTRODUÇÃO

O volunturismo rural tem ganhado atualmente importante atenção, devido à recente popularização do cultivo de produtos orgânicos e, principalmente, pela possibilidade de praticar uma atividade turística alternativa e verdadeiramente sustentável. Caracterizado por princípios éticos e sustentáveis, os proprietários rurais que utilizam o método de cultivo orgânico estão aderindo à essa atividade como forma de economia de mão de obra e uso equilibrado e inteligente da terra. Apesar de pouco difundido no Brasil, mas presente em cento e trinta e dois países, o volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica é praticado de maneira cíclica e ordenada, oferecendo uma diversidade de propriedades abertas à visitação, com regras definidas, que geralmente são respeitadas pelo seu público. A principal instituição intermediadora de proprietários rurais e praticantes, a WWOOF (*World Wide Opportunities on Organic Farms*), iniciou como uma alternativa de férias para os moradores dos grandes centros urbanos na Inglaterra. Hoje possui filial em cento e trinta e dois países, funcionando de maneira ordenada e crescente (WWOOF, 2018).

A pesquisa sobre volunturismo rural é relevante devido ao aumento que essa atividade está presenciando nos últimos anos, pois se trata de uma prática sustentável, e esse é um dos atrativos que a envolve. Estudar desde suas motivações, tanto do praticante como do proprietário rural que se propõe a fazê-la, até a oferta do produto pelo Brasil, e também pelo mundo, é importante para conhecer essa nova vertente. Há também uma lacuna de pesquisa, pois, apesar do turismo rural ser um segmento que possui vasta bibliografia, quando aliado ao volunturismo, a literatura existente se torna escassa. Dentre os poucos autores, destacam-se Mostafanezhad (2013,2016), Wearing (2001), McIntosh e Bonnemann (2006), Choo e Jamal (2009), Terry (2014), McGehee (2005), sendo em sua maioria autores estrangeiros.

Portanto, o estudo sobre a oferta de propriedades rurais que aceitam volunturistas no sul do Brasil se torna pertinente do ponto de vista acadêmico, para assim, despertar o interesse dos pesquisadores sobre os aspectos ainda pouco investigados, desde as motivações até as necessidades dos proprietários rurais em

oferecerem suas residências como meio de hospedagem e opção de férias para os volunturistas interessados no meio rural.

Como problema de pesquisa, tem-se: Como se caracteriza a oferta de volunturismo rural no sul do Brasil, considerando as intervenções realizadas nas propriedades e visando o desenvolvimento da atividade?

As intervenções analisadas têm como foco os equipamentos de hospedagem, como a unidade habitacional e também os serviços turísticos oferecidos, baseados nas preferências de quem tem como interesse o volunturismo no meio rural.

Quanto ao objetivo geral: analisar a oferta turística em propriedades rurais nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que aceitam volunturistas como alternativa de trabalho.

Em relação aos objetivos específicos, formulou-se:

- Construir um aporte teórico capaz de sustentar o estudo do volunturismo como uma atividade relacionada ao turismo rural voltado ao agroturismo e ao TRAF.
- Identificar a oferta de volunturismo no meio rural no sul do Brasil, por meio de análise dos dados disponíveis no *site* do WWOOF Brazil.
- Caracterizar a oferta de atrativos, equipamentos e serviços que atendam ao volunturismo nas propriedades estudadas.
- Compreender as motivações dos proprietários rurais em implantar o volunturismo rural em suas propriedades como uma atividade alternativa para a execução dos trabalhos rurais.

Diante do exposto, formulou-se as seguintes hipóteses:

- 1- As instalações da propriedade são utilizadas tanto pelos proprietários como pelos turistas, não tendo distinção do que é destinado para uso exclusivo do volunturista ou dos moradores do local;
- 2- A oferta turística nas propriedades rurais que aceitam volunturistas no sul do Brasil possui atratividade nas atividades rurais típicas do meio rural, oferecendo a vivência como principal atrativo;
- 3- As propriedades rurais de agricultura orgânica, que aceitam volunturistas rurais, optam pelo volunturismo por ser uma alternativa sustentável de trabalho e também por poderem promover o intercâmbio cultural, sendo uma forma de

economia de mão de obra, assim como uma alternativa diferente e atrativa de turismo rural.

Trata-se de uma pesquisa qualiquantitativa, com objetivos exploratórios-descritivos. Como instrumento de coleta de dados, foram aplicados questionários *online*, bem como coleta de dados de propriedades cadastradas no *site* do WWOOF Brazil. Também foram coletados dados em campo, em visita a uma propriedade. O recorte da pesquisa abrange o sul do Brasil, especificamente as propriedades que estão cadastradas no WWOOF Brazil.

A presente dissertação está dividida em tópicos que explanam como a atividade de volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica acontece no Brasil. Dessa forma, é iniciado com a conceituação da atividade de voluntariado, seguindo pela vertente de volunturismo até findar na atividade de volunturismo rural. O trabalho se divide inicialmente no marco teórico, seguido pela metodologia utilizada na pesquisa, assim como sua tabulação e análise de dados, finalizado nas considerações finais da pesquisadora.

2 APROXIMAÇÕES ENTRE VOLUNTARIADO E TURISMO RURAL

Neste capítulo, dividido em quatro subcapítulos, estão expostos os conceitos para a compreensão e entendimento sobre o tema volunturismo no meio rural, especificamente a vertente praticada em propriedades de agricultura orgânica. O referencial teórico da pesquisa aborda os respectivos assuntos: voluntariado, volunturismo, turismo rural, agricultura orgânica, WWOOF, oferta turística e motivadores. As referências utilizadas são artigos científicos, teses e dissertações, assim como livros acadêmicos sobre os assuntos listados.

2.1 INTERAÇÕES ENTRE VOLUNTARIADO E VOLUNTURISMO

O trabalho voluntário é uma atividade desenvolvida por quem deseja essencialmente fazer o bem ao próximo, em qualquer situação, seja em hospitais, escolas, comunidades carentes, orfanatos ou instituições privadas. O voluntariado é uma prática altruísta, pois quem a faz renega parte de sua vida pessoal em prol do benefício alheio (FERRARI, 2008). Conforme a ONU (2018), o trabalho voluntário é uma atividade promotora da paz e de uma sociedade mais justa. Ainda de acordo com a ONU (2018):

O voluntariado é um poderoso meio de envolver as pessoas na luta contra os desafios do desenvolvimento, e tem a capacidade de modificar o ritmo e a natureza deste. Os benefícios do voluntariado, tanto no geral, como individualmente, se mostram através do reforço da solidariedade, confiança e reciprocidade entre os cidadãos, e através de oportunidades para a participação.

De acordo com Dohme (2001), o trabalho voluntário é realizado por quem doa seu tempo, seu trabalho e suas habilidades de bom grado, em prol da realização social, sem qualquer remuneração, baseado na junção de quatro fundamentos: a qualificação do praticante, a satisfação pela prática do voluntariado, a doação de parte de sua vida pessoal e a realização final, por cumprir com os objetivos. Benedetti (2017) afirma que a ideia de compensação pela vida eterna seja o motivador pela qual as pessoas escolhem fazer boas ações ao seu próximo. Devido a esse fator, o voluntariado possui suas origens na religiosidade, datando da

Idade Média, onde os padres e sacerdotes faziam trabalhos voluntários para atenderem os mais necessitados, como andarilhos e mendigos (CURADO; MENEGON 2009). Segundo a AEDB (2018), o surgimento do voluntariado se confunde com a própria história das ações dos indivíduos para com seus semelhantes. Um nome importante da Igreja Católica relacionado às origens do trabalho voluntário foi Vicente de Paulo que, nos idos do século XVI, organizou uma entidade formada por mulheres da aristocracia que se dedicavam a visitar os doentes, órfãos e pessoas mais pobres, para prestar-lhes ajuda (AEDB, 2018).

No Brasil o voluntariado possui suas origens já no seu descobrimento, também realizado pela Igreja Católica (BENEDETTI, 2017). O trabalho voluntário realizado tanto na época da colonização como no império dependia quase que exclusivamente de doações das famílias mais abastadas, conforme exposto por Faleiros (1995). O voluntariado ocorria em casas de caridade, em casas de apoio às crianças carentes e abandonadas e em hospitais. De acordo com informações da AEDB (2018), o trabalho voluntário no Brasil – desde seu início na colonização, possui relação estreita entre a religião, a política e demais questões sociais.

Entretanto não é apenas a Igreja Católica que possui ações e responsabilidades filantrópicas, de acordo com Hudson (1999) o judaísmo promovia a ideia de que os pobres possuem direitos e os ricos, deveres, e que era obrigação do fiel fazer doações para o fundo que atendia viúvas, órfãos, doentes e pessoas mais pobres. Ainda de acordo com Hudson (1999), o islamismo também possui esses ideais filantrópicos, e que foi esse o fator para manter grandes hospitais nos tempos mais remotos. A influência cristã e das demais religiões possui fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho voluntário nos mais diversos âmbitos.

Por ser uma atividade que envolve a ética e a responsabilidade social, o voluntariado contribui para uma melhor convivência em sociedade, pois, conforme afirma Benedetti (2017), o desenvolvimento do voluntariado ao longo da história evidencia a sua importância para o humanitarismo e para a preservação de valores sociais fundamentais para a convivência humana. Dentre os segmentos do voluntariado, podemos destacar aqueles que possuem como intuito principal beneficiar as pessoas e as comunidades mais carentes. Esses nichos necessitam de

ajuda e incentivo de pessoas e organizações que se disponibilizem a doar trabalho e tempo em prol de seu desenvolvimento social. O turismo de voluntariado possui essas características, sendo, portanto, a união de uma atividade altruísta, ética e responsável com a prática da atividade turística.

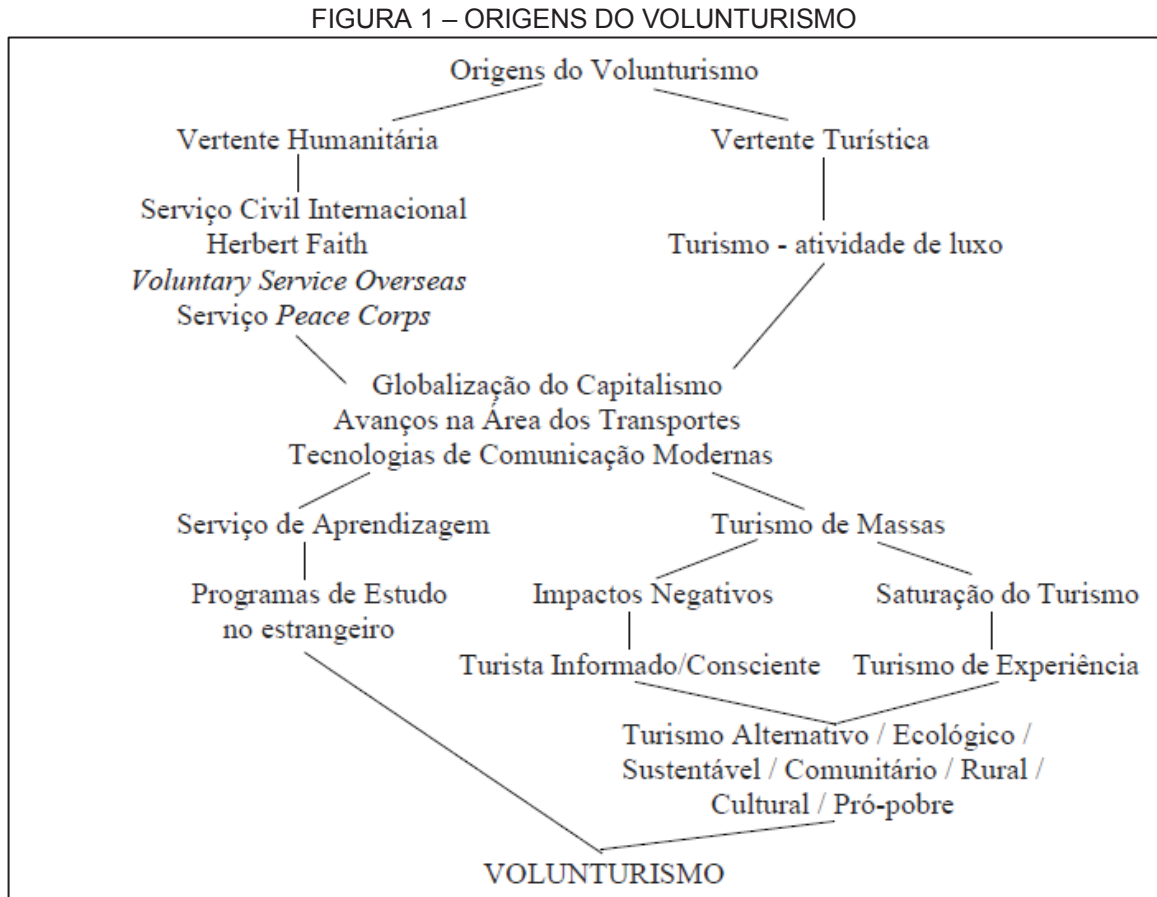
A prática do volunturismo requer disponibilidade de tempo e atenção, pois é necessário possuir características altruístas para ser um voluntário. Cada atividade de voluntariado possui motivações e aspectos diferenciados, dependendo do ambiente e do tipo de atividade que se propõe a fazer. Motivadores como satisfação pessoal e necessidade de fazer o bem são características presentes nos indivíduos que possuem o desejo de praticar atividades voluntárias.

O turismo de voluntariado, como também é denominado o volunturismo, possui suas raízes ainda na Idade Média, quando religiosos e peregrinos faziam suas viagens com destino às Santas Casas de Misericórdia para a prática do trabalho voluntário com os doentes e internos (URRY, 2001). Tomazos e Butler (2009) consideram que o início do volunturismo ocorreu em 1920, pois foi nesse ano que um engenheiro suíço criou um movimento de paz após a Primeira Guerra Mundial. Conforme Paiva (2014) o primeiro projeto de voluntariado internacional surgiu em Verdun, na França, com o objetivo de reconstruir uma vila que fora destruída pela guerra.

O volunturismo é considerado um segmento do turismo, conforme explica Mendes e Sonaglio (2013), e que atualmente está conquistando seu espaço, sendo difundido nas diversas classes sociais como uma forma alternativa de férias, sustentável e ética. Nele o turista se dispõe em doar o seu tempo e conhecimento em prol de uma comunidade diferente da sua. Conforme afirma Vrasti (2013), o volunturista pode vir de várias origens e pode se expandir geograficamente, tornando essa prática de turismo sustentável e importante em vários níveis.

De acordo com Paiva (2014), devido à insatisfação de um determinado grupo de pessoas, que percebiam a atividade turística como uma forma de banalizar a cultura ou de destruir o meio ambiente, na década de 1990 surgiu um novo segmento do turismo, no qual o foco era o benefício da comunidade, combinando o lazer com o trabalho voluntário. Entretanto, o volunturismo nasceu de correntes humanitárias e religiosas, advindos dos tempos bíblicos, que já praticavam seu

trabalho voluntário e, junto com uma vertente turística, surgiu da necessidade de ter novas e diferentes opções de férias. Abaixo um esquema feito por Paiva (2014) sobre o surgimento do volunturismo:



FONTE: Paiva (2014).

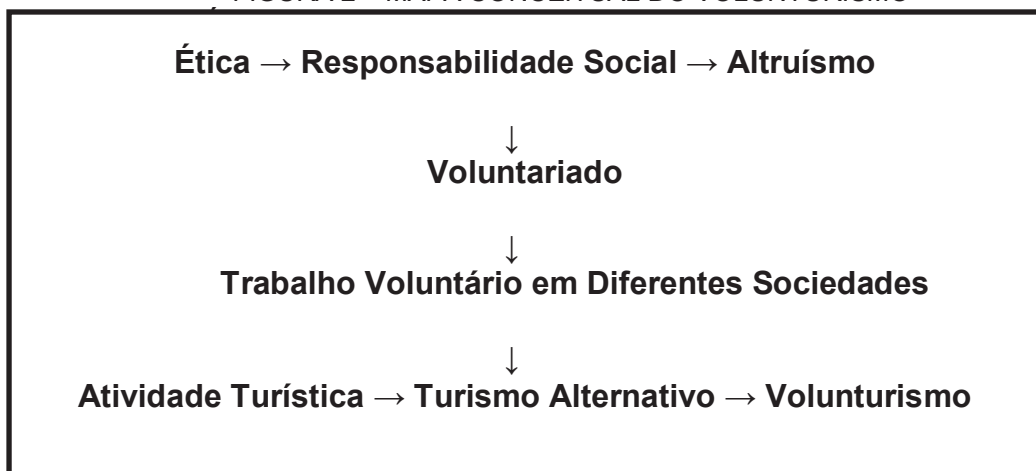
A Figura 1, elaborada por Paiva (2014), mostra que o volunturismo possui origens na junção das vertentes humanitárias e turísticas. Devido aos impactos negativos gerados pelo turismo de massa e pelos efeitos da globalização e que, conseqüentemente, provocou também uma saturação da atividade turística, uma parcela de turistas, insatisfeitos com esses efeitos e que buscam um tipo de turismo de experiência, munidos de informação, procuram um turismo alternativo pautado na sustentabilidade. Esse novo segmento pode ser trabalhado em diversas áreas do turismo, como no meio rural, no turismo focado mais no prisma da ecologia, no turismo comunitário e também cultural. A atividade de voluntariado aliada ao turismo

pode ser benéfica para aqueles turistas que desejam realizar um intercâmbio, aliando dessa maneira, os estudos ao trabalho voluntário.

Conforme Paiva (2014) e Steinbach (2013), o termo volunturismo foi utilizado pela primeira vez no ano de 1998, entretanto os autores apontam eventos diferentes em que o termo foi empregado. Paiva (2014) afirma que o termo foi utilizado pela primeira vez pelo Conselho de Turismo em Nevada, nos Estados Unidos, para atrair os residentes locais para apoiarem o desenvolvimento do turismo rural de lugares distantes do Estado. Já Steinbach (2013) diz que o termo volunturismo foi utilizado em um evento político nos Estados Unidos que estava premiando trabalhadores voluntários que haviam chegado de missão.

Essa vertente possui ramificações pautadas na ética, originadas no desejo do praticante em realizar atos de bondade e caridade ao próximo, seja em sua própria sociedade ou em uma comunidade distante. Portanto, a partir da Figura 2, pode-se definir como um conceito de volunturismo:

FIGURA 2 – MAPA CONCEITUAL DO VOLUNTURISMO



FONTE: A autora (2018).

Ainda assim, o volunturismo não possui uma definição única aceita pelos estudiosos do assunto. A definição mais utilizada foi proposta por Wearing (2001), em que ele afirma que o volunturismo é uma prática realizada de maneira organizada e por pessoas que desejam passar as férias em lugares que possam fazer a restauração de ambientes e auxiliar na redução da pobreza. Outra definição para qualificar o volunturismo é a dos autores McGehee e Santos (2005), que afirmam que fazer volunturismo é usar o tempo e o dinheiro sem restrição para viajar

fora de seu âmbito rotineiro, bem como dar assistência para as pessoas que necessitam.

Para praticar o volunturismo é necessário ter disponibilidade de tempo e de dinheiro, além de ser desprendido de bens materiais, pois a doação não é só do tempo ou do trabalho, mas também dos meios financeiros que custearão uma viagem para um determinado destino, com a intenção de fazer benfeitorias na comunidade receptora. De acordo com o Voluntourism (2018):

No sentido mais amplo, o volunturismo representa as experiências de voluntariado que incluem viagens para um determinado destino, a fim de realizar um trabalho ou serviço. Em uma abordagem mais refinada e equilibrada, volunturismo é a combinação integrada do serviço voluntário para um destino com os elementos tradicionais de viagens e turismo – artes, cultura, geografia, história e recreação.

A prática do volunturismo pode ser realizada nos mais diversos ambientes, desde o urbano até o rural. Conforme Gómez e Canals (2012), as áreas de atuação do volunturismo podem ser: na ação social, ajudando refugiados de guerra; na área da saúde, amparando sem-teto e povos indígenas; no âmbito da ecologia e do meio ambiente, auxiliando na recuperação e na conservação da fauna e da flora; na gestão e administração de organizações ou na busca de financiamentos; na cooperação em projetos de sensibilização e captação de fundos; na ajuda em momentos de crise ou catástrofes; e na organização de eventos culturais. Ao redor do mundo se pode encontrar diversos tipos de turismo e voluntariado, sendo que as principais associações que trabalham com essa vertente são a AMI – Assistência Médica Internacional, fundada em 1984 em Portugal, atuante em 79 países, e a Global Volunteers, fundada em 1980 nos Estados Unidos (SOUZA, BARCELOS E LAMAS, 2018). Ambas trabalham com missões, sendo a primeira focada em casos de emergências médicas, e a segunda, com foco no bem-estar geral da sociedade.

Portanto, para cada tipo de turismo voluntário, existe uma motivação que influi na escolha de quem se interessa por essa vertente turística. Existem diversos fatores que motivam uma pessoa a escolher um determinado destino ou o tipo de turismo que gostaria de praticar e, conforme Mendes e Sonaglio (2013), essas variáveis influenciam na escolha final do destino. O volunturismo, por ser uma tendência de turismo alternativo (PAIVA, 2014), acaba por atrair novos interessados

nessa atividade, já que permite aliar férias num determinado lugar à prática do bem nesse mesmo lugar. De acordo com Veal (2011), os fatores motivacionais são o que determinam as escolhas e as necessidades pela qual uma pessoa viaja. Lyons, Hanley, Wearing e Neil (2011) abordam o *Gap Year*, que é quando uma pessoa, jovem e abastada financeiramente, decide que passará um ano se dedicando a outras comunidades, geralmente em países em desenvolvimento ou em países culturalmente diferentes do seu país de origem. Nesse sentido, os autores citam a Austrália como uma pequena “penitencia” por possuírem mais do que aqueles a quem decidem prestar serviços voluntários. A motivação, nesse caso, é essa penitencia e esse desejo de oferecer, por um período de um ano, sua ajuda voluntária.

Conforme Terry (2014), o volunturismo é potencialmente transformador para os próprios turistas, já que essa prática mostra um novo senso de direção, uma alternativa para as férias. Dentre as alternativas tradicionais de férias, como sol e praia, turismo de aventura, montanhas e até mesmo o turismo rural, a prática de volunturismo pode ser realizada dentro dessas mesmas modalidades, pois o voluntariado, para ser feito, necessita de sentimentos motivadores altruístas, responsabilidade social e fundamentos éticos atrelados à própria personalidade.

Entretanto, o volunturismo não é transformador apenas para quem o pratica, mas também para aqueles que recebem o turista voluntário. Seja numa empresa, num hotel ou numa propriedade rural, o volunturismo é transformador para a comunidade receptora em geral. Porém, a atividade de volunturismo pode ser considerada também como uma nova forma de colonialismo, já que provoca uma camada de dependência entre o país desenvolvido, de onde geralmente vem o volunturista, e o país em desenvolvimento, geralmente o receptor de volunturismo (VRASTI, 2013).

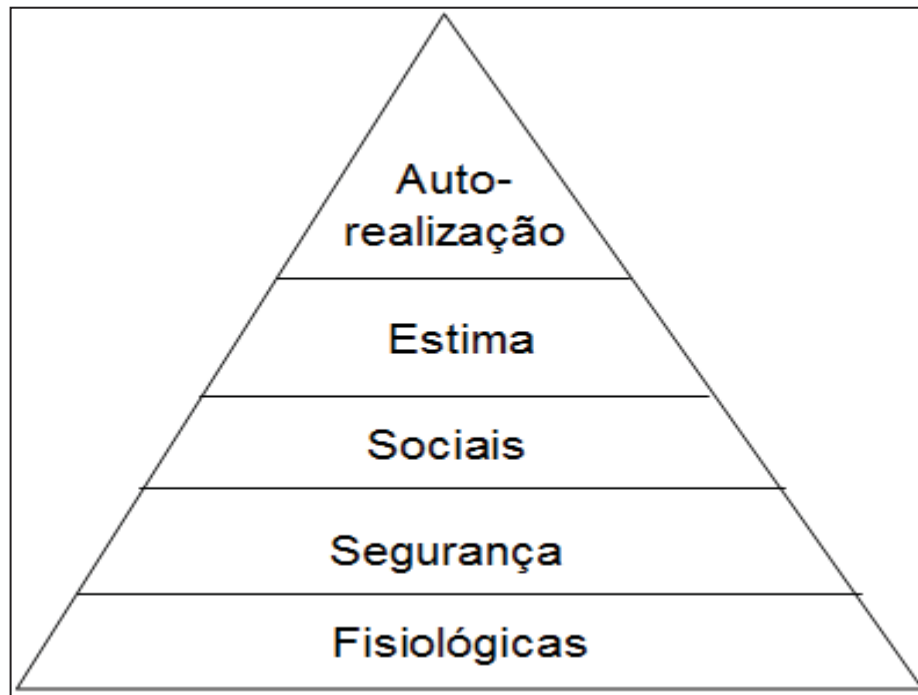
Existem diversos motivadores que influenciam uma atividade como o volunturismo, seja para os praticantes ou para as comunidades receptoras. Para a compreensão dos fatores motivacionais, optou-se por pesquisar o assunto das necessidades humanas segundo Max-Neef (2012), procurando relacioná-las, em seguida, ao fenômeno do volunturismo. Max-Neef (2012) afirma que as

necessidades humanas geram motivadores, e que esses precisam de satisfatores¹ para serem supridos. Max-Neef (2012) mostra que necessidades como de subsistência e de participação, de ser e de estar, por exemplo, podem ser supridas por satisfatores como a solidariedade e a receptividade, o de estar no meio social, de participar de festas e da vizinhança, de interagir com outras pessoas. Nesse sentido, para subsistir é necessário ser adaptável, saudável e equilibrado, e para participar é preciso de um meio ambiente e de um meio social, como uma comunidade ou outros ambientes de interação. Esses fatores se interligam entre si, e são fatores essenciais para quem deseja ser volunturista ou para quem pretende receber um volunturista. Pode-se comparar a teoria de Max-Neef com a Pirâmide de Maslow, que trata da teoria das necessidades, criada pelo psicólogo Abraham Maslow (1962), a qual defende que as motivações são criadas por necessidades e impulsos diferentes, existentes no interior das pessoas. Segundo Maslow, as necessidades humanas são divididas em cinco níveis que, conforme explicação de Robbins (2002), são relativas a uma necessidade suprida, cuja próxima torna-se dominante. Seguem as necessidades, sendo a primeira considerada a base das necessidades humanas.

1. Fisiológicas: incluem fome, sede, abrigo, sexo e outras necessidades corporais.
2. Segurança: inclui segurança e proteção contra danos físicos e emocionais.
3. Sociais: Incluem afeição, aceitação, amizade e sensação de pertencer a um grupo.
4. Estima: Inclui fatores internos de estima, como respeito próprio, realização e autonomia; e fatores externos de estima, como status, reconhecimento e atenção.
5. Auto-realização: a intenção de tornar-se tudo aquilo que a pessoa é capaz de ser; inclui crescimento, autodesenvolvimento e alcance do próprio potencial.

¹ Satisfatores: é um termo utilizado por Manfred A. Max-Neef, como uma referência para as possibilidades existentes destinadas a suprir uma necessidade humana. Termo utilizado em seu livro *Desenvolvimento à Escala Humana* (2012).

FIGURA 3: PIRÂMIDE DA TEORIA DAS NECESSIDADES DE MASLOW



FONTE: Robbins (2002).

Conforme Maslow, as necessidades do topo nunca serão completamente satisfeitas, sendo, portanto, como um reduto de força motivacional (FERREIRA; DEMUTTI; GIMENEZ, 2010). Relacionando as duas teorias, pode-se entender que os motivadores e os satisfatores expostos por Max-Neef estariam inclusos nos níveis do 2 ao 5, devido às necessidades de segurança, pertencimento, satisfação pessoal e realização.

O volunturismo pode ser realizado em diversos setores e ambientes, desde um hospital, uma escola ou um orfanato, até em empresas, de modo *online*, e também no meio rural. Nesta pesquisa, a base de estudo é a atividade de voluntariado aliada à atividade turística, essencialmente praticada no meio rural. Na sequência será apresentado sobre o turismo praticado no meio rural, especialmente aqueles inseridos na agricultura familiar.

2.2 TURISMO RURAL: UM ENFOQUE NO AGROTURISMO E NO TRAF

Conforme Schneider (2006), existem muitas definições possíveis para o turismo rural, que envolve um conjunto de atividades praticadas no meio, tal como agroturismo, ecoturismo, turismo ecológico e os Hotéis Fazenda. Ainda seguindo essa definição, Silva, Vilarinho e Dale (1998), conceituam a atividade de turismo rural como algo difícil de se definir, pois engloba diversas modalidades de turismo que não se excluem e sim, se complementam, como o turismo cultural, turismo esportivo e turismo de aventura.

Tulik (2003) esclarece que paralelamente às crises estruturais que contribuíram para o enfraquecimento do agronegócio na economia, houve o surgimento do turismo rural pelo mundo, principalmente na Europa, para impedir o êxodo rural. Devido à tranquilidade, ao contato com a natureza e ao estado bucólico das áreas rurais, a busca pelo turismo rural no Brasil já é antiga (TULIK, 2003). Esse contato com a terra atrai as pessoas que querem muitas vezes voltar a vida que seus antepassados levavam. De acordo com Tropia (2000), a busca pelo descanso e pela diversão no meio rural é uma opção cada vez mais procurada e desejada por quem possui vida estabelecida nos grandes centros.

O turismo no meio rural no Brasil surgiu em razão das diversas crises agrárias e pelos vários espaços estagnados (TULIK, 2010). De acordo com Tulik (2003), o turismo rural é distribuído de maneira irregular no Brasil, sendo mais difundido no sul e no sudeste, sempre adaptando as especificidades locais, como a herança cultural. Ainda conforme Tulik (2003), Lages, em Santa Catarina, foi o município pioneiro no Brasil, pois em 1984 começou a recepcionar turistas nas dependências das fazendas como uma alternativa de hospedagem. O turismo rural no Rio Grande do Sul está fundamentado nas tradições europeias, enquanto no Paraná a atividade é pautada no tropeirismo, nas romarias religiosas e nos roteiros gastronômicos (TULIK, 2003).

Araújo (2010) expõe que em consequência das dificuldades que a agricultura vem enfrentando nos últimos anos, principalmente por causa da falta de políticas apropriadas, as pequenas propriedades estão sendo marginalizadas. Fino (2010) diz que o turismo rural é uma atividade secundária, complementar a outra principal, como uma suplementação da renda. As propriedades que se dispõem a

trabalhar com o turismo rural geralmente são pequenas propriedades de agricultura familiar, que encontram no turismo uma possibilidade de crescimento econômico, sem, entretanto, precisarem se desfazer de suas atividades principais, mantendo a essência e a tradição rural da família. Sendo assim, autores como Schneider e Fialho (2000), afirmam que as atividades que mais se desenvolvem no meio rural, em todo o Brasil, são as atividades do setor de serviços, nas quais a atividade turística está inserida.

Conforme Carballo (2005) as taxas de desemprego são afetadas também pela imigração rural, principalmente pelos trabalhadores não qualificados, o que leva o governo a incentivar que os proprietários rurais invistam em atividades alternativas para que os moradores de áreas rurais permaneçam nessas áreas sem que seja necessário migrarem para os centros urbanos. Em consequência disso, o turismo rural entra como uma alternativa viável e lucrativa, com seus circuitos e roteiros étnicos, aproveitando o que o ambiente possui de melhor para oferecer aos visitantes (CARBALLO, 2005).

Escolher o turismo rural para ser a atividade secundária escolhida como fonte de renda não será o grande solucionador dos problemas financeiros da sociedade rural, entretanto, irá contribuir na manutenção da cultural local, assim como colaborará na redução do êxodo rural (TISCARENÕ, 2005). A renda gerada por essa atividade irá diminuir o déficit da propriedade, além de elevar o interesse da população pelas origens do local, pela cultura e pelos hábitos rurais, que são tão distintos daqueles que habitam grandes centros urbanos.

O aspecto sustentável do turismo rural é um fator que se relaciona tanto com os investidores quanto com os praticantes interessados nessa atividade. Almeida (2010) expõe que para desenvolver o turismo rural é necessário utilizar os recursos já existentes, além de que a sustentabilidade deve ser uma das primícias para o desenvolvimento dessa prática turística. Inácio (2010) afirma que, em contraponto dessa ideia sustentável de turismo rural, inicialmente a utilização em demasia dos recursos naturais originou uma grave crise ambiental, o que deu início à conscientização da utilização desses recursos, fazendo que o turismo rural, em parte, fosse uma atividade sustentável socialmente e ambientalmente. Como exemplo, Inácio (2010) expõe o fato de áreas que antes foram desmatadas e agora

são novamente produtivas agregaram valor ao agrossistema, geraram renda e melhoraram os aspectos sociais da comunidade, assim como trabalharam de forma sustentável os recursos da terra.

Além dos impactos ambientais causados pela imigração urbano-rural, esse evento também causou impactos socioeconômicos, pois, devido à rápida urbanização – muitas vezes desordenada, que a modernização da agropecuária causou, a sociedade em geral começou a ver o espaço rural, antes sem perspectiva, como um espaço de descanso, saúde e qualidade de vida (ELESBÃO, 2010). Ainda conforme Elesbão (2010), o espaço rural, antes visto como um lugar de atraso, hoje é desejado como destino, pois a natureza e o modo de vida rural passaram a ser vistos como elementos “qualificativos”.

Por causa desse súbito interesse pelo rural, os empreendimentos desse meio estão cada vez mais impulsionados a desenvolverem novos atrativos, tudo para atrair e satisfazer os consumidores (ELESBÃO, 2010). Entretanto é preciso ter planejamento para que esse desenvolvimento seja feito sem que, com o passar do tempo, esses locais não percam a atratividade. Elesbão (2010) afirma que os locais visitados sofrem alterações sentidas com maior ou menos intensidades, dependendo do fluxo de visitantes, e as famílias empreendedoras tem uma significativa mudança no nível de vida. Alguns segmentos de turismo rural podem causar mais ou menos impactos na sociedade. Os que são praticados dentro do âmbito da agricultura familiar, seja em um empreendimento pequeno, como pousada ou restaurante, ou até mesmo no volunturismo rural, podem, portanto, influenciar e impactar diretamente o estilo de vida e os hábitos dos moradores locais.

Como a oferta de volunturismo rural no Brasil se caracteriza pelas propriedades em que o turista desenvolve atividades agrícolas junto a famílias residentes, a pesquisa buscou uma integração entre os conceitos de agroturismo e de turismo rural na agricultura familiar – TRAF.

2.2.1 Agroturismo e Turismo Rural na Agricultura Familiar - TRAF

Conforme definição de Dachary, Burne e Thomas (2003), o agroturismo é uma atividade turística que acontece em um empreendimento agrícola, onde o turista descansa, come e participa das atividades do campo, como cavalgadas ou trilhas com bicicletas. A atividade de agroturismo é uma modalidade de turismo, praticada em ambiente rural, por proprietários dispostos a compartilharem com os habitantes do meio urbano seu modo de vida, mantendo sempre suas atividades principais no meio rural (PARRA; SILVA; CHEHADE, 2007). Portuguez (1999) também defende essa definição de agroturismo, que afirma tratar-se de uma atividade realizada no meio rural, dentro das propriedades, onde o turista ou o excursionista possui contato direto com a atmosfera da vida rural, integrando-se de alguma forma aos hábitos locais. O Ministério do Turismo (BRASIL, 2010, p. 20) possui uma definição mais técnica sobre o que é o agroturismo:

Atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade, devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não-materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc.), a partir do 'tempo livre' das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa.

Ambas as definições mostram que a atividade do agroturismo está justamente pautada na vivência e no cotidiano do ambiente rural, seja em um grande empreendimento, seja em um lugar menor, como numa propriedade familiar.

Conforme Parra, Silva e Chehade (2007, p. 3), o agroturismo possui alguns princípios a serem respeitados:

- A recepção dos turistas pelos proprietários faz parte da atividade rotineira do estabelecimento;
- Os agricultores desejam mostrar para os turistas suas rotinas rurais e seu modo de viver;
- A recepção e o convívio entre o turista e proprietário ocorrem com respeito e num clima de troca de experiências;
- O agroturismo precisa praticar preços acessíveis;
- O agroturismo é importante para manter o desenvolvimento local e contribui para manter o meio rural vivo, com perspectiva de futuro;
- O agricultor garante a qualidade do serviço e o do produto oferecido;
- O serviço de agroturismo é oferecido em ambiente adaptado, possuindo conforto, higiene e segurança;
- Os serviços são planejados pelos agricultores familiares.

Dentro da atividade de agroturismo está o TRAF – Turismo Rural de Agricultura Familiar, que é a atividade de agroturismo praticada dentro de uma propriedade gerida por agricultores familiares. As diretrizes para a agricultura familiar são estabelecidas pela Lei n.º 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.

Conforme Guzzatti (2003), a agricultura familiar destaca-se por ser diferente da patronal, por ter como gestor o proprietário ligado diretamente à atividade exercida, por ele e sua família na propriedade. De acordo com a definição de Altmann et al. (2002), a agricultura familiar caracteriza-se pela exploração de uma parcela da terra pelo proprietário ou arrendatário, que possui ajuda direta de sua família e de até dois funcionários fixos, e que possua renda de no mínimo 80% advinda de atividades típicas rurais, como agropecuária, pesqueira ou extrativista. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e a *Food and Agriculture Organization* – FAO (1996), definem a agricultura familiar por meios de três características:

- 1- A gestão da unidade produtiva deve ser feita por indivíduos que possuam laços de sangue ou de casamento;
- 2- A maior parte do trabalho deve ser fornecida pelos membros da família;
- 3- A propriedade dos meios de produção pertence à família e é em seu interior que se realiza sua transmissão em caso de falecimento ou de aposentadoria dos responsáveis.

Modelo Patronal	Modelo Familiar
Completa separação entre gestão e trabalho;	Trabalho e gestão intimamente relacionados;
Organização centralizada;	Direção do processo produtivo assegurada pelos proprietários;
Ênfase na especialização;	Ênfase na diversificação;
Ênfase em práticas agrícolas padronizáveis;	Ênfase na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida;
Predominância do trabalho assalariado;	Trabalho assalariado como complementação;
Tecnologias dirigidas à eliminação das decisões “de terreno” e “de momento”;	Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo;

FONTE: FAO/INCRA (1995).

A FAO, de acordo com o Quadro 1, expõe as diferenças entre os modelos de gestão patronal e familiar de uma propriedade rural, evidenciando que o modelo familiar é praticado em propriedades menores, no qual são valorizados os recursos naturais e a qualidade de vida, sendo, portanto, uma atividade sustentável.

Uma atividade produtiva possível de ser realizada em propriedades de agricultura familiar é o turismo, e dentro dele se destaca o volunturismo praticado no meio rural, especialmente em propriedades de agroturismo e agricultura familiar. Portanto, o volunturismo rural representa uma vertente turística que atrai pessoas interessadas na vivência rural e na troca de experiências proporcionada.

Conforme Altmann et al. (2002), na agricultura familiar o contato com as atividades diárias do trabalho rural é realizado pela família e também, quando necessário, por um funcionário assalariado. O agricultor que escolhe ter o volunturismo rural como alternativa de mão de obra em sua propriedade, pode ter os serviços rotineiros rurais realizados tanto por um funcionário assalariado, como também pelo turista voluntário que se dispuser. Essa é a principal atratividade em escolher o volunturismo rural como alternativa de férias, já que o mesmo inclui o volunturista em todas as etapas da rotina rural (HRYCYK, 2016).

O TRAF – Turismo Rural de Agricultura Familiar é uma atividade turística que ocorre no âmbito da unidade de produção, que mantém as atividades típicas e que está disposto a valorizar, respeitar e compartilhar seus modos de vida,

proporcionando bem-estar aos envolvidos (BRASIL, 2010). Essa peculiaridade entre o volunturismo rural necessitar do contato com a rotina rural e das características básicas do agroturismo e do TRAF faz com que o volunturismo rural precise ser realizado em uma propriedade rural que esteja dentro dos padrões de gestão familiar, para que exista a troca de experiências e a vivência rural desejada. Na sequência será exposto sobre como acontece a atividade de volunturismo no meio rural e suas características.

2.3 VOLUNTURISMO NO MEIO RURAL

A partir do referencial teórico exposto, este tópico busca consolidar o termo volunturismo no meio rural, principalmente a partir de bibliografia internacional como Wearing (2001), Mostafanezhad (2013; 2016), McIntosh e Bonnemann (2006), Terry (2014) e Choo e Jamal (2009). Procura-se ainda articulá-lo com a ocorrência em propriedades de agricultura orgânica e em relação com o WWOOF.

Diante do exposto, neste trabalho entende-se o volunturismo como uma vertente do turismo em que o praticante se dispõe a realizar atividades de voluntariado em um lugar diferente de onde reside, como uma alternativa de férias sustentável, sem o luxo dos *resorts* ou a comodidade dos pacotes prontos. Como dito anteriormente, o volunturismo pode ser realizado em diferentes âmbitos, desde aquele que envolve a filantropia ou a educação, até o volunturismo praticado no meio rural.

Sendo assim, a presente pesquisa aborda o volunturismo no meio rural como um tipo de turismo rural, que possui o voluntariado como base para ser realizado. Ele acontece preferencialmente em propriedades cuja gestão seja familiar, no modelo TRAF, devido ao maior contato existente com as peculiaridades e com os hábitos rurais, sendo a vivência rural o maior atrativo para quem deseja essa prática. Conforme explica Brito (2000), esse tipo de turismo é responsável por promover contato cultural entre receptores e turistas, sem que haja descaracterização de ambas as partes, e sustentável, por preservar a identidade local.

O turismo rural voluntário, como também é conhecido, é considerado sustentável devido às formas de cultivo não intrusivas e ao não uso de agrotóxicos,

fazendo o trabalho ser ético e harmonioso, tanto para o turista como para o proprietário (CHOO; JAMAL, 2009). A prática do volunturismo rural está pautada principalmente nos princípios da ética, pois, para que haja entre o produtor e o turista um entendimento e uma harmonia, é preciso que ambos percebam que um estará adentrando na rotina e nos costumes do outro, fato que promove a fusão cultural e que se transforma em atrativo para essa atividade.

Mostafanezhad (2013) expõe que, embora seja importante examinar as implicações locais que o volunturismo acarreta, é igualmente necessário olhar além da aculturação e demais aspectos estéticos, de caráter político e ideológico, que ocorrem no local em que acontece o volunturismo. Ao considerar o segmento de volunturismo rural, é importante avaliar os impactos sociais causados na troca de mão de obra remunerada por mão de obra voluntária, muitas vezes sem qualificação. Ainda conforme Mostafanezhad (2013), entender as motivações que levam à prática do volunturismo rural, tanto da parte receptora como da parte que irá se voluntariar, é importante para entender as implicações negativas e positivas dessa atividade.

O turismo voluntário no meio rural acontece principalmente em propriedades de agricultura orgânica, e essa modalidade teve início na década de 70, na Inglaterra, a partir de um programa de férias fora da cidade, para pessoas que estivessem cansadas da rotina do meio urbano. Sua idealizadora foi Susan Coppard e a princípio teve como nome “Fins de semana de trabalho voluntário em fazendas orgânicas” (WWOOF, 2018). De acordo com Silva (2013) o programa foi um sucesso e, atualmente, chama-se WWOOF – *World Wide Opportunities on Organic Farms* e está presente em cento e trinta e dois países. No Brasil, conforme informações do *site* do WWOOF (2018), a instituição começou a atuar em meados dos anos 90, quando as ONGs começaram a se popularizar no país.

Para realizar o volunturismo rural é necessário ter alguns princípios e regras, já que essa atividade exige um bom planejamento para uma prática sustentável. Conforme explica Albuquerque (2002), é preciso ter apoio das estratégias de marketing, associação às políticas públicas, além do comprometimento entre todos os envolvidos da sociedade onde será inserido esse tipo de turismo. Swarbrooke (2000) afirma que é necessário reconhecer que o turismo sustentável talvez seja

uma utopia, já que é preciso ter o desenvolvimento de mais tipos de turismo sustentável, assim como precisa ter o interesse e o envolvimento da comunidade como um todo.

O volunturismo rural é preferencialmente realizado em propriedades de agricultura orgânica, sendo esse o diferencial e o atrativo dessa atividade. Conforme os principais autores que pesquisam sobre esse tema e também do WWOOF (WEARING 2001; TERRY 2014; MOSTAFANEZHAD 2013), agricultura orgânica é o modo de cultivo e a principal razão que atrai o público interessado em volunturismo rural.

2.3.1 Volunturismo em propriedades de agricultura orgânica

Volunturismo em propriedades de agricultura orgânica é uma atividade que promove a sustentabilidade em todos os âmbitos, desde o envolvimento consciente da terra até o modo de preservar e respeitar as diferentes culturas envolvidas. Segundo o IFOAM (Federação Internacional de Movimentos da Agricultura Orgânica), a agricultura orgânica é baseada nos conceitos de saúde em geral, de ecologia, de equidade e cuidado. Por esses e tantos motivos, como de ética e responsabilidade social, o voluntariado realizado nas propriedades de agricultura orgânica promove diversos benefícios para a sociedade, nos quesitos econômicos, ecológicos e socioculturais. Esses benefícios podem ser vistos na economia de mão de obra, nos recursos naturais que são reutilizados de maneira consciente e na troca inevitável de experiências que o voluntário adquire durante sua vivência no ambiente. Esses fatores se completam, proporcionando resultados positivos para todos os envolvidos.

O cultivo baseado nos conceitos de agricultura orgânica já é praticado em mais de 150 países, principalmente nos Estados Unidos, países da Europa, Japão e alguns países da América do Sul (SALVADOR, 2011). O autor também aponta que os problemas ambientais e o aumento dos custos são os principais motivos para a expansão do modo de cultivo orgânico. A economia no uso de agrotóxicos, assim como a reutilização dos recursos de modo consciente, faz com que esse modo de cultivo seja sustentável, atraindo os produtores para melhorar a qualidade dos

produtos comercializados. No Brasil, conforme dados do IBGE (2010), os produtores orgânicos são apenas 1,8% do total dos estabelecimentos agropecuários. Esse percentual ainda tão baixo no Brasil deve-se ao fato do baixo incentivo ao modo orgânico de cultivo, assim como a falta de informações para os pequenos proprietários. Conforme a Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, em seu artigo 1º, a agricultura orgânica é definida da seguinte forma:

[...] considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.

McIntosh e Bonnemann (2006) afirmam que o tipo de turismo praticado em propriedades rurais de agricultura orgânica tornou-se um importante aliado para a economia de alguns países ocidentais, pois serve como apelo cultural para atrair turistas. Os turistas que escolhem praticar o volunturismo rural estão em busca de algo diferenciado, fugindo dos mesmos roteiros já comumente praticados. Alguns proprietários rurais trabalham com o volunturismo rural em suas propriedades orgânicas por conta própria, sem se filiarem a nenhuma associação (HRYCYK, 2016). Entretanto o objeto de estudo dessa dissertação são as propriedades rurais que angariam seus volunturistas através do WWOOF, que é a principal organização que faz o processo de intermediação entre volunturistas e proprietários rurais de agricultura orgânica. Na sequência dessa pesquisa serão explanadas as origens e modo de trabalho do WWOOF.

De acordo com Wearing (2001) os praticantes de volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica são pessoas que buscam uma experiência que seja benéfica tanto para o seu próprio desenvolvimento pessoal, como para o desenvolvimento social e econômico do lugar que escolheram para se voluntariarem. São pessoas que possuem em sua essência fundamentos éticos, que buscam a prática do altruísmo como forma de satisfazerem seus desejos e anseios

internos. Portanto, a prática do bem ao próximo é um dos principais motivadores para a escolha desse tipo de turismo no meio rural.

Apesar dessa compreensão, o volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica como uma vertente turística não deixa de ser um tipo de trabalho, o qual possui formas de recompensas diferenciadas. Max-Neef (2012) afirma que:

O trabalho constitui muito mais do que um fator de produção: ele fomenta a criatividade, mobiliza a energia social, preserva a identidade comunitária, alastra a solidariedade e utiliza a experiência organizacional e o conhecimento popular para a satisfação de necessidades individuais e coletivas.

Essa afirmação resume as características do trabalho embutido na prática do volunturismo rural como uma atividade que se propõe a beneficiar não somente quem o escolhe fazer, mas também a sociedade que o recebe. Ainda conforme Max-Neef (2012) o desenvolvimento pessoal e o desenvolvimento social são inseparáveis, ou seja, não são como a consequência um do outro, mas se deve trabalhar para o desenvolvimento de cada um e do todo.

As pessoas que buscam o turismo rural como uma alternativa de lazer e férias estão buscando um contato mais amplo com a natureza, e a vivência e a experiência adquiridas nesse tipo de atividade são alguns dos motivadores que impulsionam o turista a escolher o ambiente rural. Tiscarenõ (2005) afirma que o turismo rural constitui um aspecto da busca por uma nova comunicação entre o homem, a natureza e os aspectos socioculturais e que permite um maior entendimento entre o meio urbano e rural.

A atividade de volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica é realizada em todos os estados do Brasil (WWOOF, 2018), possuindo boa diversidade de cultivos, atrativos e atividades, atraindo pessoas de todas as partes do mundo e agora começando a atrair também os brasileiros, que aos poucos estão se familiarizando com o volunturismo rural. No tópico seguinte será apresentado sobre a oferta de volunturismo no país e como ela se distribui e se mantém.

2.4 O VOLUNTURISMO COMO OFERTA TURÍSTICA

A oferta de volunturismo pode acontecer em diversos formatos e tipologias que podem variar do filantrópico ao rural, e se diferenciam de acordo com a escolha e necessidade de quem deseja praticar o voluntariado aliado ao turismo. Makanse e Almeida (2014) afirmam, conforme pesquisa realizada, que a preferência de atividades de volunturismo ainda é o voluntariado de ajuda humanitária, mesmo já existindo diversas instituições que trabalham com outros segmentos, como volunturismo de proteção ambiental, de proteção aos animais, de proteção ao patrimônio histórico e o próprio volunturismo rural. Wearing (2001) afirma que o turismo voluntário influencia no estilo de vida de seus praticantes, por meio de uma mudança de valores e de consciência, ao mesmo tempo que também promove o desenvolvimento da comunidade, sendo assim uma experiência interativa direta. Essa característica influenciadora gera interesse nas pessoas que estão em busca de mudanças de comportamento aliada à satisfação pessoal de realizar atividades que gerem o bem-estar pessoal e também na sociedade em geral.

A partir dos anos 90, as ONGs passaram a unir o trabalho voluntário com o turismo, comercializando-o como um produto turístico (MAKANSE, ALMEIDA; 2014), e ainda conforme os autores, a prática desse tipo de turismo faz com que agregue valor ao currículo do praticante. Os tipos de turismo voluntário ofertados variam de acordo com as características dos interessados que, segundo Andereck et al. (2010), podem se dividir em cinco grupos diferentes:

- Os não aventureiros: não possuem muitas expectativas em relação à interação com os moradores locais. Eles têm interesse maior em atividades relacionadas com o meio ambiente, com animais ou com foco cultural, e não têm interesse em atividades relacionadas à arte ou que exijam muitas habilidades. É o grupo que está menos inclinado a trabalhar com ajuda humanitária ou com crianças, e que se preocupa mais com o conforto físico e mental em uma viagem de turismo voluntário.
- Os humanistas: ao contrário dos não aventureiros, é o grupo que tem as maiores expectativas em relação ao contato com os moradores locais, incluindo contato físico com crianças pequenas e reconforto a pessoas doentes ou à beira da morte. Em relação à hospedagem, é o grupo que menos tem problemas com as questões de conforto, podendo dormir em campings, *hostels* e casas de famílias locais. Por ter grande expectativa com o contato com os moradores, prefere as comidas tradicionais da região. Com esse perfil, são pessoas mais indicadas a trabalhar em regiões atingidas por desastres ou em países pouco desenvolvidos.
- Os envolvidos com a comunidade: esse grupo tem grandes expectativas em relação ao contato com a comunidade, principalmente no trabalho com

crianças e necessidades humanas. É o grupo com maior experiência internacional, inclusive em países em que não se fala inglês. Para eles, é essencial o contato com a comunidade, e o interesse maior reside no trabalho em creches e hospitais.

- Os trabalhadores: esse grupo espera trabalhar com a comunidade local, mas também aceita realizar trabalhos apenas com outros turistas voluntários. Além de querer desenvolver atividade com crianças, gostam de experiências relacionadas à arte e cultura. É o grupo que prefere realizar atividades físicas às psicológicas, como construção de casas e parques.

- Os não sociais: o grupo que menos tem interesse e expectativas em trabalhar e estar em contato com a comunidade local. Esse grupo não se sente confortável com experiências emocionais ou psicológicas, preferindo trabalhar com o meio ambiente ou com animais.

Portanto, para cada praticante de volunturismo, seja ela de qual tipo for, existe um grupo de pessoas que se enquadram no perfil específico para aquele tipo de turismo voluntário. Mesmo que o foco desse trabalho seja analisar a oferta de volunturismo no meio rural, é importante compreender as principais características da demanda. Como já explanado no decorrer da pesquisa, existem diversos tipos de volunturismo: em hospitais, em escolas, em empresas, na comunidade como um todo e no meio rural. De acordo com a afirmação de Andereck et al. (2010), é provável que os praticantes de volunturismo rural sejam uma mistura de quatro grupos, excluindo apenas o grupo dos não aventureiros, já que são os voluntários que, segundo o autor, possuem menor interesse no convívio com a comunidade local, assim como também se preocupam com o conforto físico e mental em um trabalho voluntário.

É pertinente afirmar que o praticante de volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica pode estar inserido nos grupos dos trabalhadores e também dos envolvidos com a comunidade, já que um grupo não exclui o pertencimento a outro. Quem anseia pela prática do volunturismo em propriedades de agricultura orgânica possui facilidade e desejo pelo trabalho e rotina rurais, assim como também quer o contato com os moradores locais, sendo esses os principais atrativos e motivadores.

A oferta de volunturismo rural acontece de forma organizada e predeterminada, seja em parceria com as instituições que intermedeiam o proprietário rural e o volunturista, ou de maneira independente, com informações passadas por meio de mídias ou panfletagem.

A seguir, buscou-se compreender como ocorre a oferta de volunturismo rural nacional e internacional. Foram encontradas várias referências vinculadas ao WWOOF e, em menor número, a outras instituições semelhantes, bem como propriedades sem filiação a organizações.

2.4.1 Oferta de Volunturismo Rural: aspectos gerais

O volunturismo no meio rural é ofertado geralmente em propriedades que possuem como foco o tipo de cultivo orgânico, prezando pela sustentabilidade. São, em sua maioria, propriedades que se enquadram como TRAF – Turismo Rural de Agricultura Familiar, em que o turista possui contato direto com os proprietários rurais, com a vivência da rotina no meio rural e contribui para a valorização do modo típico e tradicional do campo. Assim sendo, a atividade turística, dentre elas o volunturismo, vem sendo implantado no meio rural como uma alternativa econômica para os moradores de áreas rurais, fazendo parte das transformações que vêm ocorrendo neste meio (NITSCHE; NERI, 2014).

Uma das características da oferta do volunturismo rural é a promoção da educação ambiental, já que os proprietários oferecem como um dos atrativos o contato integral com a natureza. Para Rauber e Carson (2002), a educação ambiental para esse tipo de atividade é muito importante, pois se trata de uma proposta de compromisso com a sociedade, para um desenvolvimento mais humano e harmônico, pautado nos direitos humanos, na ética e no amor à natureza e à humanidade.

Existem algumas formas de trabalhar e ofertar o volunturismo rural nas propriedades de agricultura orgânica, de forma independente ou filiada a alguma instituição ou ONG que trabalhe com essa vertente. As propriedades que pretendem trabalhar de forma independente precisam ter uma estratégia de marketing e planejamento, já que precisam ficar conhecidas de alguma forma entre os praticantes de volunturismo rural. Alguns proprietários utilizam as feiras orgânicas, onde comercializam seus produtos, para ofertarem a atividade de volunturismo rural em suas propriedades, possuindo suas próprias regras estabelecidas, assim como contrato individual com cada volunturista (HRYCYK, 2016).

Entretanto, a forma mais eficaz de promover o volunturismo rural ainda é através de instituições e organizações que façam a intermediação entre o possível volunturista e a propriedade de interesse. O CAEP - *Communicating for Agriculture Education Program* é uma empresa internacional, especializada em promover conhecimento no Agronegócio, mesmo que o volunturismo não seja ofertado diretamente pela empresa. A possibilidade do interessado realizar uma viagem como um estagiário, como forma de aprendizado é interessante, por meio de viagens técnicas e intercâmbio (CAEP BRASIL, 2018). É uma empresa que foi fundada nos Estados Unidos em 1972 e que teve como objetivo inicial unificar a classe de agricultores. No Brasil, teve seu escritório fundado em 1999, sendo hoje a CAEP Brasil a principal parceira da *CAEP International*, devido ao grande potencial do agronegócio brasileiro, conforme dados no site da CAEP (2018). Essa empresa possui um programa para pessoas que desejam viajar, experimentar a vida no campo e aprender a língua inglesa. O nome do programa chama-se *Farmstay/Ranchstay*, e é dividido em duas partes: na primeira parte a pessoa aprende a língua para adquirir fluência; após a conclusão do curso, a pessoa é encaminhada para uma propriedade familiar para conviver e trabalhar junto com essa família de agricultores. Os países participantes desse programa são o Canadá e a Nova Zelândia (CAEP, 2018). Outro programa interessante de voluntariado que pode ser realizado no meio rural é o do *Work & Trip – Exchange International*, sendo uma empresa multinacional, oferece diversos tipos de programas, incluindo o voluntariado em meio rural, porém não necessariamente oferecendo a vivência no campo como principal atrativo. O programa de voluntariado agrícola é ofertado na África do Sul como uma iniciativa para proteção ambiental e animal (WORK & TRIP, 2018).

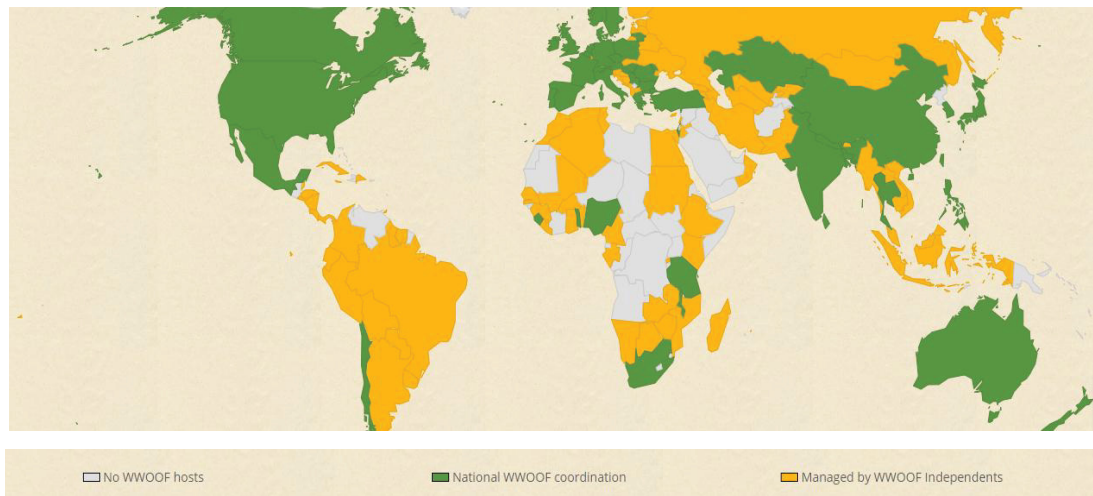
Dentre as instituições que ofertam e trabalham com o volunturismo em ambiente rural, a mais reconhecida e estudada é o WWOOF, devido às suas particularidades, como a facilidade em ter filiais em cento e trinta e dois países, opções variadas nos tipos de cultivo e atividades ofertadas e também por ser uma organização mais antiga. Na sequência será detalhado como o WWOOF se organiza.

2.4.2 WWOOF – Integração entre Propriedades de Agricultura Orgânica e seus Praticantes

WWOOF – *World Wide Opportunities on Organic Farms*, traduzido como Rede Mundial de Oportunidades em Fazendas Orgânicas, é uma organização de origem inglesa que surgiu nos anos 1970 como uma alternativa sustentável e diferente para quem estivesse interessado em fugir do caos do centro urbano e se refugiar em meio à natureza. Essa instituição conecta as propriedades rurais de agricultura orgânica àqueles que desejam praticar o volunturismo rural como alternativa de férias.

Susan Coppard criou o WWOOF inicialmente conhecido como “Fins de semana de trabalho voluntário em fazendas orgânicas” para atrair as pessoas que tivessem interesse de passar férias mais baratas no meio rural (WWOOF, 2018). Conforme Silva (2013) e Terry (2014), atualmente o WWOOF está presente em cento e trinta e dois países, distribuídos entre filiais do WWOOF ou nas organizações independentes da instituição, possuindo como objetivo primar pela agricultura sustentável, ecologicamente correta e de base comunitária, além de combater à escassez de mão de obra, oferecendo hospedagem, alimentação e conhecimento para os hóspedes (TERRY, 2014). Cada país que possui uma filial do WWOOF utiliza-se de regras para poder tornar a atividade mais organizada e harmoniosa, sendo uma dessas regras o tempo de trabalho estipulado, o qual pode variar de três dias até seis meses, de acordo com as necessidades da propriedade rural (MCINTOSH; BONNEMANN, 2006). Abaixo a figura 4 apresenta os países que possuem filiação com o WWOOF, seja de forma independente, com regras e determinações próprias, ou coordenados pelo WWOOF principal, seguindo todas as mesmas diretrizes.

FIGURA 4 – MAPA DOS PAÍSES QUE POSSUEM FILIAÇÃO COM O WWOOF



FONTE: WWOOF (2019)

O intuito principal do WWOOF é realizar a conexão entre as propriedades de agricultura orgânica que precisam de voluntários para trabalhar com aqueles que desejam essa função, baseada na sustentabilidade. Entretanto, como Deville et. al (2016) expõem, existe uma colisão entre a realidade e a idealidade do WWOOF. O esperado é que a busca pelo conhecimento do modo de cultivo orgânico, assim como o uso sustentável da terra, sejam os principais motivadores dos praticantes, porém é caracterizado também pelo turista que está interessado em um tipo de férias alternativo e mais barato. Contudo, mesmo com esse conflito de interesses entre proprietários e praticantes, o objetivo do WWOOF contribui para os interesses dos proprietários em geral, que é a utilização sustentável da terra, o uso responsável dos recursos naturais e a economia dos encargos e impostos trabalhistas. Conforme afirma Mostafanezhad (2016), os proprietários anfitriões do WWOOF compõem um movimento de resistência ao capitalismo neoliberal.

As pretensões dos volunturistas que desejam se voluntariar em propriedades rurais de agricultura orgânica são vivenciar a rotina rural e adquirir conhecimento sobre técnicas de cultivo, além de poder ter uma alternativa de férias que seja barata e atrativa. Esses praticantes de volunturismo rural são conhecidos como WWOOFer's, e são pessoas dispostas a doarem seu tempo e conhecimento em prol do benefício da propriedade escolhida em troca de hospedagem e alimentação (RURAL VOLUNTEERS, 2007).

Obter conhecimento técnico e ter a experiência da rotina rural são atrativos que incentivam os WWOOFer's escolherem as propriedades que desejam se voluntariarem, sendo que os tipos de cultivo ou localidade podem influenciar nessa escolha. De acordo com as informações no *site* do WWOOF (2018), os WWOOFer's precisam fazer a inscrição no *site* da filial do país que o praticante deseja se voluntariar, pagar a taxa, que varia em cada país, e esperar a autorização e o envio da listagem das propriedades rurais que estão recebendo volunturistas.

No Brasil a filial do WWOOF é a WWOOF Brazil, e atualmente possui 213 propriedades ativas cadastradas e uma inativa temporariamente, conforme listagem de 2018. De acordo com o WWOOF Brazil (2018) a taxa de filiação para o interessado em praticar volunturismo em propriedades rurais de agricultura orgânica é no valor de 38 dólares e tem a validade de um ano. Conforme o mapa da figura 5 abaixo, o WWOOF possui propriedades cadastradas em todo território nacional.

FIGURA 5 – MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DAS PROPRIEDADES PELO BRASIL



FONTE: WWOOF Brazil (2019)

As propriedades cadastradas no WWOOF Brazil possuem variedade nos tipos de cultivo, como criação de animais, plantio de ervas, hortaliças, leguminosas, frutas, plantação de cocos, cacau, milho, café, cana de açúcar, açaí, cogumelos, beneficiamento de grãos e eucalipto. Algumas propriedades possuem algumas restrições, como não aceitarem crianças, fumantes, solteiros e animais de estimação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Perante o referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores, é notória a necessidade de se analisar a oferta de volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica, este capítulo mostra a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, assim como as suas etapas. O objeto de estudo analisado, por possuir características mistas, como ser passível de mudanças e ser não probabilística, além de possuir técnicas de pesquisa estruturada e também um roteiro não estruturado, é investigado por meio de técnicas qualiquantitativas (DENCKER, 1998), com o intuito de compreender aspectos da oferta de volunturismo rural no sul do Brasil. As técnicas quantitativas foram utilizadas no levantamento das características das propriedades cadastradas no WWOOF Brazil. Devido a esses fatores e à sua pluralidade de assuntos, Campos (2004), explica que sua análise de dados precisa ser realizada em conjunto, sem excluir nenhum nem separar nenhum dado.

De acordo com os objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva (DENCKER, 1998), analisando a oferta de volunturismo rural nos estados do Sul do Brasil, estudando aspectos como adaptação das propriedades para receberem volunturistas e motivação dos proprietários quanto à inserção na atividade de volunturismo. Conforme Richardson (1999), também é considerada exploratória quando se possui pouca informação sobre o assunto e existe a necessidade de se conhecer sobre o fenômeno.

3.1 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Para essa pesquisa, optou-se por analisar as propriedades localizadas nos três estados do Sul do Brasil, devido à considerável concentração da oferta no local. Os três estados juntos somam cinquenta propriedades ativas, totalizando, portanto quase 25% das propriedades de todo o território nacional.

A pesquisa analisa o modo como os proprietários rurais se preparam e assim, ofertam o volunturismo rural como uma atividade mista, sustentável e o trabalho rural, a análise consistiu em investigar as cinquenta propriedades por meio

das informações dispostas no *site* do WWOOF Brazil, assim como analisou as respostas obtidas através do questionário aplicado via *online*, o qual contém perguntas sobre o perfil da propriedade, as principais características, as adaptações realizadas e também os principais motivadores relacionados com a atividade de volunturismo rural.

A segunda etapa da pesquisa foi referente à análise das respostas sobre as motivações, as adaptações e a caracterização da atividade de volunturismo rural, sob o ponto de vista de um proprietário da cidade de Londrina, no Paraná, que se dispôs a responder a pesquisa sobre o assunto.

FIGURA 6 – MAPA REGIÃO SUL DO BRASIL



FONTE: IBGE (2019)

3.1.1 Panorama das Propriedades de Volunturismo no Sul do Brasil

Como o objetivo de pesquisa dessa dissertação é analisar as propriedades que ofertam o volunturismo rural nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o WWOOF foi identificado como a organização que mais agrega

filiados e, por isso, ela foi selecionada para embasar o levantamento documental e a pesquisa empírica. Para tanto, primeiramente foi elaborado um panorama com o propósito identificar quantas propriedades os três estados do sul do país possuem e quais são as suas principais características produtivas e de recepção de volunturistas.

Os dados desse panorama foram buscados no site do WWOOF Brazil (2018), nos relatórios disponibilizados após o cadastro da pesquisadora como usuária da plataforma. No Paraná são dez propriedades ativas cadastradas, possuindo como cultivos principais hortaliças, frutas, leguminosas e beneficiamento de grãos. Em Santa Catarina existem dezesseis propriedades ativas, que cultivam principalmente frutas, cogumelos, erva mate, palmito e milho. O Rio Grande do Sul possui vinte e três propriedades ativas que cultivam frutas, cana de açúcar, eucaliptos, ovos, leite, lavanda, leguminosas, cereais e tabaco.

O quadro a seguir apresenta a localidade da propriedade, a capacidade de volunturistas aceitos, o tipo de acomodação e o tipo de cultivo.

QUADRO 2: PROPRIEDADES DO SUL DO BRASIL CADASTRADAS NO WWOOF BRAZIL

Estado	Número de volunturistas	Tipos de acomodações disponíveis	Tipo de cultivo/produção
Paraná	De 2 a 6 pessoas por vez	Acampamento, quarto compartilhado e quarto privativo	Leguminosas, frutas, hortaliças e madeira.
Santa Catarina	De 2 a 15 pessoas por vez	Acampamento, quarto compartilhado e quarto privativo	Leguminosas, frutas, hortaliças, palmito, cogumelos e eucalipto.
Rio Grande do Sul	De 2 a 12 pessoas por vez	Acampamento, quarto compartilhado e quarto privativo	Leguminosas, frutas, hortaliças, physalis, cana de açúcar, videira e leite.

FONTE: WWOOF Brazil (2018)

Essas são as informações disponíveis para o volunturista. Assim, pode-se verificar que, mesmo possuindo um intermediador entre o proprietário rural e o praticante de volunturismo, as informações disponíveis são escassas. Muitos praticantes escolhem seu destino pelo tipo de cultivo e essa é uma informação que poucos proprietários se dispuseram a fornecer, não possuindo muitas variedades,

especialmente no Paraná. São cinquenta e uma propriedades nos três estados, e a maioria cultiva principalmente leguminosas e frutas.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, pois de acordo com Gil (2008), é uma pesquisa que busca desenvolver e esclarecer conceitos, além de aproximar as hipóteses dos fatos. Seu caráter descritivo deve-se também ao fato da pesquisa possuir o objetivo de identificar as motivações dos proprietários rurais, pois de acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas são aquelas que buscam identificar e aproximar as variáveis entre si. Conseguir identificar quais fatores influenciaram no desejo dos proprietários em iniciar a atividade de volunturismo rural em suas propriedades a caracterizam como tal.

Outra característica que determina a pesquisa como exploratória é o fato de ser um assunto ainda pouco estudado. De acordo com Gil (2008), essa característica faz com que as hipóteses sejam pouco precisas e operacionalizáveis. De acordo com o referencial bibliográfico, é possível perceber a escassez dos estudos em torno do assunto do volunturismo rural.

A construção do referencial teórico da dissertação foi realizada, primeiramente, com pesquisa bibliográfica abordando assuntos que se relacionam entre si, cumprindo, portanto, com o primeiro objetivo específico da pesquisa. Os assuntos abordados foram voluntariado, volunturismo, turismo rural, WWOOF, agricultura orgânica e oferta turística. Os materiais consultados para realizar a pesquisa bibliográfica foram, principalmente, livros de referência, periódicos, artigos publicados em anais e também o próprio *site* do WWOOF, tanto o internacional como o de filial nacional.

Devido ao aspecto qualitativo, para realizar a coleta dos dados, e assim, cumprir com os objetivos seguintes propostos, foi aplicado um questionário aos agricultores proprietários nos três estados do Sul do Brasil, contendo questões abertas, fechadas e dependentes, já que algumas perguntas dependem da resposta anterior (GIL, 2008). As perguntas do questionário foram construídas de maneira a

incentivar a memória do entrevistado, possuindo uma sequência lógica e sendo exclusivas (DENCKER, 1998).

Para obter dados gerais das propriedades rurais a partir de técnicas quantitativas (DENCKER, 1998), foi realizado um levantamento no site do WWOOF Brazil para identificar os principais tipos de cultivo das propriedades, a aceitação de crianças ou pessoas solteiras e a tolerância sobre o uso de bebidas alcoólicas e cigarro. Conforme afirma Gil (2008), o levantamento é vantajoso quando precisa de quantificação, sendo possível agrupar em tabelas os dados coletados. Essa contagem realizada por meio do levantamento caracteriza a parte quantitativa da pesquisa, sendo necessário para a contagem e descrição das propriedades investigadas.

Para atender ao objetivo específico 1, foi construído um aporte teórico capaz de sustentar o estudo do volunturismo como uma atividade relacionada ao turismo rural e voltado ao agroturismo e ao TRAF. Para o objetivo 2, a oferta de volunturismo no meio rural no Sul do Brasil foi identificada a partir de levantamento do *website* do WWOOF Brazil. Analisando características como número de unidades habitacionais, tipos de cultivo, localização regional e tipos de alojamento.

Para atender ao objetivo 3, que trata da caracterização da oferta de atrativos, equipamentos e serviços que atendam ao volunturismo nas propriedades estudadas, foram coletados dados no WWOOF e também foi realizada aplicação de questionários com os proprietários rurais. Esses questionários foram elaborados visando identificar a preparação das propriedades rurais para o volunturismo, quais os atrativos e as comodidades que os proprietários consideram como equipamentos turísticos e demais questões que atendem ao objetivo 4 da pesquisa. O objetivo 4 busca compreender as motivações dos proprietários rurais em implantar o volunturismo rural em suas propriedades como uma alternativa para a execução dos trabalhos rurais. Para tanto, os questionários aplicados buscaram levantar as principais motivações dos proprietários em desenvolver a atividade, bem como descrever as dificuldades encontradas e a satisfação quanto à atividade.

Um estudo de caso foi realizado visando observar in loco a preparação da propriedade para o volunturismo e os aspectos motivacionais dos proprietários. Foram selecionados até três propriedades, por conveniência, para ser efetuado o

estudo de caso, porém foi possível a realização em uma delas, devido à indisponibilidade dos proprietários em atender à solicitação da realização da entrevista.

3.3 COLETA DE DADOS

Para conseguir atender aos objetivos propostos, a coleta de dados foi dividida em três etapas. A primeira etapa caracterizou-se pela aplicação de um questionário *online* junto aos proprietários rurais dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul cadastrados no WWOOF Brazil. Ao todo foram cinquenta e um questionários enviados, via *e-mail*, os quais foram obtidos por meio do cadastro realizado pela pesquisadora no *site* do WWOOF Brazil. Essa coleta de dados foi realizada no período de Agosto de 2018 a Dezembro do mesmo ano.

A segunda etapa da pesquisa foi reformulada devido à dificuldade encontrada em angariar respostas dos questionários enviados *online*. Em compensação, a partir do mês de abril de 2018, o site do WWOOF foi atualizado com o acréscimo de novas seções, com uma série de informações sobre cada propriedade cadastrada, as quais se mostraram imprescindíveis aos objetivos de mapear e caracterizar a oferta. Essa segunda etapa trata-se de uma pesquisa documental que, de acordo com GIL (2008), assemelha-se à pesquisa bibliográfica, sendo diferenciada dessa por analisar materiais que ainda não receberam tratamento analítico, podendo, portanto, ser reelaborada de acordo com os objetivos da pesquisa.

A terceira etapa tratou-se de uma entrevista realizada com um proprietário rural no mês de Outubro de 2018. A princípio seriam realizadas três entrevistas, para assim serem realizadas observações *in loco* sobre a caracterização da propriedade e analisada com maior profundidade as motivações dos proprietários rurais. Porém, não foi obtido retorno no contato realizado com dois proprietários, mesmo com a insistência da pesquisadora. A única entrevista realizada coletou dados como satisfação, necessidades, benefícios do volunturismo rural como alternativa para a mão de obra e alterações na propriedade para o volunturismo.

Esses dados foram válidos para identificar aspectos importantes sobre como os proprietários rurais se preparam para incluir o volunturismo rural como uma atividade secundária em suas propriedades. Aspectos como infraestrutura, modificações, tipos de cultivo, atrativos turísticos e número de volunturistas aceitos também foram analisados para poder conseguir responder os objetivos da pesquisa.

4 TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A tabulação dos dados coletados foi dividida também em três etapas, começando inicialmente pelos gráficos fornecidos pelo Google Forms (Apêndice C), por meio das respostas dos questionários respondidos via *online*. Esses gráficos foram utilizados para facilitar o entendimento das questões fechadas do questionário, como números de quartos e tipo de cultivo. As tabelas foram usadas para analisar as respostas das questões abertas, que trataram sobre os problemas com volunturistas, proibições e atividades realizadas.

A segunda etapa da tabulação trata-se da coleta realizada no *site* do WWOOF, verificando as informações disponíveis, para assim atingir o objetivo proposto de análise da oferta. Essas informações foram dispostas em tabelas, gráficos e listas (Apêndice D) a fim de facilitar a visualização das informações.

A terceira e última etapa da tabulação dos dados coletados refere-se à descrição integral das respostas fornecidas pelo proprietário rural entrevistado. Foram perguntas abertas e, portanto, forneceram respostas que possuem muitas informações, sendo importante para esclarecer sobre as motivações do proprietário rural.

Ambos os resultados foram analisados, relacionando-os com os dados já estudados por outros pesquisadores e vistos no referencial teórico. Por meio da tabulação e da interpretação desses dados, buscou-se responder as hipóteses, assim como responder o problema e os objetivos propostos.

4.1 PRIMEIRA E SEGUNDA ETAPAS: RESULTADOS DAS RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS E DA ANÁLISE DO *SITE* WWOOF BRAZIL

Foram enviados cinquenta questionários e obtidos seis respostas, em um prazo de espera de quatro meses para que os proprietários pudessem responder a pesquisa. As respostas obtidas com esse questionário foram importantes para a análise do perfil da oferta, como essas propriedades se prepararam e se disponibilizam para a atividade de volunturismo rural. Os gráficos dessa primeira parte foram fornecidos pelo sistema Google Forms e estão dispostos no Apêndice C.

A segunda parte da tabulação consistiu na análise dos dados disponíveis no *site* do WWOOF Brazil, sendo possível dessa forma, identificar informações importantes, como tipo de alojamento, tipos de cultivos e quantidade de volunturistas aceitos. Os dados foram dispostos em gráficos, tabelas e listas, disponíveis no Apêndice D.

O Quadro 3 apresenta a quantidade informada de volunturistas aceitos em cada cidade, assim como o tipo de alojamento e as comodidades oferecidas. Esse quadro foi elaborado a partir das informações contidas no *site* do WWOOF Brazil, contudo, nem todas as propriedades disponibilizaram essas informações.

QUADRO 3 – INFORMAÇÕES SOBRE O TIPO DE ALOJAMENTO, A QUANTIDADE DE TURISTAS COMPORADOS E O TIPO DE COMODIDADES OFERECIDAS

Estado	Cidades com propriedades ativas	Quantidade de volunturistas aceitos	Tipo de alojamento	Comodidades Oferecidas *ao menos um dos itens é oferecido ao volunturista
Paraná	Curitiba; Apucarana (2); Capitão Leônidas; Bocaiuva do Sul (2); Morretes (2); Maringá; Campo Largo.	De 2 a 6 pessoas por vez	Acampamento; Quarto compartilhado; Alojamento próprio; Quarto privativo.	Wi-Fi; banheiro privativo; tanque para lavar roupas privativo; banheiro coletivo; cozinha coletiva; roupas de cama e banho;
Santa Catarina	Praia Grande (3); Florianópolis (2); Timbé do Sul; Joinville; Santa Rosa de Lima; São Lourenço d'Oeste; Ibirama; Urubici; Imbituba; Camboriú; Angelina; Campo Alegre; Garopaba.	De 2 a 15 pessoas por vez	Quarto compartilhado; quarto privativo; área de <i>camping</i> ; alojamento próprio.	Cozinha coletiva; banheiro coletivo; cozinha privativa; banheiro privativo; roupas de cama e banho; Wifi; rádio.
Rio Grande do Sul	Nova Candelária; Santa Maria; Porto Alegre (2); Nova Alvorada; Venâncio Aires; Horizontina (2); Santana do Livramento; Gramado; Nova Petrópolis (2); Canela (3); Três de Maio (2); Osório; Viamão; Santa Rosa; Garibaldi; Bento Gonçalves; Três Coroas; Santa Cruz do Sul; Sentinela do Sul.	De 2 a 12 pessoas por vez	Quarto compartilhado; quarto privativo; área de <i>camping</i> ; alojamento próprio.	Cozinha coletiva; banheiro coletivo; cozinha privativa; banheiro privativo; roupas de cama e banho; Wifi; rádio.

FONTE: WWOOF Brazil (2019)

Informações adicionais – por estado: *nem todas as propriedades cadastradas disponibilizaram informações que se enquadrassem nessa categoria.

Mesmo não possuindo a atividade turística como objetivo principal da propriedade receptora de volunturistas rurais, algumas características são importantes de serem observadas, já que por definição do segmento, trata-se de uma atividade turística. Abaixo estão classificados por estado as principais opções de oferta de lazer disponíveis nas propriedades cadastradas e analisadas.

É importante ressaltar que nem todas as propriedades cadastradas informaram sobre possuir alguma característica que fosse definida como oferta de lazer. No Estado do Paraná foram identificadas as seguintes informações sobre as opções de lazer disponíveis nas propriedades: proximidade da cidade; possui riacho ou rio; oferece cavalos para montaria; pertence a Mata Atlântica.

Além disso, constavam algumas informações adicionais a respeito da infraestrutura e atividades complementares nas propriedades:

- Espaço para prática de yoga e atividades circenses;
- Padaria econômica solidária – baseada nos conceitos de Bem Viver;
- Oficina de sabão orgânico;
- Recuperação da área no entorno do rio.

No Estado de Santa Catarina foram identificadas as seguintes informações sobre as opções de lazer disponíveis nas propriedades: pertencente à Mata Atlântica; rios e cachoeiras; visitação ao Canyon e Parques Nacionais; projetos de ecoturismo e turismo de aventura; proximidade da praia e possibilidade de práticas de esportes aquáticos; proximidade da Serra Geral; atividades de montanhismo e escalada; *mountain Bike*; tratamentos naturais; trilhas na mata; visitação aos sítios arqueoastron micos; visitação às aldeias indígenas; observação de aves; proximidade da cidade.

Além disso, constavam algumas informa es adicionais a respeito da infraestrutura e atividades complementares nas propriedades:

- Aluguel de quartos pela plataforma Airbnb;
- Workshop mensal sobre agricultura biodinâmica.

No Estado do Rio Grande do Sul foram identificadas as seguintes informa es sobre as op es de lazer disponíveis nas propriedades: rios e

cachoeiras; mata virgem; caminhadas pela mata; pertencente à Mata Atlântica; próximo da Serra Gaúcha; próximo da cidade.

Além disso, constavam algumas informações adicionais a respeito da infraestrutura e atividades complementares nas propriedades:

- Oficinas de gastronomia com plantas alimentícias não convencionais;
- Parceria com universidades;
- Participação nas feiras de orgânicos;
- Padaria para comercialização dos produtos;
- Sistema de utilização da água da chuva;
- Atelier de artes e lojas para atender o público em geral;
- Espaço integrativo com educação ambiental;
- Produção de composto biofertilizante;
- Restaurante para o público em geral;
- Coletores solares para aquecimento do sistema hidráulico;
- Sistema de reciclagem;
- Atividades terapêuticas como massagem e *coaching*.

Em relação às proibições existentes nas cinquenta propriedades cadastradas no *site* do WWOOF Brazil e localizadas nos três estados do Sul do Brasil, nem todas especificaram sobre a sua existência. Entretanto, as propriedades que expõem suas proibições são unânimes quanto ao uso de drogas ilícitas.

Sobre as atividades que os volunturistas realizam na propriedade, além daquelas que o tipo de cultivo esclarece, como plantar, colher ou tratar os animais, os proprietários deixam claro nas especificações que a manutenção geral da propriedade é também uma atividade para o volunturista. Conforme acertado em contrato, a limpeza da propriedade, o uso da cozinha e o auxílio nas atividades que não são especificadas são para todos os voluntários.

Em relação à motivação, não há no *site* do WWOOF Brazil um campo específico que detalhe quais foram os interesses e motivações que fizeram os proprietários rurais implantarem o volunturismo em suas propriedades. Entretanto, nas características apresentadas, os proprietários deixam claro que necessitam de mão de obra, e por estarem no começo da atividade rural escolhida, gostariam de

experimentar o voluntariado como alternativa de mão de obra. As propriedades que possuem intuito espiritual também expõe sua vontade em fazer uma sociedade mais justa e com melhores condições.

O tópico seguinte trata sobre a transcrição da entrevista realizada com o proprietário rural, sendo, portanto, a terceira e última etapa da tabulação dos dados coletados durante a pesquisa realizada.

4.2 TERCEIRA ETAPA: ENTREVISTA COM PROPRIETÁRIO

Entrevista realizada com um proprietário rural, cuja propriedade está localizada na cidade de Londrina, no estado do Paraná, no dia 06 de Outubro de 2018. Conforme solicitado pelo proprietário, a entrevista foi concedida fora das dependências da propriedade, em um estabelecimento comercial. O equipamento utilizado para a realização da entrevista foi celular, utilizado como gravador e também caderno e caneta, para anotar pontos relevantes dos dados fornecidos. As respostas são referentes ao Apêndice B, sendo sua transcrição feita na sequência de perguntas.

O proprietário afirma que sua horta, inicialmente experimental, é toda orgânica.

Sobre os motivos, o proprietário explicou que tinha uma grande produção, porém não tinha como escoar. Ao saber sobre o volunturismo rural, interessou-se e implantou em sua chácara. O principal motivador foi o intercâmbio cultural realizado nessa atividade.

Como o proprietário rural já foi voluntário pelo WWOOF Chile, ele afirma que o conhecimento adquirido e a troca de experiências foram fundamentais.

Quando questionado sobre os aspectos sociais e ambientais considerados como mais relevantes, ele respondeu ser o intercâmbio e a preservação dos recursos naturais.

Em relação aos aspectos econômicos, o agricultor afirma que foram importantes e influenciaram na escolha, pois os encargos trabalhistas eram muito caros e, portanto, sua propriedade eram geridas integralmente pela família.

As tarefas realizadas na propriedade pelos volunturistas são na manutenção da horta, na limpeza do galinheiro, no trato aos animais e na limpeza geral da chácara.

Ele explicou que, como implantou o volunturismo rural recentemente, não fez nenhuma modificação e, portanto, os volunturistas ficam alojados em sua própria casa. A propriedade tem capacidade para receber até quatro voluntários. Não recebe excursionistas, porém possui espaço para alugar e realizar eventos.

Sobre os aspectos negativos da atividade, o proprietário afirma que a estrutura do WWOOF Brazil é precária e no que tange à estrutura das propriedades divulgadas, faltam informações.

Sobre os aspectos positivos, a troca e o conhecimento de novas culturas, de hábitos alimentares e das demais diferenças são, segundo o entrevistado, as características mais legais do volunturismo.

Os volunturistas ficam sabendo de sua propriedade exclusivamente pelo *site* do WWOOF Brasil, sendo esse também o principal meio de comunicação com os interessados, por meio do *e-mail* divulgado na página.

O proprietário explicou que, como ele já utilizou o sistema de outro WWOOF, o do Chile, o WWOOF Brazil é muito demorado no retorno aos seus interessados, tanto dos volunturistas como dos proprietários. Devido a essa demora e ineficiência na divulgação das informações, o agricultor não está satisfeito com a atuação do WWOOF, entretanto, como é o meio mais conhecido para se divulgar propriedades rurais de agricultura orgânica que aceitam volunturistas como mão de obra, o proprietário irá permanecer filiado ao WWOOF.

As modificações que sugeriu para melhorar a integração entre proprietários e praticantes proposta ao WWOOF foi, principalmente, na parte da comunicação. O entrevistado explicou que essa parte é precária, pois disponibilizam apenas o *e-mail* como meio de contato entre ambas as partes. Uma sugestão oferecida pelo entrevistado para facilitar esse contato foi o uso do *chat*. A segunda sugestão foi melhorar as informações divulgadas, com possibilidade de incluir mais fotos e mais detalhes para, dessa maneira, chamar a atenção de quem se interessa pelo local como destino para a prática do volunturismo rural.

Analisar a oferta de determinado produto turístico requer a investigação de variados aspectos, desde como esse produto é divulgado, como é preparado, quais adaptações foram necessárias para poder ser ofertado e quais os motivadores que levaram à oferta desse produto. A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar sobre como é ofertado o volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica nos estados do Sul do Brasil, obtendo dessa forma informações importantes sobre como esse fenômeno é desenvolvido nesses estados.

Vale ressaltar que para a realização da primeira fase foi feita uma quantificação das propriedades, ou seja, mesmo a pesquisa sendo caracterizada como qualitativa, devido aos seus objetivos principal e específicos, uma parte da pesquisa possui caráter quantitativo. Foi realizada uma contagem das propriedades e uma separação das cidades por estado, sendo possível assim, determinar como se dá a distribuição dessas propriedades. Assim sendo, cumpriu-se um dos objetivos específicos, que trata sobre o mapeamento da oferta de volunturismo no Sul do Brasil.

Conforme já relatado na primeira etapa, foram enviados cinquenta e um questionários (questionário disponível no Apêndice A), via *e-mail* para as propriedades cadastradas no WWOOF Brazil, sendo que desses, seis propriedades responderam o questionário por completo. Entre a data de envio até a data de fechamento das respostas, foi aguardado quatro meses para obter as respostas desse questionário. No decorrer da pesquisa, uma propriedade foi descredenciada, portanto constam na quantificação cinquenta propriedades ao todo.

A segunda etapa foi desenvolvida por meio da análise dos dados disponíveis no *site* do WWOOF Brazil. Esses dados foram de grande importância para verificar o tipo de cultivo, o tipo de alojamento ofertado ao volunturista, quais comodidades são oferecidas, se existem atrativos turísticos na propriedade, assim como as proibições e as atividades desenvolvidas pelos voluntários rurais.

A terceira etapa constituiu numa pesquisa de campo, realizada com um proprietário, que se dispôs a responder o questionário sobre motivação, preparação e principais pontos considerados importantes para ele na atividade de volunturismo rural (roteiro da entrevista disponível no Apêndice B).

Nos tópicos seguintes serão apresentados a análise dos dados coletados, respondendo aos objetivos propostos sobre a caracterização das propriedades e sobre a compreensão das motivações dos proprietários rurais em implantar o volunturismo rural em suas propriedades como uma alternativa de mão de obra.

4.3 SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA OFERTA DE ATRATIVOS, EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS QUE ATENDAM AO VOLUNTURISMO

Das cinquenta propriedades estudadas, 20% se localizam no Estado do Paraná, 32% no Estado de Santa Catarina e 48% no Estado do Rio Grande do Sul, e todas são administradas ou pelo próprio proprietário ou por um familiar próximo, como filho, filha ou o cônjuge desses. Sendo assim, as propriedades localizadas no Sul do país estão todas enquadradas na categoria do TRAF – Turismo Rural de Agricultura Familiar, na qual a gestão é realizada integralmente pela família. São propriedades de pequeno porte, sendo que a maioria possui até quatro hectares de terra.

Em relação ao cultivo principal das propriedades, mais de 50% delas cultivam hortaliças, frutas e leguminosas, sendo esses os principais produtos. Entretanto, existem alguns cultivos que são mais peculiares para um Estado do que para outro. Em Santa Catarina, 20% das propriedades cultivam além das tradicionais hortaliças, também os cogumelos, variando as espécies cultivadas. Dentre as propriedades analisadas, o palmito juçara também é cultivado somente nesse estado. Outros cultivos também chamam a atenção, já que são incomuns, principalmente por se tratar de cultivo orgânico. Uma propriedade no Rio Grande do Sul cultiva lavanda e uma em Santa Catarina cultiva o physalis. Em torno de 15% do Estado do Rio Grande do Sul cultiva leite, ovos, videiras e oliveiras.

O principal meio de divulgação de quase 50% das propriedades consiste apenas da plataforma do WWOOF. As redes sociais e *sites* também são algumas ferramentas utilizadas, porém em menor escala. O tempo de cadastro no WWOOF também é variado, porém a maior parte das propriedades já possuem seu cadastro há pelo menos dois anos. Esse fato confirma o que foi visto no marco teórico, já que,

por se tratar de um segmento ainda em expansão, poucos agricultores conhecem esse tipo de atividade.

O volunturismo rural é caracterizado também pelo convívio dos turistas com o cotidiano dos proprietários, sendo apresentados para aqueles os hábitos e costumes de seus receptores. A rotina rural é vivenciada intensamente, sendo esse um dos principais motivadores que levam os turistas a escolherem esse tipo de segmento turístico. Um dos fatores analisados na pesquisa confirma essa teoria, já que mais de 80% das propriedades recebem seus volunturistas rurais dentro de suas próprias residências, geralmente em algum quarto não utilizado pelos integrantes da família. Outra forma bem usual de receber os volunturistas é a partir da utilização de espaços para o *camping*. A quantidade de volunturistas recebidos por vez também é, em sua maioria, mais de 80%, variando entre 1 a 5 voluntários, já que essas propriedades não possuem grandes estruturas para receber mais pessoas por vez. Sendo assim, no ano de 2017, as propriedades receberam uma média de seis volunturistas ao longo do ano todo, possuindo como tempo de estadia uma média de 10 a 20 dias.

Em torno de 15% das propriedades possuem alojamentos próprios para receber seus voluntários, sendo que esses alojamentos podem ser desde cabanas feitas de eucalipto, casas de alvenaria até casas de madeira. Esses espaços possuem cama e banheiro, sendo que esse último pode ser banheiro apenas seco. Em mais de 50% das propriedades, a cozinha e o banheiro convencional são coletivos, ou seja, são utilizados tanto pelos proprietários como pelos volunturistas. Em uma propriedade é utilizada a água da chuva para o consumo geral da casa, enquanto as outras duas propriedades utilizam água do rio para o banho. É uma forma sustentável de utilizar os recursos naturais, mesmo que não seja citado como uma prática sustentável da propriedade. Contudo, a maior parte das propriedades não oferece banheiro ou cozinha privativo, oferecendo assim, o da própria casa dos proprietários para o uso dos voluntários rurais.

Algumas propriedades possuem atrativos turísticos naturais, proporcionando ao volunturista, além da experiência vivenciada na rotina rural, uma experiência também de lazer. As propriedades localizadas no Paraná possuem rios e cachoeiras como atrativos naturais, sendo que algumas ainda estão localizadas

em meio a Mata Atlântica, proporcionando contato intenso com a natureza. Essas propriedades possuem espaço para apreciação e também trilhas para caminhadas. Em algumas propriedades, os cavalos não servem somente no auxílio do trabalho pesado, mas também para cavalgadas. Atividades como observação de aves, *mountain bike* e escalada também são oferecidas aos turistas. As propriedades que estão inseridas na Mata Atlântica oferecem visitação às aldeias indígenas e aos demais atrativos da região. Essas informações foram coletadas tanto com o questionário *online*, como com a análise realizada no *site* do WWOOF Brazil. As propriedades de Santa Catarina expõem como seus atrativos naturais a localização, muitas vezes na serra ou em meio à Mata Atlântica, ou próximo da praia, onde atividades como o surfe são oferecidos como uma alternativa de lazer. Os sítios localizados no Rio Grande do Sul são os que menos exploram e expõem esses atrativos, já que as cidades que são cadastradas no WWOOF Brazil estão longe de praias ou da mata nativa. Entretanto, existem algumas propriedades localizadas na Serra Gaúcha, fato divulgado como um atrativo natural. Ainda consideram como principal atrativo de suas propriedades o convívio com a família, a rotina rural e também o tipo de cultivo, já que muitos voluntários escolhem seus destinos analisando o que é cultivado e quais atividades são realizadas na propriedade.

O intuito principal desses proprietários, ao implantar o volunturismo rural em suas propriedades como alternativa de mão de obra, é justamente obter ajuda desses voluntários nas atividades rurais rotineiras. A princípio não é visto por esses agricultores como uma atividade turística, entretanto, por haver o deslocamento, assim como existir elementos que caracterizem essa atividade como sendo um segmento turístico, como a hospedagem, entende-se que se trata de uma atividade ligada ao turismo. Contudo, os proprietários não a veem primordialmente assim, por isso, as comodidades oferecidas são básicas e essenciais para a hospedagem do voluntário. Itens de higiene, roupas de cama e banho, rádio e ventiladores são oferecidos nessas propriedades. O *Wi-Fi* é ofertado como uma comodidade em algumas dessas propriedades, assim como a televisão. Em relação à infraestrutura existente na propriedade, o asfalto, a energia elétrica e a água encanada estão presentes na grande maioria desses sítios. Entretanto, uma minoria utiliza aquecimento solar, água da chuva para o consumo geral da casa ou água do riacho

para o banho. Algumas propriedades, cerca de 15%, informam sobre a proximidade com a cidade.

Mais de 60% das propriedades recebem o público em geral, seja para atividades no campo de apenas um dia, seja no restaurante para um almoço tipicamente rural. Grupos de excursionistas são recebidos nessas propriedades para realizarem esse tipo de roteiro rural. Quase 20% comercializam os produtos produzidos nas propriedades, seja nas feiras e no restaurante da propriedade, seja vendendo para terceiros. 5% das propriedades possuem padaria para comercializar pães e demais produtos de panificação, todos feitos com os produtos cultivados na propriedade. Uma das padarias é baseada no conceito de O Bem Viver, do autor Acosta (2016), ou seja, possui fundamentos da economia colaborativa, com o intuito de melhorar a sociedade na qual se vive, beneficiando a todos. Uma propriedade aluga seus quartos também pelo Airbnb para os turistas convencionais.

Em relação às atividades realizadas pelos volunturistas rurais, além do trato com os animais, do cultivo, da plantação e da colheita, ainda realizam a limpeza e manutenção da propriedade. A cozinha coletiva é utilizada por todos para o preparo da alimentação dos proprietários e dos voluntários. Algumas propriedades, menos de 50%, são adeptas da bioconstrução, e utilizam da mão de obra dos volunturistas para a realização dessas construções. Mesmo com uma diversidade de atividades para serem realizadas, os proprietários cumprem as regras impostas pelo WWOOF, como o limite de horas trabalhadas por dia, variando entre quatro a seis horas diárias, assim como não ultrapassar os seis dias trabalhados na semana. Essas regras são importantes para caracterizar o trabalho como sendo voluntário, diferenciando e impossibilitando de ser considerado trabalho escravo.

As proibições nas propriedades são em geral relacionadas às drogas ilícitas, ao fumo e às bebidas alcoólicas. Sobre as drogas ilícitas, todas as propriedades as proíbem. Quanto ao fumo, algumas não especificam sobre seu uso. Uma propriedade em particular deixa claro que só é permitido o uso do tabaco natural e, nessa mesma propriedade, é permitida somente cerveja orgânica e artesanal. Narguile² também não é permitido. Bebidas alcoólicas são permitidas, em algumas

² Narguile: trata-se de uma espécie de cachimbo de origem oriental, utilizado para fumar tabaco aromatizado.

propriedades, mas apenas em datas especiais. Dentre as cinquenta propriedades, apenas uma expôs uma proibição que não possui relação com drogas, sendo a proibição da entrada de pessoas estranhas na propriedade.

Algumas outras informações importantes das propriedades analisadas referem-se a como elas estão preparadas para o recebimento dos volunturistas. 80% dessas propriedades possuem moradores que falam 2 ou mais idiomas, sendo que o Estado que mais possui propriedades que só falam português (7%), é o Rio Grande do Sul. Mais de 60% não possuem nenhum tipo de restrição quanto aos hábitos alimentares dos volunturistas, ou seja, possuem uma dieta livre. Também foi identificado que 80% recebem os voluntários o ano todo e também permitem crianças junto com os adultos voluntários. Os três estados possuem propriedades que trabalham com os conceitos da permacultura³, ou seja, baseiam-se na formação e melhor disposição dos tipos de cultivo para conseguirem melhores resultados na atividade. As propriedades também oferecem *workshops* para os turistas aprenderem sobre agricultura biodinâmica e até mesmo sobre a fabricação de sabão orgânico. Uma propriedade do Rio Grande do Sul possui parceria com universidades para receber os alunos da graduação e pós-graduação. Sistemas de reciclagem, produção de biofertilizantes e espaço para educação ambiental também são oferecidos para os volunturistas por algumas dessas propriedades. Algumas imagens dessas propriedades estão disponíveis no anexo 1.

Outra característica relevante disponibilizada por poucas propriedades é em relação ao intuito espiritual da propriedade. Apenas 10% das propriedades informam que possuem rotina de orações, meditação e terapias com conceitos espirituais. As religiões são variadas, desde cristãs até hinduístas.

³ Permacultura: é uma técnica de cultivo que visa a Cultura Permanente, abrangendo além da agricultura convencional. A permacultura transpassa a compreensão de ecologia, de leitura da paisagem, do reconhecimento de padrões naturais, do uso de energias e do bem manejar os recursos naturais, com o intuito de planejar e criar ambientes humanos sustentáveis e produtivos em equilíbrio e harmonia com a natureza (UFSC, 2019).

4.4 MOTIVAÇÕES DOS PROPRIETÁRIOS RURAIS EM IMPLANTAR O VOLUNTURISMO

A pesquisa buscou compreender quais são os principais motivadores que incentivaram os proprietários rurais a iniciarem com a atividade de volunturismo rural em suas propriedades, bem como analisar quais as necessidades que esses proprietários possuem para entender o porquê que o volunturismo rural pode ser considerada uma alternativa viável de mão de obra.

Essa análise foi realizada por meio das respostas do questionário *online* e da análise dos dados disponíveis no *site* do WWOOF Brazil, bem como através da entrevista realizada com o proprietário rural que é um associado do WWOOF.

Por meio dessa análise, pode-se perceber que a necessidade fundamental desses proprietários rurais é diminuir os gastos com os encargos trabalhistas. Por se tratar de pequenas propriedades e de estrutura fundamentalmente familiar, conseguir a redução nos gastos com funcionários convencionais proporciona uma diferença considerável no setor financeiro da propriedade. Entretanto, por mais que essa seja a principal necessidade a ser sanada pelo volunturismo rural, os motivadores que fizeram os proprietários escolherem esse segmento como o mais viável são variados e de cunho sociais.

O volunturismo rural pode proporcionar o contato com diferentes culturas e a troca de aprendizado e experiências, tornando, portanto, a atividade um importante aliado no processo de crescimento pessoal e de inserção na sociedade. Na pesquisa realizada e na análise dos dados, pode-se concluir que as motivações são relacionadas com o aprendizado em geral, seja aprendendo ou ensinando. A troca de saberes entre diferentes culturas é um dos principais motivadores, já que a atividade de volunturismo pode integrar e conectar pessoas de diferentes partes do mundo. Agregar conhecimento, reciprocidade e integração com a comunidade fazem parte de necessidades sociais – os satisfatores apresentados por Max-Neef, os quais o volunturismo rural, com sua troca de culturas e aprendizados, proporciona para os proprietários rurais. Nesse aspecto, conhecer novas pessoas também é um interesse atendido por meio do volunturismo.

O aprendizado e a vivência rurais são fatores de igual importância, sendo também motivadores dos proprietários rurais. Como são agricultores que cultivam produtos orgânicos, muitas vezes baseados nos conceitos da permacultura ou da agricultura sintrópica⁴, desejam expandir essas sabedorias, ensinando outras pessoas esses modos de cultivo ainda pouco explorados. Divulgar o modo de cultivo orgânico e as alternativas sustentáveis e conscientes de produzir são motivações fundamentais do volunturismo rural, confirmando o que a teoria explica quando o conceitua como sendo ético, sustentável e socialmente responsável.

Em relação à satisfação dos proprietários rurais, tanto com a atividade do volunturismo rural como com a atuação do WWOOF Brazil enquanto um suporte oferecido aos associados, é visto que a maior parte, 60% dos cadastrados, estão satisfeitos. A minoria que não está satisfeita com a atividade e com a instituição foi devido a alguma situação esporádica, falta de acordo e de assistência.

Essa satisfação quanto ao volunturismo rural é reflexo do convívio que esses proprietários tiveram com os seus volunturistas. A adaptabilidade dos voluntários, o interesse em aprender as técnicas de cultivo, a boa associabilidade e convivência foram os fatores elogiados pelos agricultores. A minoria que disse não estar satisfeita foi devido a um desacordo entre eles e os volunturistas ou à realização de alguma atividade.

Apesar de alguns proprietários reclamarem da falta de assistência e de informações mais precisas no *site* WWOOF Brazil, ainda assim estão satisfeitos quanto ao programa e ao modo como a integração entre proprietário e volunturista ocorre. A falta de estrutura do WWOOF Brazil é um dos pontos que os proprietários mais reclamaram principalmente na divulgação precária que o *site* faz das propriedades. Faltam muitas informações, e essa ineficácia acaba prejudicando os próprios proprietários, já que os volunturistas acabam se desinteressando pela propriedade ou até mesmo por fazer a atividade de volunturismo rural no Brasil. Um dos proprietários, que já utilizou o WWOOF do Chile para a prática da atividade, o comparou com o do Brasil, explanando sua opinião quanto à demora no atendimento

⁴ Agricultura sintrópica: a agricultura sintrópica tem como ponto principal a não intervenção, ou seja, o uso de adubos orgânicos só é permitido caso o solo escolhido para o cultivo seja pobre e precise de nutrientes e microrganismos para melhorar sua qualidade antes dos primeiros cultivos. Trata-se, portanto, da conservação da mata natural (CICLO VIVO, 2019).

das solicitações dos proprietários. Porém, mesmo com a existência de algumas reclamações quanto ao atendimento do WWOOF, os proprietários acham vantajoso continuarem sendo filiados, já que essa ainda é a forma mais conhecida e prática de se angariar volunturistas, bem como de divulgarem suas propriedades.

O proprietário entrevistado explicou que um dos motivadores técnicos que o incentivou a implantar o volunturismo em sua propriedade foi o fato de ter uma grande produção e não ter como escoar. Como ele já havia sido um WWOOFer, ou seja, praticante de volunturismo rural, ele já sabia como era o processo e decidiu implantar a atividade em seu sítio. O principal motivador social que o incentivou com a atividade foi o intercâmbio cultural presente nesse segmento. Para o entrevistado, é fundamental que haja uma troca entre o conhecimento adquirido e as experiências vividas, o que torna o volunturismo rural uma atividade rica também culturalmente.

A preservação ambiental é um dos principais pontos que os proprietários consideram como importantes nessa atividade, já que a utilização consciente dos recursos naturais e a não utilização de agrotóxicos fazem parte dos conceitos fundamentais do volunturismo rural. Atitudes como a reutilização da água da chuva ou o uso de equipamentos que permitam a utilização da energia solar contribuem para que o volunturismo rural seja sustentável quanto aos aspectos ambientais.

A maioria dos proprietários rurais, 60%, relataram que nunca tiveram qualquer tipo de problema com os voluntários, que o WWOOF, por meio de seu modo de seleção, sempre enviou pessoas bem-intencionadas e interessadas para as propriedades.

O proprietário que foi entrevistado sugeriu algumas modificações que o WWOOF Brazil poderia implantar em sua plataforma. Essas sugestões são principalmente na área de comunicação que, para os associados, é a principal falha da instituição. Um *chat* seria uma alternativa para uma rápida comunicação entre o proprietário rural e o interessado em ser voluntário rural. Melhorar as informações contidas na página do WWOOF também seria interessante, já que não possuem padronização, pois cada propriedade divulga o que considera pertinente. Incluir mais fotos e mais detalhes sobre as atividades também seria muito bom para atrair a atenção dos volunturistas rurais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa foi possível observar que a atividade de volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica ainda possui muitos pontos para melhorar, desde sua divulgação e organização até a forma como assiste ao proprietário rural. É uma atividade presente em cento e trinta e dois países, porém não existe uma padronização na forma que cada país divulga as propriedades cadastradas. Cada país impõe suas próprias regras e suas formas de apresentação, possuindo como único ponto em comum a forma de se tornar um WWOOFer, que é efetuando o pagamento da taxa de filiação. Mesmo assim, essa taxa varia de país para país.

No Brasil, o *site* do WWOOF Brazil possui claras deficiências, desde falhas nas informações e no detalhamento de suas propriedades cadastradas, até na comunicação entre os proprietários e os praticantes de volunturismo. Os próprios agricultores cadastrados apontaram essa como sendo a principal falha da instituição filial brasileira. A pesquisadora também enfrentou essa problemática, já que precisou se filiar para obter os dados confidenciais das propriedades, como *email* e telefone, efetuar o pagamento da taxa e receber esses dados somente vinte dias após a solicitação. É importante ressaltar que muitos dos dados fornecidos estavam incorretos, como telefone inexistente ou até mesmo contendo dados de propriedades que já não eram mais filiadas ao WWOOF.

Contudo, mesmo possuindo falhas, incoerências e deficiências nas informações importantes, o WWOOF continua sendo a principal ferramenta de divulgação e conexão entre o proprietário rural e o aspirante à volunturista rural. É uma forma relativamente barata de se obter acesso a mais de 200 propriedades filiadas, isso no Brasil. Paga-se a taxa de 38 dólares anuais, e o interessado em se tornar um WWOOFer pode se voluntariar em qualquer estado brasileiro, desde que esteja de acordo com as regras individuais de cada propriedade. A grande maioria dos proprietários, mais de 60%, estão satisfeitos e continuarão utilizando o WWOOF como principal meio de divulgação e integração com os voluntários rurais. Esse fato comprova a falta de mais meios de divulgação e de interação que proporcionaram o contato direto entre o agricultor e o interessado no voluntariado rural. Por se tratar

de um segmento ainda em expansão, na qual poucas pessoas conhecem ou enxergam como uma vertente turística, não existe um interesse efetivo em proporcionar um melhor contato entre as partes interessadas. Muitos proprietários enxergam seus voluntários como estagiários ou trabalhadores voluntários, sem possuir o turismo como sendo um dos objetivos presentes nessa atividade. Devido a esse fato, as propriedades não se preparam com meios de hospedagem para recepcionar turistas, disponibilizando apenas o básico para atender algumas necessidades de seus trabalhadores voluntários.

Isso também se deve ao fato de serem propriedades de pequeno porte, inseridas no modelo de agricultura familiar, sendo praticamente inexistente a preparação da propriedade para adaptá-la como um estabelecimento turístico. Uma das razões é o fato do turismo em si não ser o principal objetivo da propriedade, e sim a economia de mão de obra. Entretanto, algumas propriedades se preocupam em construir alojamentos, cozinhas e oferecem o mínimo de comodidades para os seus volunturistas, como roupa de cama e opções de lazer, sejam as trilhas ou a possibilidade de visitação do entorno. A maioria fez poucas ou nenhuma adaptação para começarem a receber os volunturistas, recebendo-os em suas pr oprias casas. Esse é um dos fatores que inclusive mais atrai a atenção e o interesse desses voluntários, o de estar inserido completamente na rotina e nos h abitos rurais, vivenciando a experiência do contato intenso com a família que os recebe. Esse não é um fato isolado ao Brasil, pois, como visto na literatura referenciada, isso ocorre em todos os países que possuem o WWOOF e alguma atividade de volunturismo rural. A oferta de volunturismo rural no Brasil ainda é muito limitada e com pouca infraestrutura, deixando a desejar quanto a pouca diversidade de tipos de cultivo,   falta de estrutura para recepcionar os volunturistas e o pouco preparo dos proprietários rurais.

A parte qualitativa da pesquisa foi importante para entender sobre as motivações dos proprietários, que pensam primeiramente na economia dos encargos trabalhistas, assim como em conseguirem mão de obra sem vínculos para exercerem as funções na rotina rural da propriedade. Contudo, mesmo possuindo essa preocupação financeira, os agricultores também possuem motivações de cunho ambiental, social e cultural. Sob o ponto de vista ambiental, se preocupam

com a sustentabilidade da propriedade, com o uso consciente dos recursos naturais e, principalmente, com a preservação da mata e dos recursos, sendo possível comprovar esse fato pela quantidade de agricultores que trabalham com o reflorestamento e com a agricultura sintrópica. Em relação às motivações de âmbito social, integrar-se à comunidade e torná-la mais justa é um objetivo em comum em grande parte dos proprietários, já que acreditam que a troca cultural, o aprendizado em comum, as experiências adquiridas e a convivência com pessoas diferentes são grandes motivadores. A busca por constante evolução e intensa troca cultural – estando inseridos num ambiente até pouco tempo considerado retrógrado, é de certa forma interessante, já que quem busca esse contato vem geralmente de grandes cidades e de países desenvolvidos, e quem os recebe são pessoas simples e que estão acostumadas com a singularidade do meio rural.

Essas observações foram feitas durante a execução da parte empírica da pesquisa, na análise das respostas dos questionários, da entrevista e do *site*, contudo, algumas observações puderam ser feitas durante a construção do marco teórico. Primeiramente a dificuldade em encontrar referências sobre o assunto volunturismo em propriedades rurais de agricultura orgânica. Foi necessário construir um referencial utilizando-se de uma “colcha de retalhos” a fim de conseguir descrever de maneira entendível o assunto, ou seja, foi preciso fazer uma junção de temas como turismo rural, agroturismo, voluntariado e demais assuntos correlacionados para construir um aporte teórico. Por isso, torna-se importante a continuidade de pesquisas que abordem o volunturismo rural como uma vertente que já vem ocorrendo, porém que pouco é estudada. Como se trata de uma atividade que envolve uma quantidade considerável de assuntos relevantes, como sustentabilidade, responsabilidade social, inserção na sociedade e trocas culturais, bem como uma forma alternativa de aprendizado e uma alternativa atrativa e socialmente benéfica de turismo, é preciso mais pesquisas sobre o assunto.

O Brasil possui uma quantidade considerável de propriedades de volunturismo rural, sendo que quase 25% dessas estão localizadas no Sul do país, o que faz acreditar que é uma vertente atrativa e que pode ser considerada uma alternativa sustentável de turismo e também de economia de mão de obra para os agricultores familiares. Esse tipo de turismo vem cada vez mais atraindo seus

praticantes e interessados, especialmente pessoas ligadas à natureza ou que desejam vivenciar por um período de tempo determinado a vivência rural e suas rotinas.

Pelo motivo da pesquisa possuir caráter misto, quali-quantitativo, foi possível identificar aspectos tanto de perfil como elementos mais subjetivos, como a motivação dos proprietários. Quantificar os aspectos em comum das propriedades, como localização, tipo de alojamento e cultivo foi importante para saber como é ofertado o volunturismo rural em propriedades de agricultura orgânica no Sul do Brasil, assim como saber quais são as motivações que levaram os proprietários rurais a implantarem esse segmento em suas propriedades são essenciais para entender as suas necessidades.

Após a conclusão da análise dos resultados, pode-se entender que as hipóteses consideradas no início da pesquisa foram comprovadas. As instalações presentes nas propriedades são utilizadas tanto pelos proprietários como pelos voluntários e apenas algumas propriedades possuem alojamento diferenciado, porém, ainda assim mantém um intenso convívio com os voluntários. A vivência rural é um dos principais atrativos oferecidos aos volunturistas, sendo confirmado pelo fato de como os proprietários expõem suas rotinas e atividades na página do WWOOF Brazil.

Espera-se que a pesquisa contribua também incentivando os proprietários rurais a começarem a utilizar técnicas de cultivo orgânico, privilegiando o uso sustentável da terra e utilizando de maneira consciente os recursos naturais. Conforme os dados estudados, é notório que o Brasil ainda está aquém de países desenvolvidos, pois, além de possuírem a atividade de volunturismo rural já bem difundida, praticam o cultivo orgânico em suas propriedades rurais.

Além de incentivar os proprietários quanto ao tipo de cultivo orgânico e influenciar a implantação do volunturismo rural como uma alternativa de mão de obra, espera-se também que a pesquisa possa incentivar novos pesquisadores quanto à importância e relevância do tema para a academia. Ao longo da pesquisa pode-se perceber a falta de referências sobre o assunto, possuindo apenas alguns em artigos internacionais. Apesar das mais de 200 propriedades cadastradas estarem ativas e aptas a receber volunturistas, as pesquisas sobre o assunto são

escassas, dificultando o processo de investigação acadêmica. Espera-se que a presente dissertação possa trazer contribuições para o mercado e para a academia sobre o universo do volunturismo no Sul do Brasil e assim fomentar o debate sobre os aspectos abordados durante o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

AEDB. **História do Voluntariado no Brasil e no Mundo**. AEDB. Disponível em http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos05/266_HISTORIA%20DO%20VOLUNTARIADO%20NO%20BRASIL%20E%20NO%20MUNDO.pdf Acesso em 31 mai 2018.

ALBUQUERQUE, Cláudia. Turismo Rural: Ações estratégicas para torná-lo sustentável e vetor de desenvolvimento local. **Anais do III Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

ALMEIDA, Maria Geralda de. A sedução do turismo no espaço rural: das naturezas e políticas. **Teoria e Prática do Turismo no espaço Rural**. Organizadores Eurico de Oliveira Santos, Marcelino de Souza. Barueri, SP: Manole, 2010.

ALTMANN, Rubens et al. **Perspectivas para a agricultura familiar: horizonte 2002**. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2002. 112p. Projeto Observatório do Agronegócio/Pronaf. Disponível em http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Agricultura_familiar.pdf Acesso em 30 mai 2018.

ANDERECK, Kathleen, et al. Experience expectations of prospective volunteers tourists. **Journal of Travel Research**, v. 51, n. 2, p. 130-141, Mar. 2010. Disponível em <http://jtr.sagepub.com/content/51/2/130.full.pdf+html>. Acesso em 24 maio 2018.

ARAUJO, José Geraldo Fernandes de. Potencialidades do turismo no espaço rural: desenvolvimento, conceitos e tipologia. **Teoria e Prática do Turismo no espaço Rural**. Organizadores: Eurico de Oliveira Santos, Marcelino de Souza. Barueri, SP: Manole, 2010.

BENEDETTI, Pedro Tomas do Canto. **Elaboração conceitual e desenvolvimento do voluntariado como uma prática da humanidade ao longo da história**. 2017. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/19012/Paper%20Individual%20MPGPP%20Pedro%20Benedetti.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 07 abr 2018.

BRASIL. Lei nº 10.831, de 23 de Dezembro de 2003. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Dispõe sobre agricultura orgânica e dá outras disposições. Disponível em <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/legislacao/portugues/lei-no-10-831-de-23-de-dezembro-de-2003.pdf/view> Acesso em 18 jul de 2018.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de Julho de 2006. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Programa Nacional de Turismo Rural na Agricultura Familiar**. Brasília, 2004. Disponível em [http<www.camara.gov.br/sileg/integras/837541.pdf>](http://www.camara.gov.br/sileg/integras/837541.pdf) Acesso em 03 ago 2018.

BRASIL, MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo Rural: Orientações Básicas**. Brasília; 2010. Pg. 18 a 20. Disponível em [http<www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf//](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf) Acesso em 19 jun 2018.

BRITO, Brígida Rocha. O Turista e o Viajante: Contributos para a conceptualização do Turismo Alternativo e Responsável. **Atas do IV Congresso Português de Sociologia**. Coimbra, 2000. Disponível em [http<http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dea1a49422_1.PDF>](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dea1a49422_1.PDF) Acesso em 19 abr 2018.

CAEP. **Communicating for Agriculture Education Program**. Quem Somos. Disponível em [http< www.caep.com.br/quem-somos.html>](http://www.caep.com.br/quem-somos.html) Acesso em 14 jul 2018.

CAEP. **Communicating for Agriculture Education Program**. Farmstay/Ranchstay. Disponível em [http< www.caep.com.br/intercambioestudo/programa/4/farmstay-ranchstay.html>](http://www.caep.com.br/intercambioestudo/programa/4/farmstay-ranchstay.html) Acesso em 14 jul 2018.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília (DF), v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

CARBALLO, Gonzalo A. Freiría. El turismo rural en la alternativa agraria ibero-americana. **Desarrollo rural y turismo**. Organizadores Alfredo César Dachary, Javier Orozco Alvarado, Stella M. Arnaiz Burne. 1º edição. Universidad de Guadalajara. Puerto Vallarta. 2005.

CHOO, Hyunsuk; JAMAL, Azimba. Tourism on organic farms in South Korea: a new form of ecotourism. **Journal of Sustainable Tourism**. Department of Recreation, Park and Tourism Sciences. Texas A&M University, College Station, Texas, 77843-2261, USA Published online: 16 Jun 2009. Disponível em [http<dx.doi.org/10.1080/09669580802713440 >](http://dx.doi.org/10.1080/09669580802713440) Acesso em 25 mar 2018.

CICLO VIVO. Entenda o que é agricultura sintrópica e quais benefícios ela pode proporcionar. **Ciclo Vivo**. Meio Ambiente. Disponível em <https://ciclovivo.com.br/planeta/meio-ambiente/entenda-o-que-e-agricultura-sintropica-e-quais-beneficios-ela-pode-proporcionar/> Acesso em 03 mar 2019.

CURADO, Jacy Corrêa; MENEGON, Vera Sonia Mincoff. Gênero e os Sentidos do Trabalho Social. **Psicologia e Sociedade**. Universidade Católica Dom Bosco. Mato Grosso do Sul. Nov. 2009. Disponível em

[http<www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/viewFile/3094/1827](http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/viewFile/3094/1827)
> Acesso em 07 abr 2018.

DACHARY, Alfredo César; BURNE, Stella Maris; THOMAS, June. **Turismo Rural y economía local**. Universidad de Guadalajara. Puerto Vallarta, 2003.

DEVILLE, Adrian; WEARING, Stephen; MCDONALD, Matthew. Tourism and Willing Workers on Organic Farms: a collision of two spaces in sustainable agriculture. **Journal of Cleaner Production**, v.111, n.2, p. 421-429, 2016.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em Turismo: Planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 1998.

DOHME, Vania D'Angelo. **Voluntariado: equipes produtivas: como liderar ou fazer parte de uma delas**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

ELESBÃO, Ivo. Impactos socioeconômicos do turismo no espaço rural. **Teoria e Prática do Turismo no espaço Rural**. Organizadores Eurico de Oliveira Santos, Marcelino de Souza. Barueri, SP: Manole, 2010.

EMBRAPA. Novo Retrato da Agricultura Familiar – O Brasil Redescoberto. **FAO/INCRA**. Disponível em [http<www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/novoretratoID-3iTts4E7R59.pdf](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/novoretratoID-3iTts4E7R59.pdf)> Acesso em 01 jun 2018.

FALEIROS, Eva Teresinha Silveira. **A criança e o adolescente: objetos sem valor no Brasil Colônia e no Império**. In: A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1995.

FERRARI, Rachel da Silva. **Voluntariado: uma dimensão ética**. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2008. Disponível em [http<www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7961](http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7961)> Acesso em 09 abr 2018.

FERREIRA, André; DEMUTTI, Carolina Medeiros; GIMENEZ, Paulo Eduardo Oliveira. A Teoria das Necessidades de Maslow: A Influência do Nível Educacional Sobre a sua Percepção no Ambiente de Trabalho. **XIII SemeAd, Seminários em Administração**. Set 2010. Disponível em [http <www.etica.eco.br/sites/textos/teoria-de-maslow.pdf](http://www.etica.eco.br/sites/textos/teoria-de-maslow.pdf) > Acesso em 31 dez 2018.

FINO, Patrícia. **Turismo Rural: Teoria x Prática**. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul – Saberes e Fazeres no Turismo: Interfaces. Universidade de Caxias do Sul. Julho 2010. Disponível em [http<www.ucs.br/ucs/tpISeminTur2010/eventos/seminario_de_pesquisa_semintur/ais/gt12/arquivos/12/Turismo%20Rural%20Teoria%20x%20Pratica.pdf](http://www.ucs.br/ucs/tpISeminTur2010/eventos/seminario_de_pesquisa_semintur/ais/gt12/arquivos/12/Turismo%20Rural%20Teoria%20x%20Pratica.pdf)// Acesso em 19 jun 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008. 6º edição.

GÓMEZ, David Mora; CANALS, Ainhoa Raso. **Turismo solidario y volunturismo**. 2012. Disponível em < https://pt.slideshare.net/Tea-Cegos_Consultur/turismo-solidario-y-volunturismo > Acesso em 17 jul. 2018.

GUZZATTI, Thaise Costa. **O Agroturismo como Instrumento de Desenvolvimento Rural: Sistematização e Análise das Estratégias Utilizadas para a Implantação de um Programa de Agroturismo nas Encostas da Serra Geral Catarinense**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2003. Disponível em <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86515/224501.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em 30 mai 2018.

HANLEY, Joanne; LYONS Kevin; NEIL, John; WEARING, Stephen. Gap year volunteer tourism: Myths of Global Citizenship? **Annals Of Tourism Research**, [s.l.], v. 39, n. 1, p.361-378, jan. 2012. Disponível em <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S016073831100079X> > Acesso em 18 jul 2018.

HRYCYK, Hellen Cláudia Mendes Pinheiro de Moura. **Volunturismo em Propriedades de Agricultura Orgânica: Um Estudo na Região Metropolitana de Curitiba, PR**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Turismo. Universidade Federal do Paraná. 2016.

HUDSON, Mike. **Administrando Organizações do terceiro Setor – O Desafio de Administrar sem Receita**. Rio de Janeiro: Makron Books, 1999.

IBGE. Censo Agro 2010: IBGE revela retrato do Brasil Agrário. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=1464&t=censo-agro-2006-ibge-revela-retrato-brasil-agrario&view=noticia> > Acesso em 18 jul 2018.

IBGE. Mapas: Político Administrativo. Região Sul. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <https://mapas.ibge.gov.br/politico-administrativo/regionais> > Acesso em 04 mar 2019.

IFOAM. **Organic 3.0 – The Next Phase of Organic Development**. IFOAM Organics International. 2016. Disponível em <http://www.ifoam.bio/en/organic-policy-guarantee/organic-30-next-phase-organic-development/> > Acesso em 18 jun 2018.

INACIO, Marcia de Fatima. Turismo rural e sustentabilidade: dimensões de avaliação e perspectivas. **Teoria e Prática do Turismo no espaço Rural**. Organizadores: Eurico de Oliveira Santos, Marcelino de Souza. Barueri, SP: Manole, 2010.

MAKANSE, Yousra; ALMEIDA, Marcelo Vilela de. **Turismo e Voluntariado: Estudo sobre a Experiência Solidária no Âmbito do Turismo**. **Revista Iberoamericana de**

Turismo. Ritur. Penedo, vol. 4, n.1. 2014. Disponível em [http<www.seer.ufal.br/index.php/ritur >](http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur) Acesso em 01 jul 2018.

MASLOW, Abraham. **Introdução à psicologia do ser.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1962.

MAX-NEEF, Manfred. A. **Desenvolvimento à escala humana: concepção, aplicação e reflexões posteriores.** Blumenau: Edifurb, 2012.

MCINTOSH, Alison Joseph; BONNEMANN, Susanne. M. Willing Workers on Organic Farms (WWOOF): The Alternative Farm Stay Experience? **Journal of Sustainable Tourism.** v. 14, n.1, p.82-99, 2006.

MCGEHEE, Nancy Gard; SANTOS, Carla Almeida. Social Change, discourse and volunteer tourism. **Annals of Tourism Research.** Jul. 2005. Disponível em [http<experts.illinois.edu/en/publications/social-change-discourse-and-volunteer-tourism>](http://experts.illinois.edu/en/publications/social-change-discourse-and-volunteer-tourism) Acesso em 03 jun 2018.

MENDES, Thaís Cristine; SONAGLIO, Kerlei Enele. Volunturismo: Uma Abordagem Conceitual. **Revista Turismo Visão e Ação.** V. 15, N. 2, p 185-205. mai-ago 2013. Disponível em [http<siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/3806>](http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/3806) Acesso em 18 abr 2018.

MOSTAFANEZHAD, Mary. The Politics of Aesthetics in Volunteer Tourism. **Annals of Tourism Research.** V. 43, P. 150-169, 2013. University of Otago, New Zealand.

MOSTAFANEZHAD, Mary. Organic farm volunteer tourism as social movement participation: a Polanyian political economy analysis of World Wide Opportunities on Organic Farms (WWOOF) in Hawai'i. **Journal of Sustainable Tourism,** v. 24, n.1, p.1-18, 2016.

NITSCHKE, Letícia Bartoszeck; NERI, Luciane de Fátima. Inovação e empreendedorismo no turismo rural: um panorama dos empreendimentos de turismo rural na Região Metropolitana de Curitiba, Paraná, Brasil. Citurdes. **IX Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável.** São Paulo. 2014. Disponível em [http<143.107.95.102/prof/kasolha/citurdes/anais/pdf/eixo1/GT1_8.pdf>](http://143.107.95.102/prof/kasolha/citurdes/anais/pdf/eixo1/GT1_8.pdf) Acesso em 21 jun 2018.

ONU. Voluntariado. **Nações Unidas no Brasil.** Disponível em [https<nacoesunidas.org/vagas/voluntariado>](https://nacoesunidas.org/vagas/voluntariado) Acesso em 25 mar 2018

PAIVA, Lúcia Cristina Gomes. **Questões Essenciais Para Uma Análise Global do Fenômeno do Volunturismo: Estudo de Caso.** Dissertação. Universidade do Porto. Portugal. 2014.

PARRA, Cecília de Souza; SILVA, Carolina Priscila; CHEHADE, Michelle Bellintani. Agroturismo como fonte de renda para pequenos agricultores. **Revista Científica**

Eletrônica de Turismo. Ano IV; Nº 7; p. 3. Janeiro de 2007. Disponível em http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/HZ8dARAqyzq1xmX_2013-5-22-12-9-48.pdf > Acesso em 31 mai 2018.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Agroturismo e Desenvolvimento Regional**. São Paulo: 1999. Hucitec.

RAUBER, Denise; CARSON, Willian Edward. A Necessidade de Educação Ambiental no Turismo Rural Baseado no Conceito de Desenvolvimento Sustentável. **Anais do III Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social, métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

RURAL VOLUNTEERS. **The WWOOF Independents pocket guide to WWOOFing**. Rural Volunteers. 2007. Disponível em <http://ruralvolunteers.org/docs/woofer.pdf> / Acesso em 19 jun 2018

SALVADOR, Carlos Alberto. **Agricultura Orgânica**. Análise da Conjuntura Agropecuária Safra 2011/2012. Estado do Paraná. Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, Departamento de Economia Rural. Out 2011. Paraná. Disponível em http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/agricultura_organica_2011_12.pdf / Acesso em 18 jun 2018.

SANTOS, Leticia dos; VENTURI, Marcelo. O que é Permacultura. UFSC. **Universidade Federal de Santa Catarina**. 2019. Disponível em: <http://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/> > Acesso em: 03 mar. 2019.

SCHNEIDER, Sergio. **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2006.

SCHNEIDER, Sérgio; FIALHO, Marco Antônio Verardi. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Organizadores Joaquim Anécio Almeida e Mário Riedl. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000

SILVA, José Graziano da; VILARINHO, Carlyle; DALE, Paul J. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. **Caderno CRH**, n 28, p. 113-155. Jan/jun. 1998. Disponível em <http://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18685/12058>> Acesso e jun 2019.

SILVA, Luis Fernando de Matheus e. **Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul)**. Tese apresentado ao Programa de Pós-graduação de Geografia Humana da Universidade

de São Paulo. São Paulo. 2013. p 263. Disponível em:
[http<www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-07112013-113710/pt-br.php>](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-07112013-113710/pt-br.php)
 Acesso em: 04 mar 2019.

SOUZA, Pablo Braga de; BARCELOS, Antonia Maria Nascimento; LAMAS, Suellen Alice. Turismo e voluntariado: a busca pela compreensão do volunturismo. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.11, n.1, fev/abr 2018, pp.32-46. Disponível em [http <www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/1078/1138 >](http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/1078/1138)
 Acesso em 10 mai 2018

STEINBACH, Priscila Marola. **Turismo voluntário – algumas definições**. 2013. Disponível em < <https://turismovoluntario.wordpress.com/category/o-que-e-o-turismo-voluntario/> >. Acesso em 18 jul 2018.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: Conceitos e Impacto Ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

TERRY, Willian. Solving labor problems and building capacity in sustainable agriculture through volunteer tourism. Elsevier. **Annals of Tourism Research**. Clemson University. United States. 2014. p. 94-107. 2014. Disponível em: [http<www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738314001091>](http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738314001091) Acesso em: 09 jul 2018.

TISCARENÕ, Claudia Liset Ortiz. Potencialidad y propósitos del turismo en el espacio rural. **Desarrollo rural y turismo**. Organizadores Alfredo César Dachary, Javier Orozco Alvarado, Stella M. Arnaiz Burne. 1ª edição. Universidad de Guadalajara. Puerto Vallarta. 2005.

TOMAZOS, Konstantinos; BUTLER, Richard. Volunteer tourism: The new ecotourism? **Anatolia, An International Journal of Tourism and Hospitality Research**. Francis & Taylor, Routledge, 2009. Disponível em: [http<www.researchgate.net/publication/254237800_Volunteer_Tourism_The_New_Ecotourism>](http://www.researchgate.net/publication/254237800_Volunteer_Tourism_The_New_Ecotourism). Acesso em: 12 mai 2018.

TROPIA, Fátima. **Turismo no meio rural**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TULIK, Olga. **Turismo Rural**. São Paulo: Aleph, 2003.

TULIK, Olga. Turismo e desenvolvimento no espaço rural: abordagens conceituais e tipologias. **Teoria e Prática do Turismo no espaço Rural**. Organizadores Eurico de Oliveira Santos, Marcelino de Souza. Barueri, SP: Manole, 2010.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3.ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VEAL, Anthony James. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo** / A. J. Veal ; tradução Gleice Guerra, Mariana Aldrigui. São Paulo: Aleph, 2011. – Série turismo.

VOLUNTOURISM . **VOLUNTOURISM**. Disponível em: <http://www.voluntourism.org>. Acesso em: 14 mai. 2018

VRASTI. Wanda. **Volunteer Tourism in the Global South: Giving back in neoliberal times**. 1. Ed. Routledge. New York; 2013.

WEARING, Stephen. **Volunteer tourism: experiences that make a difference**. UK: CABI Publishing, 2001. Disponível em [http< https://books.google.com.br/books?id=6VRrdFoCCDwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false >](http://books.google.com.br/books?id=6VRrdFoCCDwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false) Acesso em 27 abr 2018

WORK TRIP. **Voluntariado**. Disponível em [http< www.worktrip.com.br/voluntario-no-exterior/voluntariado>](http://www.worktrip.com.br/voluntario-no-exterior/voluntariado) Acesso em 14 jul 2018.

WWOOF. **About WWOOF**. Disponível em: [http< wwoof.net/>](http://www.wwoof.net/) Acesso em 18 jul 2018.

WWOOF BRAZIL. Preview Host Farm. **WWOOF Brazil**. 11 mar 2016. Disponível em: [http<www.wwoofbrazil.com/pre_host_farm.htm>](http://www.wwoofbrazil.com/pre_host_farm.htm) Acesso em: 17 jul 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA OFERTA DE VOLUNTURISMO
RURAL EM PROPRIEDADES DE AGRICULTURA ORGÂNICA NO SUL DO
BRASIL, UTILIZANDO COMO REFERÊNCIA AS PROPRIEDADES CADASTRADAS
NO WWOOF BRAZIL.

- 1- Qual o seu vínculo com a propriedade?
- () responsável principal – proprietário(a)
 - () filho(a), genro/nora dos proprietários
 - () funcionário(a)
 - () outro.
- Especifique _____

Sobre a propriedade:

- 2- Qual o número de identificação no cadastro do WWOOF
- R:

2.1- Localiza-se em qual estado:

- () PARANÁ
- () SANTA CATARINA
- () RIO GRANDE DO SUL

2.2- Qual o município.

R:

2.3- Em relação ao tamanho, a propriedade possui:

- () de 1 a 4 hectares
- () de 4 a 15 hectares
- () mais de 15 hectares

3- Qual o principal produto cultivado/criado/realizado em sua propriedade?

- grãos e cereais
- hortaliças e frutas
- criação de animais
- beneficiamento de produtos
- outro – especifique

R:

4- Como divulga a sua propriedade para o volunturismo?

5- A propriedade é associada ao WWOOF (*World Wide Opportunities on Organic Farms*) há quanto tempo?

- menos de 6 meses
- 6 meses a 1 ano
- 1 ano a 2 anos
- mais de 2 anos

6- O alojamento para hospedar os volunturistas fica:

- dentro da residência
- em instalação independente da residência

7- Quantos volunturistas esse alojamento pode comportar?

- 1 a 3
- 3 a 6
- 6 a 9
- 9 a 12
- mais que 12 pessoas

8- Quantos volunturistas foram recebidos no ano de 2017?

9- Quantos dias costumam ficar hospedados na propriedade?

10- Para ser considerado empreendimento turístico, mesmo não sendo esse o foco da propriedade, é necessário ter alguns equipamentos e instalações que o caracterize como turístico. Das opções abaixo, assinale quais a sua propriedade possui:

1- Opção de lazer para o turista:

- paisagens para apreciação – desde que possua acesso para se chegar até o local
- banhos de rio e/ou atividades em rio
- animais para cavalgada
- salão de jogos
- quadra poliesportiva
- piscina
- trilhas para caminhada
- outros

Qual:

2- Comodidades no alojamento/quarto:

- banheiro privativo
- televisão
- rádio
- ventilador
- itens para higiene pessoal (shampoo, condicionador, sabonete, creme dental)
- outros

Qual:

3- Infraestrutura da propriedade:

- possui asfalto para acesso a propriedade
- placas de sinalização que indiquem a propriedade
- restaurante ou refeitório para os próprios volunturistas e demais visitantes

- água encanada
- luz elétrica
- Wi-Fi
- é acessível durante o ano todo (estrada até a propriedade)
- outros

Qual:

11- O que você considera como o principal atrativo de sua propriedade?

- tipo de cultivo
- localidade da propriedade
- quantidade de volunturistas aceitos
- o convívio dos proprietários com os volunturistas
- outro – especifique

R:

12- A propriedade é aberta ao público convencional de turistas e visitantes?

- SIM
- NÃO

13- Quais atividades/trabalho voluntário os volunturistas realizam em sua propriedade?

R:

14- Há alguma proibição de atividades? Quais?

- Fumo
- Álcool
- Drogas em geral
- Transitar em algum lugar específico
- Atividades na cozinha
- Outro

Qual?

15- Quais principais motivos te levaram a implantar o volunturismo na sua propriedade? Assinalar de 1 a 5, iniciando em 1 para o mais importante.

- economia de encargos trabalhistas
- preferência por trabalho sustentável
- oportunidade de oferecer aprendizado de uma forma diferente
- vivência com pessoas de culturas diferentes
- desejo de trabalhar com a atividade turística, porém de uma forma menos usual
- Outros

Qual:

16- Sobre motivação, o que é considerado fundamental para continuar investindo no volunturismo? Assinalar de 1 a 5, iniciando em 1 para o mais importante.

- satisfação em passar conhecimento
- o contato interpessoal
- aprendizado adquirido
- trabalhar de maneira sustentável e responsável
- outra

Especifique

17- O que é considerado importante no contato com o volunturismo? Assinalar de 1 a 5, iniciando em 1 para o mais importante.

- contato com diversos tipos de pessoas
- troca de experiências
- aprendizado
- ensinamentos passados aos volunturistas
- vivência

18- Algum volunturista já se hospedou na propriedade por outro meio que não seja através do WWOOF?

- SIM
- NÃO

18.1- Se SIM, qual?

R:

19- Já teve algum problema com os volunturistas?

- SIM
- NÃO

20- Se sua resposta para questão anterior foi SIM, relate qual foi o problema

R:

21- Qual o seu nível de satisfação com o volunturismo rural?

- muito satisfeito
- satisfeito
- pouco satisfeito
- insatisfeito

É muito importante entendermos o porquê do seu grau de satisfação com o volunturismo. Por favor, escreva um pouco a respeito neste espaço.

22- Qual o nível de satisfação com o WWOOF?

- muito satisfeito
- satisfeito
- pouco satisfeito
- insatisfeito

É muito importante entendermos o porquê do seu nível de satisfação com o WWOOF. Por favor, escreva um pouco a respeito neste espaço.

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROPRIETÁRIOS RURAIS
ESTUDO DE CASO

- 1- Sobre os motivos que o incentivaram a implantar o volunturismo, quais foram os mais relevantes?
- 2- Sobre os aspectos sociais e ambientais (sustentabilidade, ética, uso racional dos recursos naturais, impactos ambientais, intercâmbio cultural, aprendizado e ensino pela troca de experiências e contato com pessoas), qual é considerado mais importante para você?
- 3- Os aspectos econômicos, como redução dos encargos trabalhistas e economia no pagamento de mão de obra, são importantes?
- 4- Quais tarefas o volunturista realiza aqui?
- 5- A propriedade sofreu alguma alteração ou reestruturação para poder receber volunturistas?
- 6- Sentem falta de mais modificações na propriedade para receberem os volunturistas?
- 7- Recebem turistas convencionais? Como funciona? Divulgam como turismo convencional?
- 8- Existe algum aspecto negativo na atividade de volunturismo?
- 9- E aspectos positivos, quais são?
- 10- Como os volunturistas ficam sabendo da propriedade?
- 11- Qual o principal meio de comunicação com os interessados?

12- O WWOOF faz o papel ao qual se propõe com eficiência?

13- Qual o nível de satisfação com a instituição?

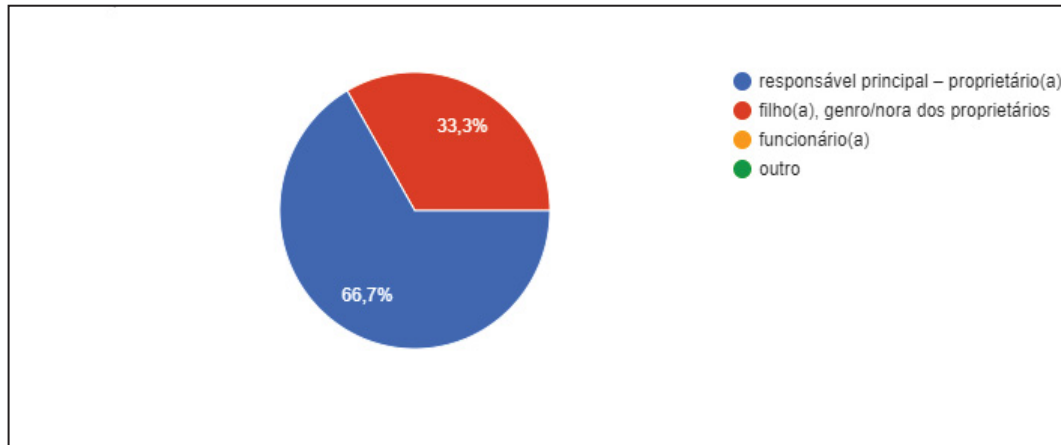
14- Pretende continuar com a atividade de volunturismo rural vinculado ao WWOOF?

15- Quais modificações seriam necessárias para que a atividade fosse ideal?

APÊNDICE C – GRÁFICOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO ONLINE

1 – Sobre o vínculo com a propriedade:

GRÁFICO 1 – EM RELAÇÃO AO VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM A PROPRIEDADE



FONTE: A autora (2019)

Especifique:

Os proprietários que responderam essa questão especificaram que a gestão das propriedades é realizada prioritariamente por membros da família, sendo ou eles mesmos ou seus filhos.

2 – Qual o número de identificação no cadastro do WWOOF.

Os proprietários se identificaram de acordo com o seu número de cadastro no *site* do WWOOF Brazil.

1 – 0657;

2 – BRA461;

3 – 590;

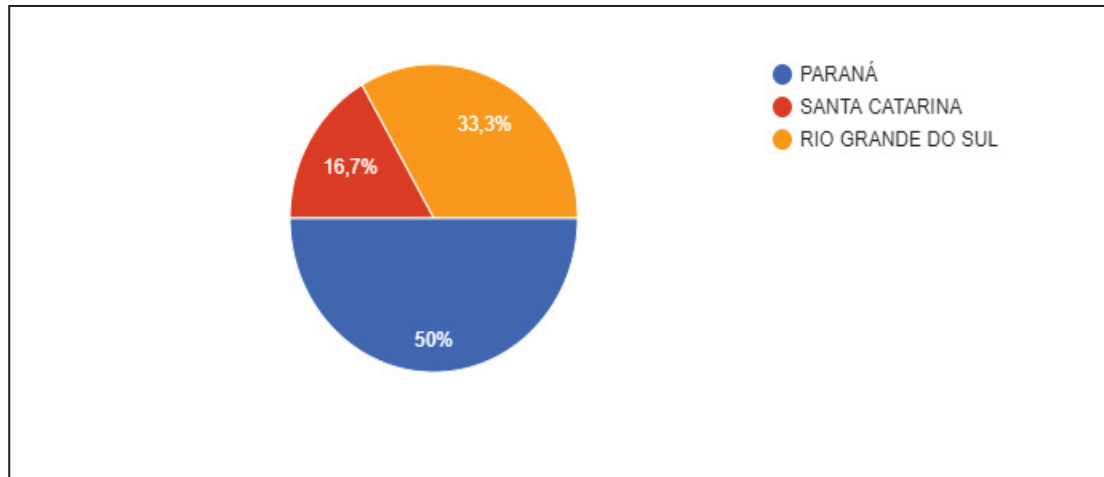
4 – 0588

5 – Não encontrado (não soube encontrar) ;

6 – BRA603.

Sobre a localização

GRÁFICO 2 – REFERENTE AO ESTADO QUE SE LOCALIZA A PROPRIEDADE



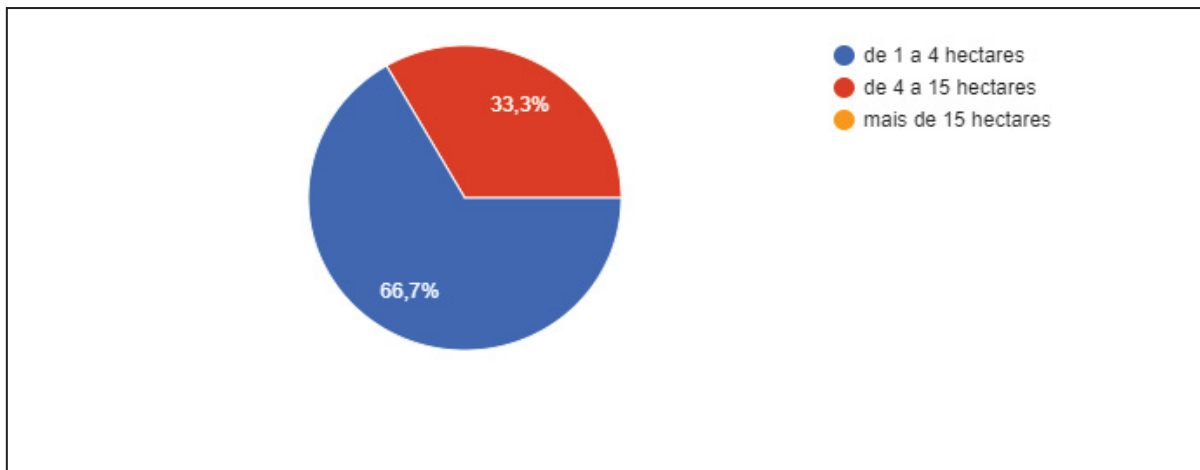
FONTE: A Autora (2019)

Qual o município:

- 1 – Apucarana, Paraná;
- 2 – Campo Largo, Paraná;
- 3 – Nova Candelária, Rio Grande do Sul;
- 4 – Três de Maio, Rio Grande do Sul;
- 5 – Londrina, Paraná;
- 6 – Santa Rosa de Lima, Santa Catarina.

3 – Sobre o tamanho da propriedade:

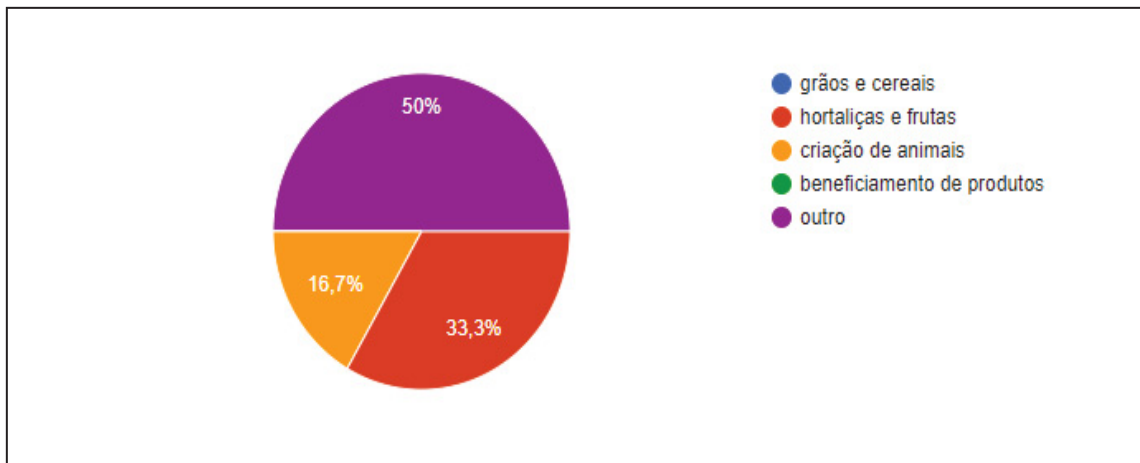
GRÁFICO 3 – EM RELAÇÃO AO TAMANHO DA PROPRIEDADE



FONTE: A Autora (2019)

4 – Sobre o tipo de cultivo:

GRÁFICO 4 – SOBRE O TIPO DE CULTIVO PRINCIPAL DA PROPRIEDADE



FONTE: A Autora (2019)

Especifique:

Ao pedir que fosse especificado os tipos de cultivo, cada proprietário respondeu de acordo com os principais produtos cultivados em suas propriedades:

- 1 – Sistema agro florestal;
- 2 – Plantas nativas e hortaliças;

- 3 – Gado de leite;
- 4 – Hortaliças;
- 5 – Horta e galinhas;
- 6 – Intercâmbio cultural;

5 – Sobre a divulgação da propriedade para o volunturismo

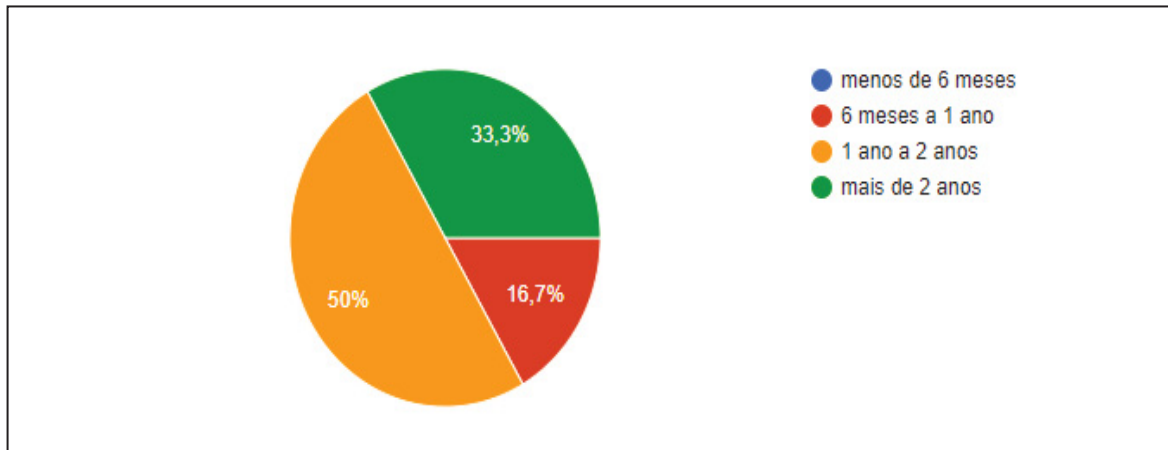
GRÁFICO 5 – MEIO DE DIVULGAÇÃO DA PROPRIEDADE



FONTE: A Autora (2019)

6 – Sobre o tempo de associação da propriedade com o WWOOF

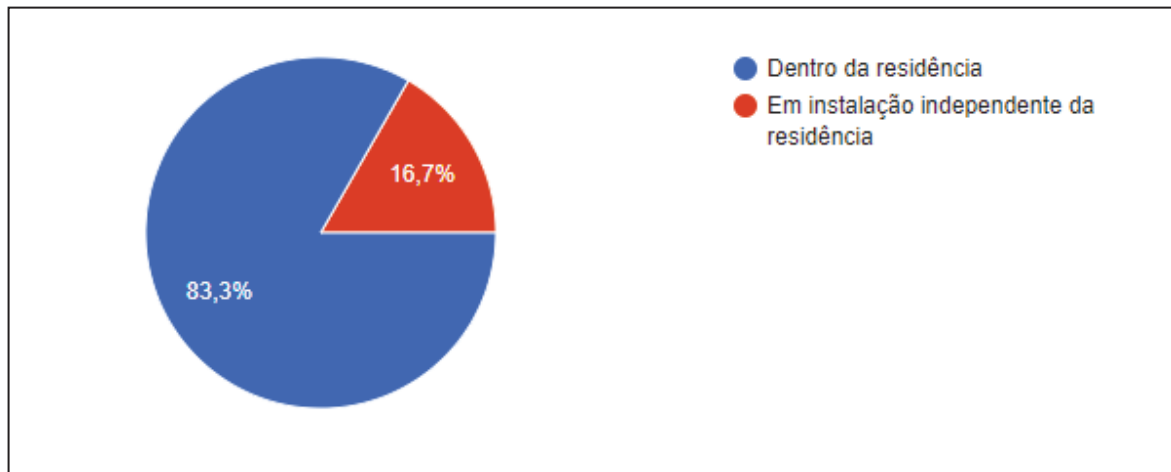
GRÁFICO 6 – EM RELAÇÃO AO TEMPO DE CADASTRO NO WWOOF BRAZIL



FONTE: A Autora (2019)

7 – Sobre o alojamento para os volunturistas:

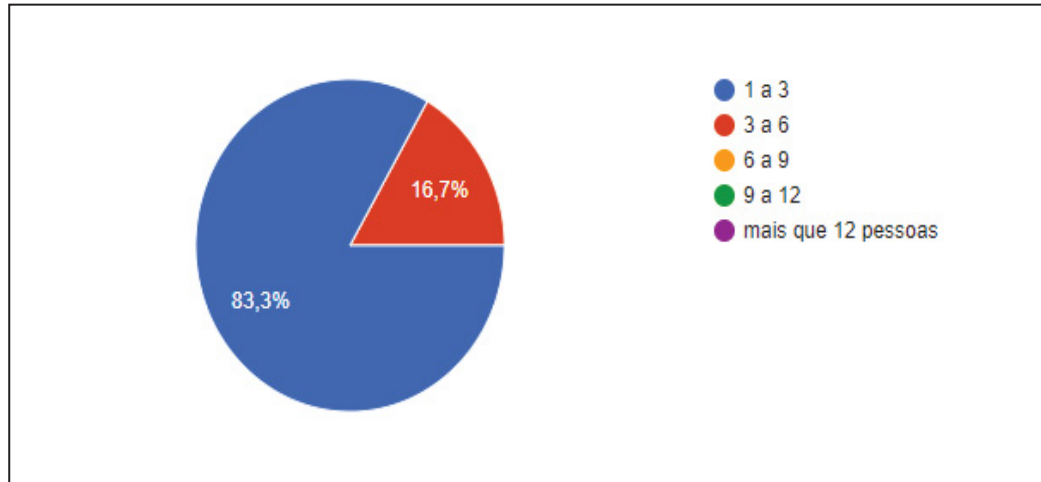
GRÁFICO 7 – EM RELAÇÃO AO TIPO DE ALOJAMENTO OFERTADO AOS VOLUNTURISTAS



FONTE: A Autora (2019)

8 – Quantidade de volunturistas que o alojamento comporta:

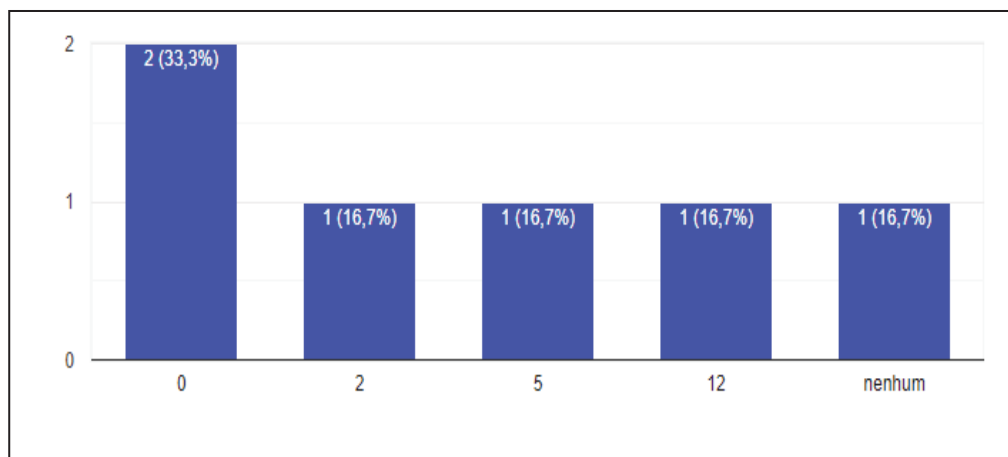
GRÁFICO 8 – NÚMERO DE VOLUNTURISTAS COMPORTADOS NO ALOJAMENTO



FONTE: A Autora (2019)

9 – Volunturistas recebidos em 2017:

GRÁFICO 9 – QUANTIDADE DE VOLUNTURISTAS RECEBIDOS EM 2017



FONTE: A Autora (2019)

Abaixo, a interpretação do gráfico acima:

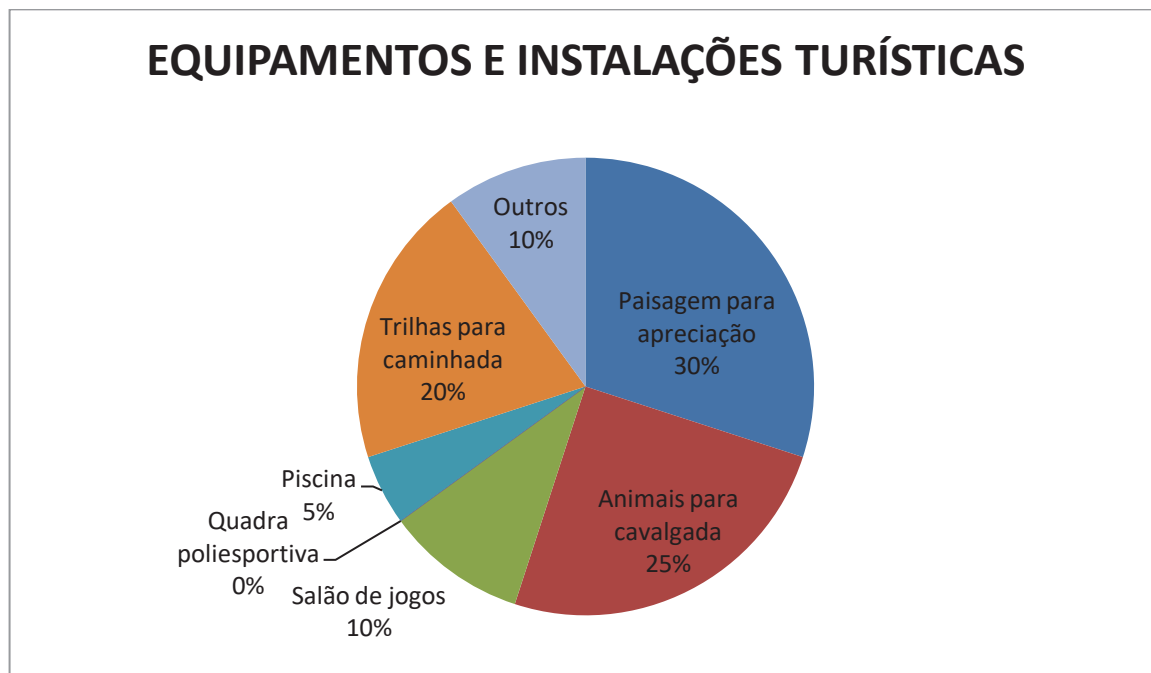
- 3 propriedades não receberam nenhum voluntário em 2017;
- 1 propriedade recebeu 2 voluntários;
- 1 propriedade recebeu 5 voluntários;
- 1 propriedade recebeu 12 voluntários.

Sobre a média de dias que os volunturistas costumam ficar na propriedade:

- 2 propriedades – 0 dias;
- 2 propriedades – 7 dias;
- 1 propriedade – 15 dias;
- 1 propriedade – 20 dias.

10 – Sobre os equipamentos e as instalações que caracterizam a propriedade como turística:

GRÁFICO 10 – EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES TURÍSTICAS



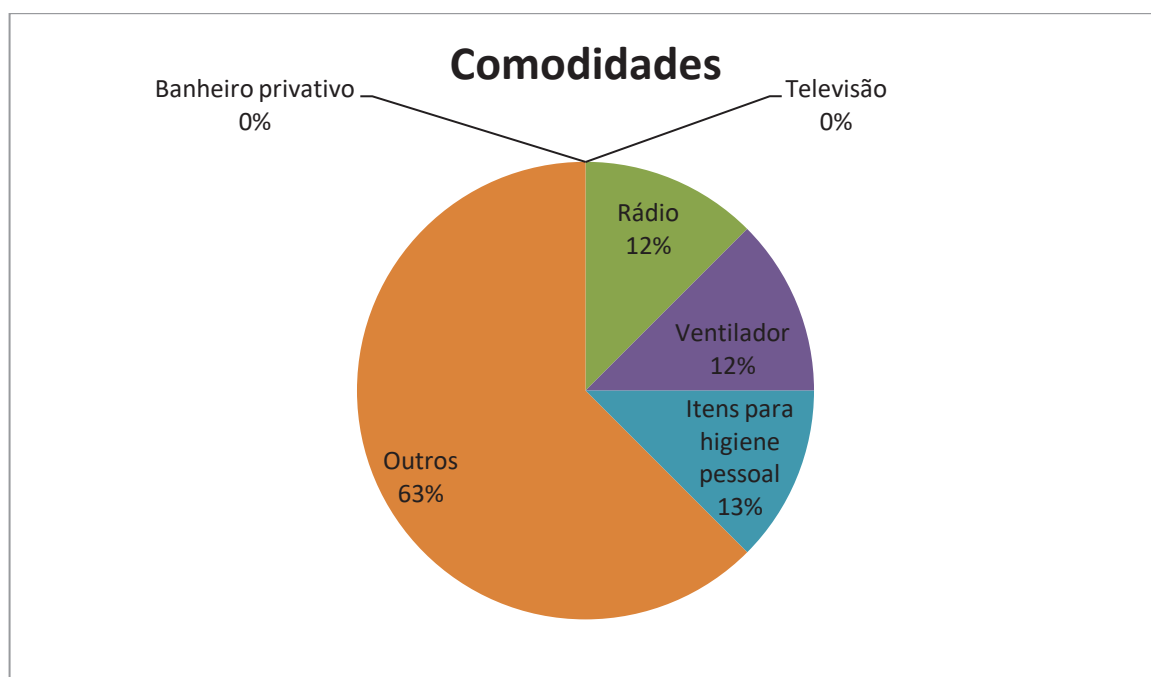
FONTE: A Autora (2019)

Especificações das respostas referentes ao item “outros”:

- 1- Cachoeira;
- 2- Nada;
- 3- Contato direto com a natureza;
- 4- Mata nativa para apreciação;
- 5- Piscina;
- 6- Terapia e atividades da cultura japonesa.

11 - Comodidades no alojamento:

GRÁFICO 11 – COMODIDADES



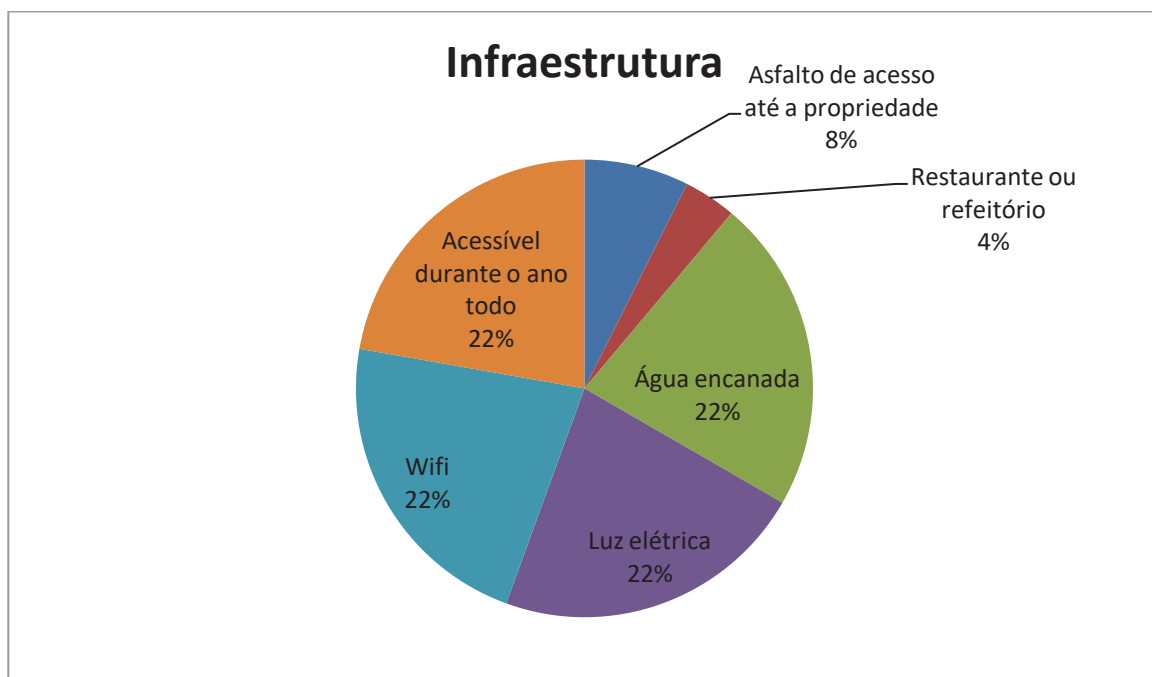
FONTE: A Autora (2019)

*Duas propriedades responderam que nos quartos têm apenas a roupa de cama e itens de higiene pessoal.

**Outros são definidos como cozinha coletiva, banheiro coletivo e área comum de lazer.

12 – Infraestrutura da propriedade:

GRÁFICO 12 – INFRAESTRUTURA



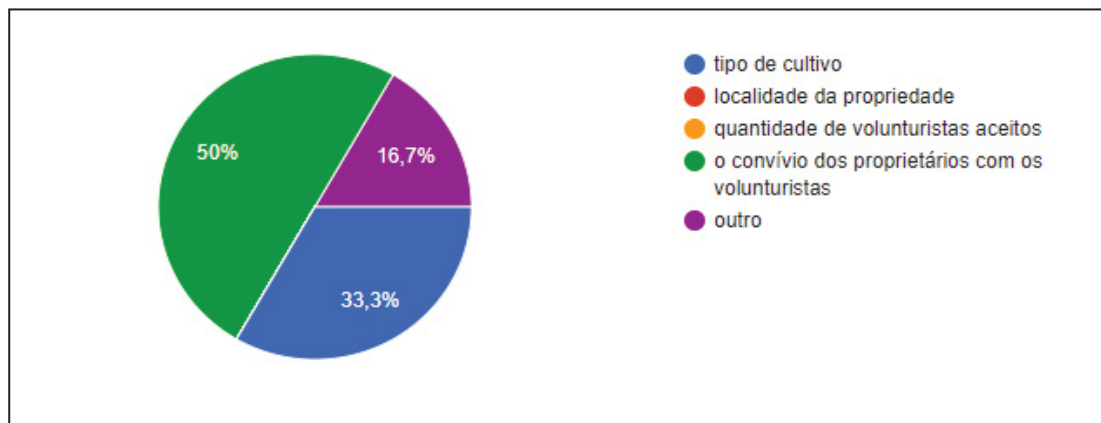
FONTE: A Autora (2019)

Especificações das respostas referentes ao item “outros”:

- 1- Propriedade urbana;
- 2- Vários locais para relaxamento e convivência;
- 3- Fácil acesso;
- 4- Cozinha sempre disponível ao turista;
- 5- Wifi, poço artesiano, fácil acesso;
- 6- Energia solar.

13 – Principal atrativo da propriedade (ponto de vista do proprietário)

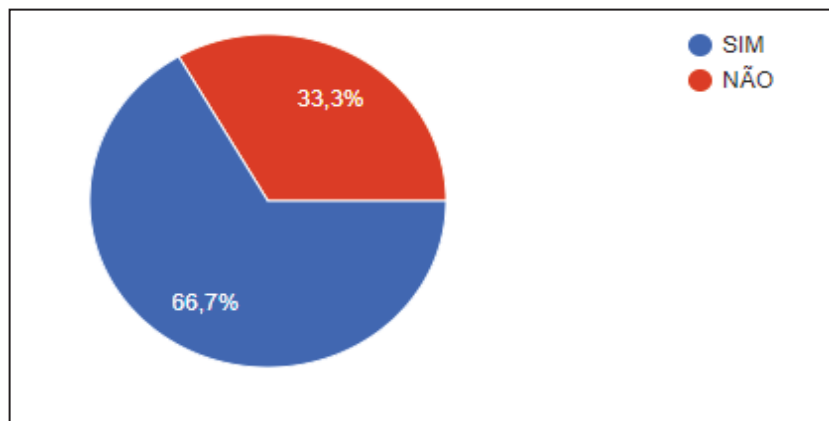
GRÁFICO 13 – PRINCIPAL ATRATIVO DA PROPRIEDADE



FONTE: A Autora (2019)

14 – Sobre a propriedade ser aberta ao público em geral:

GRÁFICO 14 – SE A PROPRIEDADE RECEBE O PÚBLICO EM GERAL



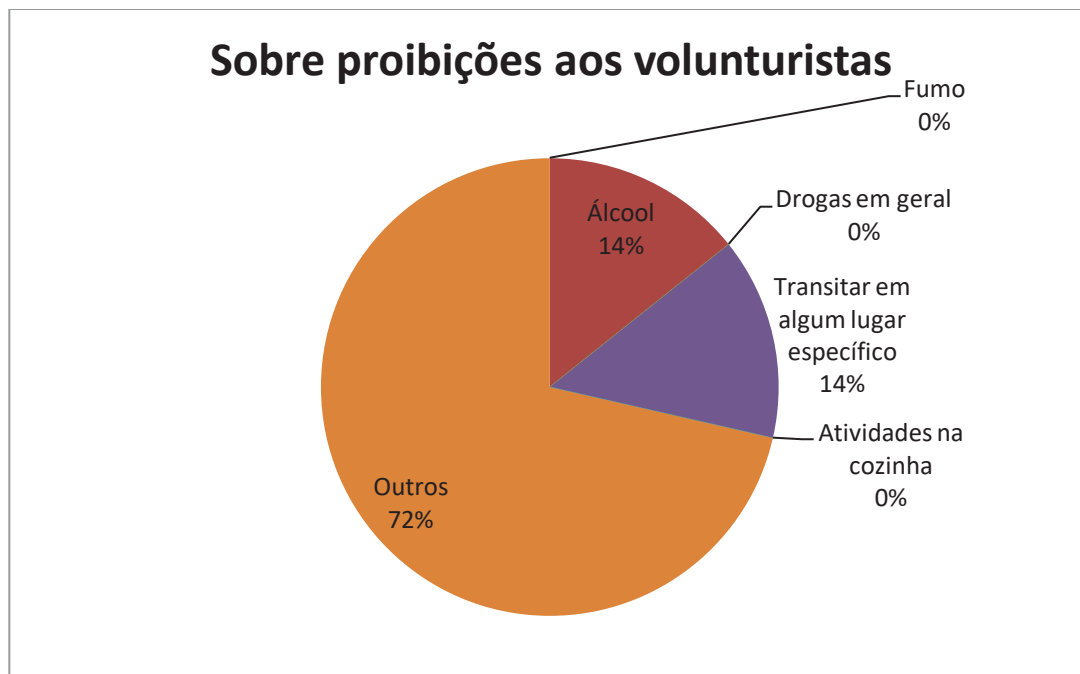
FONTE: A Autora (2019)

15 – Quais atividades/trabalho voluntário os volunturistas realizam em sua propriedade?

- 1- Padaria;
- 2- Auxílio com as atividades no viveiro de plantas nativas, atividades de pesquisa, limpeza e manutenção, preparo de refeições, cuidados com os animais e hortas;
- 3- Cuidado com os animais, horta e pomar;
- 4- Manutenção da horta, plantio e colheita;
- 5- Cultivo da horta, cuidado com as galinhas, limpeza da propriedade, cultivo do pomar;
- 6- Plantio, cozinha e construção.

16 – Sobre proibições na propriedade para os volunturistas:

GRÁFICO 15 – SOBRE PROIBIÇÕES AOS VOLUNTURISTAS



FONTE: A Autora (2019)

Especificações das respostas referentes ao item “outros”:

- 1- Drogas ilícitas, som alto, levar pessoas estranhas;
- 2- Visitas não autorizadas;
- 3- Entrar no escritório;

17– Sobre os principais motivos que incentivaram os proprietários implantarem o volunturismo:

- 1-Troca de saberes;
- 2-Cultura;
- 3-Conhecer novas pessoas;
- 4-Divulgação do cultivo orgânico e das alternativas sustentáveis para o plantio;
- 5-Aprendizado, troca de culturas e auxílio na manutenção da propriedade;
- 6-Fazer parte da comunidade.

18 – Sobre o que é considerado fundamental para investir no volunturismo – motivacional:

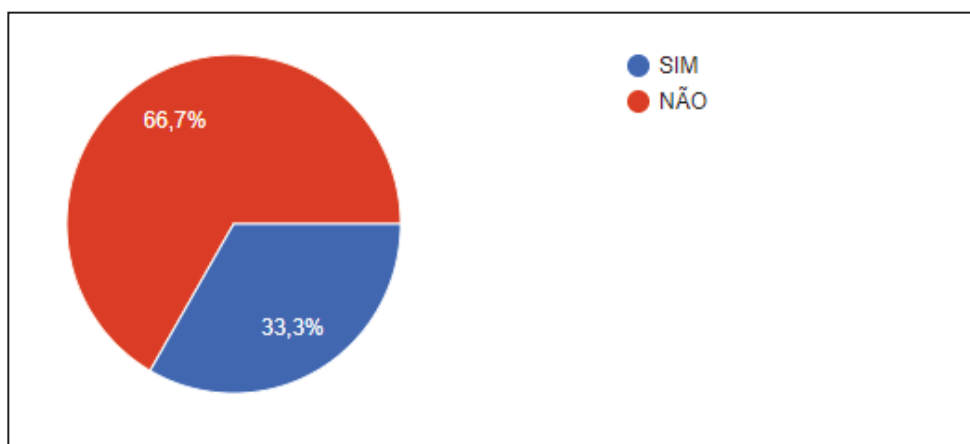
- 1-Agregar conhecimento;
- 2-Cultura;
- 3-Continuidade;
- 4-Conhecimento, oportunidade de conhecer novas culturas;
- 5-Integrar a comunidade.

19 – Sobre o que é considerado importante no contato com o volunturismo:

- 1-Reciprocidade;
- 2-Trocas culturais;
- 3-Troca de conhecimento;
- 4-Integrar a comunidade.

20 – Sobre se algum volunturista já se hospedou na propriedade sem ser pelo WWOOF:

GRÁFICO 16 – SOBRE A FORMA DE HOSPEDAGEM DO VOLUNTURSTA SEM A UTILIZAÇÃO DO WWOOF BRAZIL



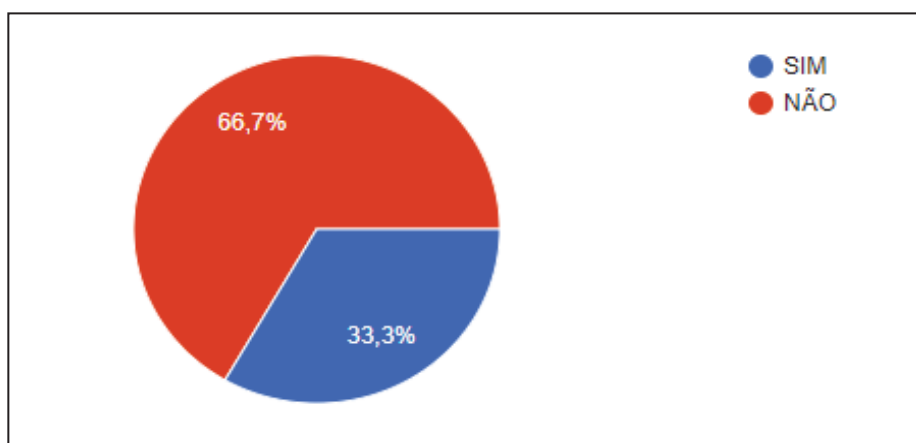
FONTE: A Autora (2019)

Aqueles que não utilizaram o WWOOF Brazil, fizeram a reserva por meio de:

- 1- Voluntários da Sociedade Chauá e conhecidos;
- 2- Pessoas de fora da cidade.

21 – Sobre ter problemas com os volunturistas:

GRÁFICO 17 – SOBRE PROBLEMAS COM OS VOLUNTURISTAS



FONTE: A Autora (2019)

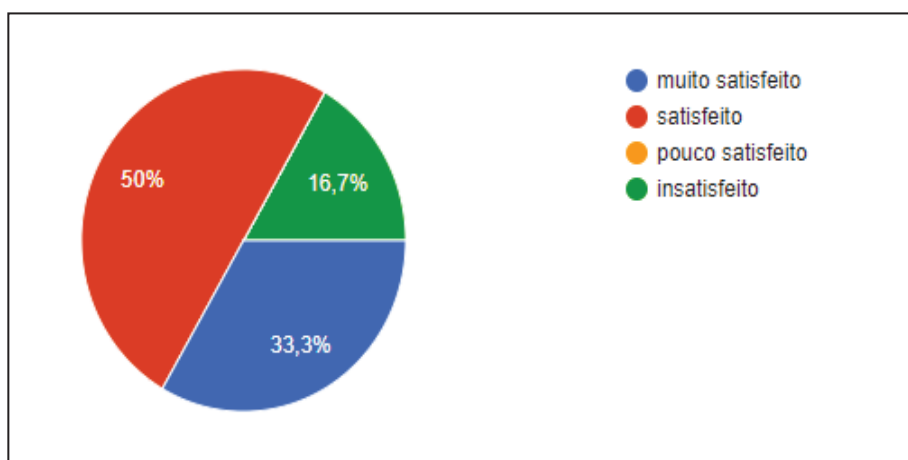
As duas respostas positivas foram:

1-O voluntário não se adaptou ao restante das pessoas que participavam das atividades;

2-Não teve acordo em relação aos serviços que tinham que fazer.

22 – Sobre o nível de satisfação com o volunturismo rural:

GRÁFICO 18 – NÍVEL DE SATISFAÇÃO DO PROPRIETÁRIO RURAL



FONTE: A Autora (2019)

Especificações:

1- “Em geral as pessoas que tivemos na chácara foram interessantes e dedicadas, dispostas a ajudar e aprender, eventualmente uma mão de obra qualificada e de agradável convívio que pareceram entender e apreciar o trabalho que fazemos aqui”;

2- “Acredito que ser voluntário não parte de todas as pessoas, gostamos e acreditamos fazer a nossa parte”;

3- “Conseguimos passar a mensagem sobre a produção de alimentos que respeitem a nossa saúde e a saúde do meio ambiente para jovens que estão formando opiniões e influenciando outros jovens”;

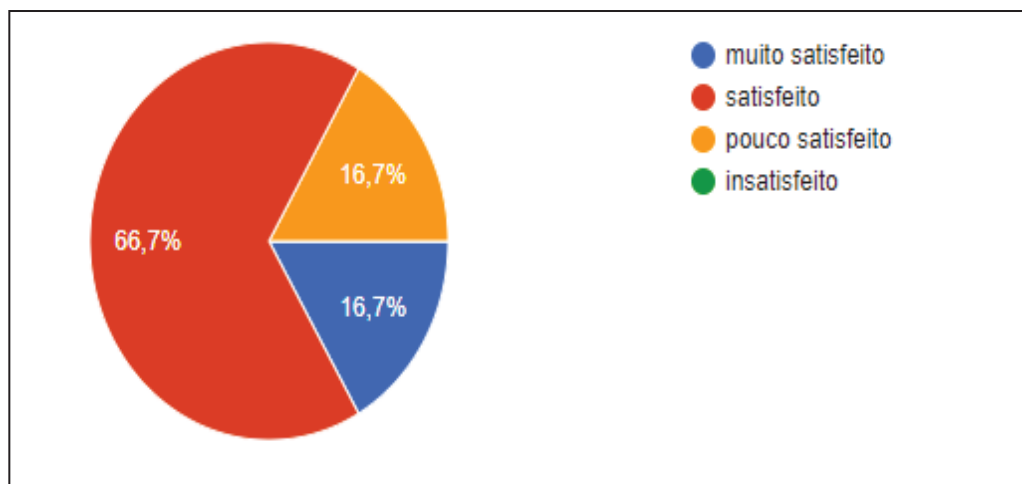
4- “Oportunidade para poder viajar, conhecer novas culturas, ter relacionamento interpessoal, aprendizado sobre a área rural”;

5- “Voluntários não estão preparados para fazer serviços mínimos”;

6- “Um dos proprietários respondeu que ainda não havia recebido ninguém”.

23 – Sobre o nível de satisfação do proprietário rural com o WWOOF:

GRÁFICO 19 – NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM O WWOOF



FONTE: A Autora (2019)

Especificações:

1- “Não obtivemos nenhum tipo de assessoria, o site é muito ruim e não há um sistema onde se possa conhecer melhor os candidatos a voluntários e nem mesmo as propriedades”.

2- “Se quiser ser voluntário, corre o risco de gostar ou não. No momento que não estivermos mais satisfeitos, temos a opção de desistir, mas por enquanto continuaremos com o programa”.

3- “O WWOOF só nos trouxe jovens de bem, de família, confiamos e temos segurança na rede de contatos que o projeto possui”.

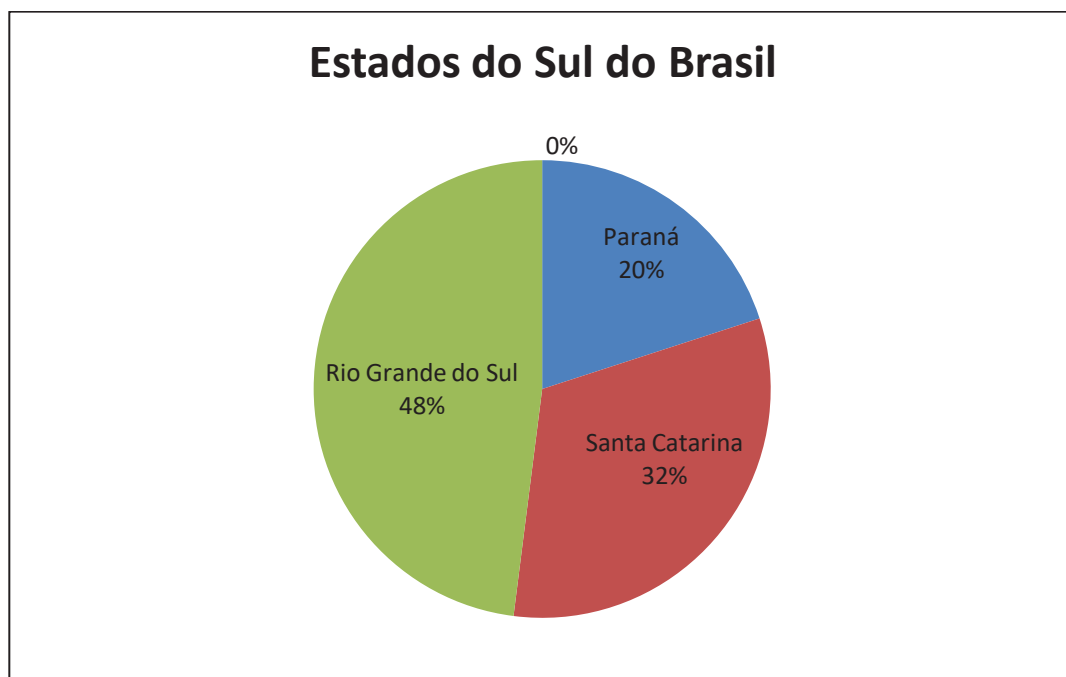
4- “Fui muito bem atendido pela equipe do WWOOF, e a instituição cada vez mais tem se mostrado um movimento sério, responsável e com qualidade”.

5- “Os voluntários são muito bons”.

6- Um dos proprietários não havia recebido ninguém.

APÊNDICE D – GRÁFICOS E LISTAS REFERENTE À ANÁLISE DOS DADOS DO *SITE* WWOOF BRASIL

GRÁFICO 20 – DISTRIBUIÇÃO DAS PROPRIEDADES ENTRE OS ESTADOS DO SUL DO BRASIL



FONTE: A Autora (2019)

Lista de Municípios por estado:

Paraná:

- Curitiba – 1 propriedade;
- Apucarana – 2 propriedades;
- Capitão Leônidas – 1 propriedade;
- Bocaiúva do Sul – 2 propriedades;
- Morretes – 1 propriedade;
- Quatro Barras – 1 propriedade;
- Maringá – 1 propriedade;
- Campo Largo – 1 propriedade;
- Londrina* – 2 propriedades.

*As duas propriedades na cidade de Londrina se descredenciaram durante a realização da análise dos dados da pesquisa.

Santa Catarina:

Praia Grande – 3 propriedades;
Florianópolis – 2 propriedades;
Timbé do Sul – 1 propriedade;
Joinville – 1 propriedade;
Santa Rosa de Lima – 1 propriedade;
São Lourenço D'Oeste – 1 propriedade;
Ibirama – 1 propriedade;
Urubici – 1 propriedade;
Imbituba – 1 propriedade;
Camboriú – 1 propriedade;
Angelina – 1 propriedade;
Campo Alegre – 1 propriedade;
Garopaba – 1 propriedade.

Rio Grande do Sul:

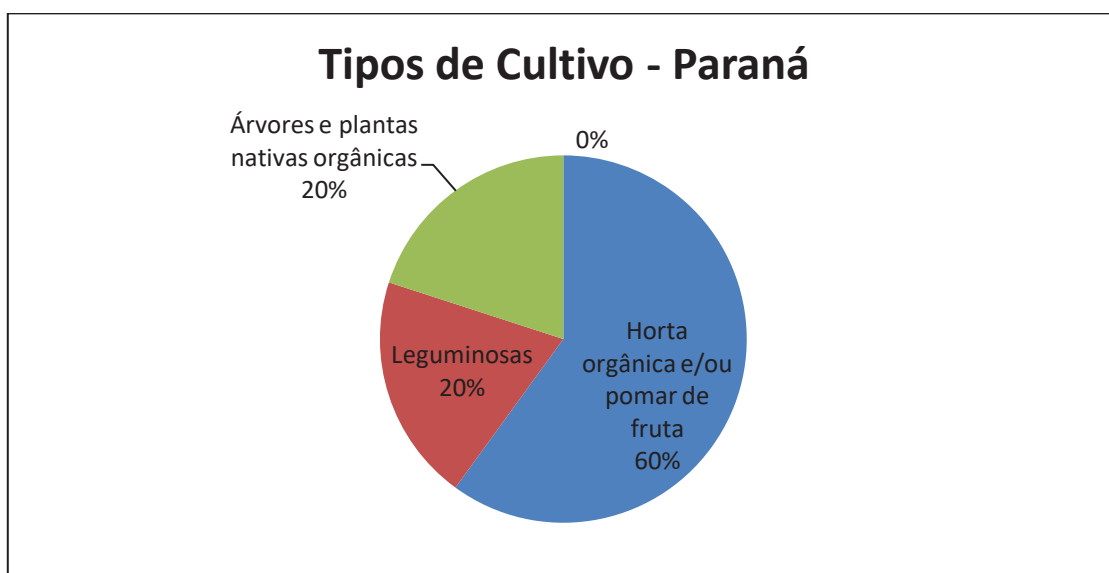
Nova Candelária – 1 propriedade;
Santa Maria – 1 propriedade;
Porto Alegre – 2 propriedades;
Nova Alvorada – 1 propriedade;
Venâncio Aires – 1 propriedade;
Horizontina – 2 propriedades;
Santana do Livramento - 1 propriedade;
Gramado - 1 propriedade;
Nova Petrópolis – 2 propriedades;
Canela – 2 propriedades;

Três de Maio – 2 propriedades;
Osório – 1 propriedade;
Viamão – 1 propriedade;
Santa Rosa – 1 propriedade;
Garibaldi – 1 propriedade;
Bento Gonçalves – 1 propriedade;
Três Coras – 1 propriedade;
Santa Cruz do Sul – 1 propriedade;
Sentinela do Sul – 1 propriedade.

Tipos de cultivo dividido por estado:

Paraná

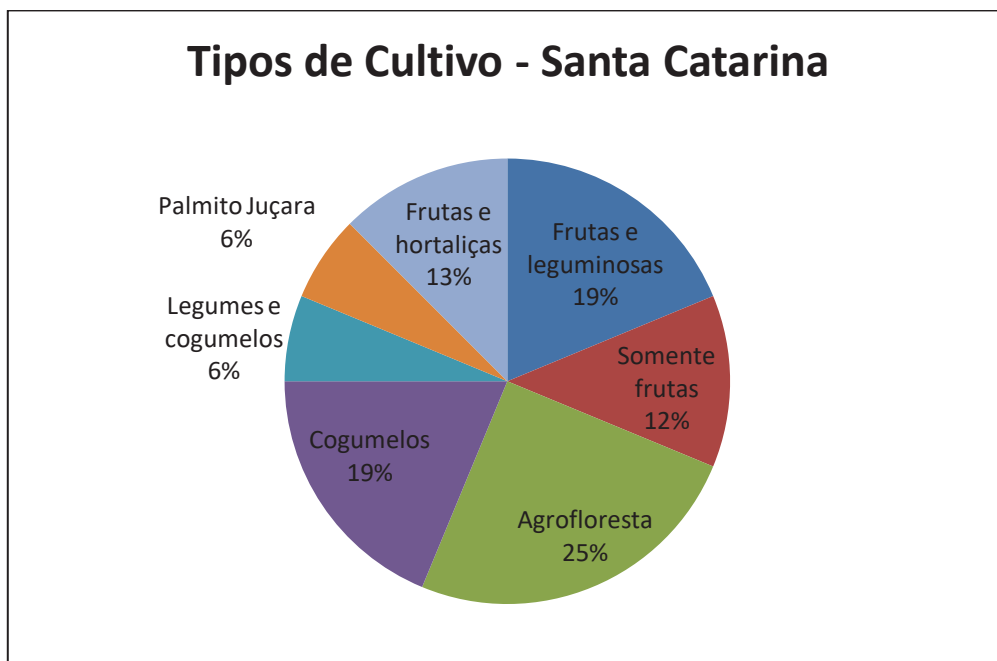
GRÁFICO 21 – TIPOS DE CULTIVO - PARANÁ



FONTE: A Autora (2019)

Santa Catarina

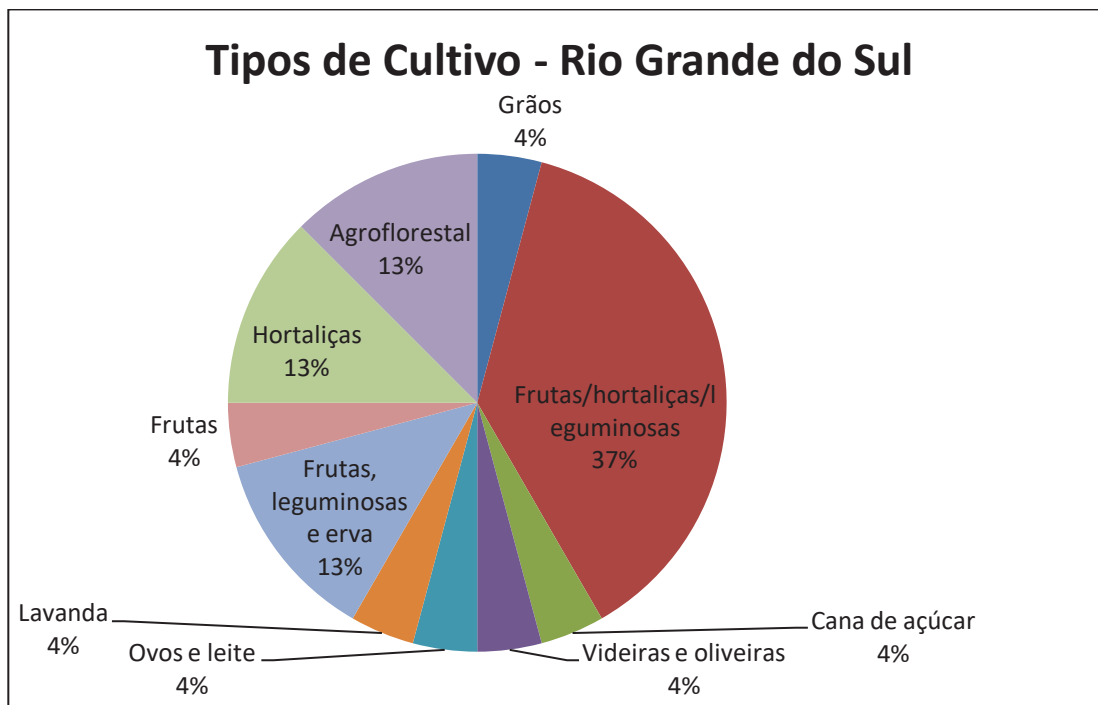
GRÁFICO 22 – TIPOS DE CULTIVO – SANTA CATARINA



FONTE: A Autora (2019)

Rio Grande do Sul

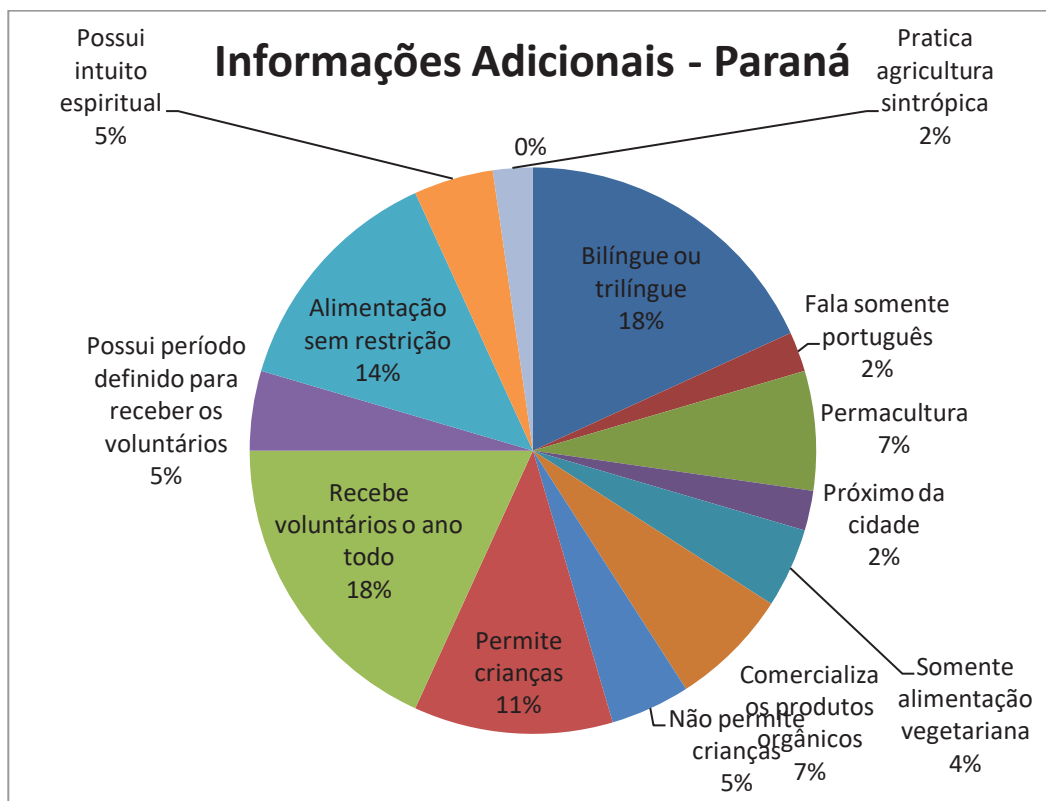
GRÁFICO 23 – TIPOS DE CULTIVO – RIO GRANDE DO SUL



FONTE: A Autora (2019)

Paraná

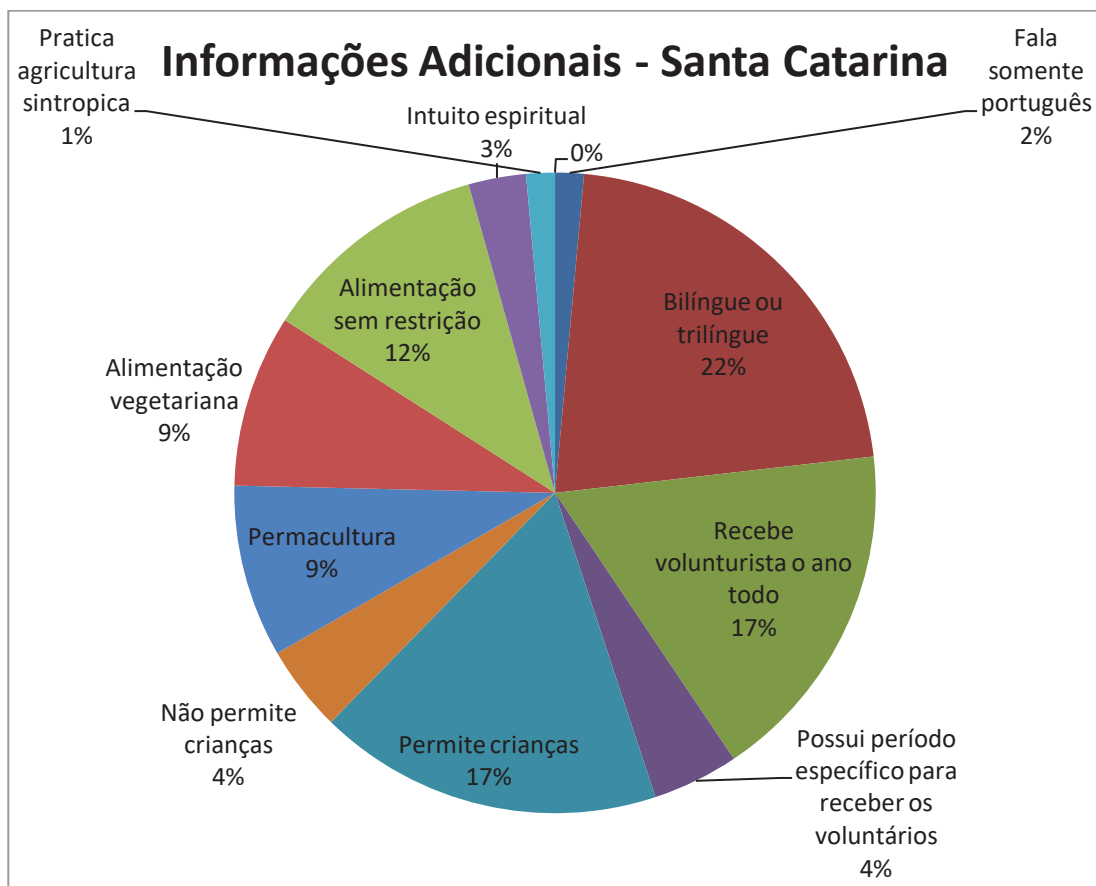
GRÁFICO 24 – INFORMAÇÕES ADICIONAIS - PARANÁ



FONTE: A Autora (2019)

Santa Catarina

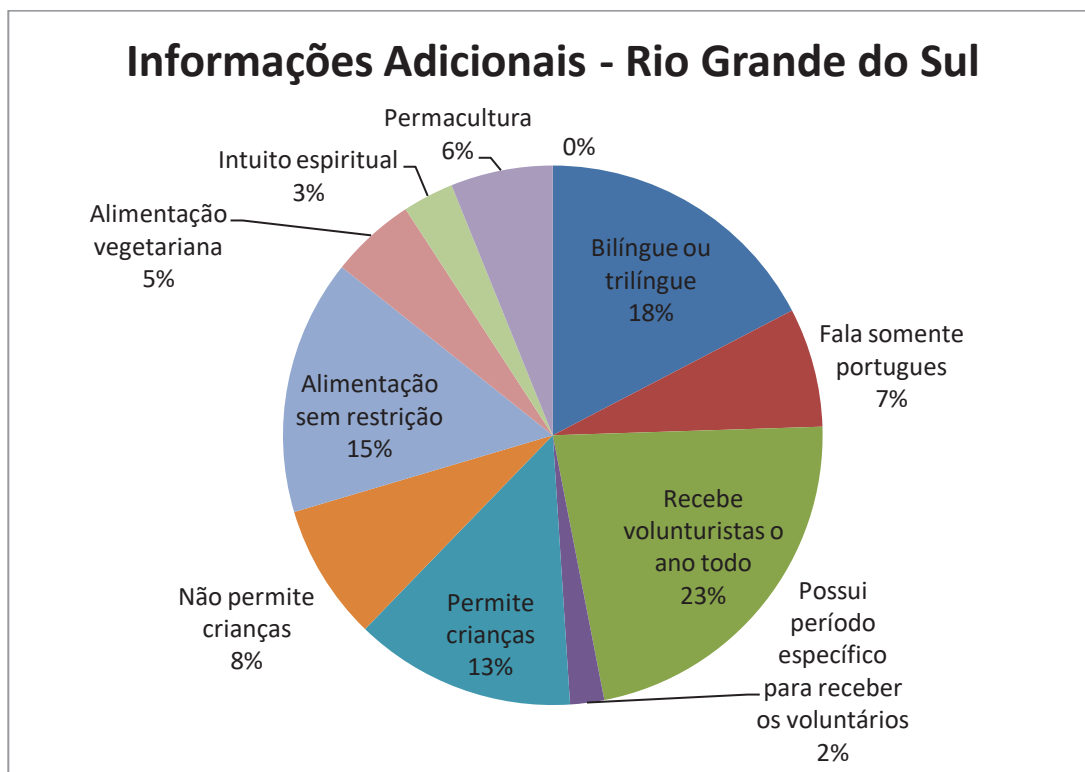
GRÁFICO 25 – INFORMAÇÕES ADICIONAIS – SANTA CATARINA



FONTE: A Autora (2019)

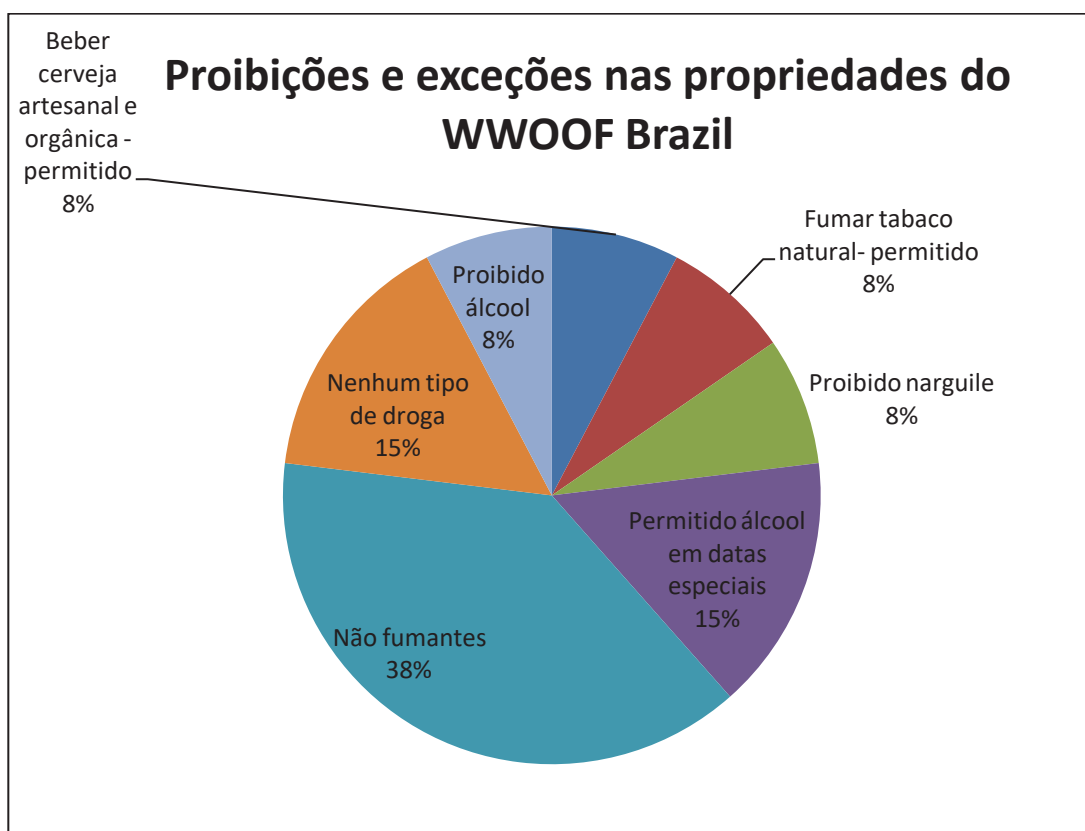
Rio Grande do Sul

GRÁFICO 26 – INFORMAÇÕES ADICIONAIS – RIO GRANDE DO SUL



FONTE: A Autora (2019)

GRÁFICO 27 – PROIBIÇÕES E EXCEÇÕES DO WWOOF BRAZIL



FONTE: A Autora (2019)

*Apenas sete propriedades deixaram especificadas essas informações. Paraná não teve nenhuma proibição.

ANEXOS

ANEXO 1 - IMAGENS DAS PROPRIEDADES DE VOLUNTURISMO RURAL NO SUL DO BRASIL

Imagens retiradas do *site* WWOOF Brazil (2019) mostrando alguns tipos de alojamento e cultivo de suas propriedades.

FIGURA 7 – CULTIVO DE HORTALIÇAS



FONTE: WWOOF (2019)

FIGURA 8: TIPO DE ALOJAMENTO PRÓPRIO



FONTE: WWOOF (2019)

FIGURA 9: ATRATIVO NATURAL DA PROPRIEDADE



FONTE: WWOOF (2019)

FIGURA 10: ALOJAMENTO



FONTE: WWOOF (2019)

FIGURA 11: TIPO DE CULTIVO



FONTE: WWOOF (2019)